



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PARTICULARIDADES E SIMILARIDADES DO REGISTRO RUPESTRE DA FAZENDA
MUNDO NOVO EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SE



Vanessa Santos Souza

Laranjeiras

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PARTICULARIDADES E SIMILARIDADES DO REGISTRO RUPESTRE DA FAZENDA
MUNDO NOVO EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SE

Vanessa Santos Souza

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação ARQUEOLOGIA como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.

Orientador (a): Dra Suely Gleyde Amâncio Martinelli

Agência Financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de
Sergipe – FAPITEC.

Laranjeiras

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Souza, Vanessa Santos

S719p Particularidades e similaridades do registro Rupestre da fazenda mundo novo em Canindé de São Francisco - SE/ Vanessa Santos Souza; orientadora Suely Gleyde Amâncio Martinelli. – Laranjeiras, SE, 2013.

150 f.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

1. Arte pré-histórica. 2. Pinturas Rupestres - Sergipe. 3. Arqueologia. 4. Antiguidades. I. Martinelli, Suely Gleyde Amâncio. II. Título.

CDU 7.031.1(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
ARQUEOLOGIA – PROARQ/UFS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

As 16 horas do dia 20 (vinte) do mês de fevereiro de 2013, reuniram-se na sala 03(três) do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, os membros da Comissão Examinadora, formada pelos Professores Doutores **Suely Gleyde Amâncio Martinelli** (Presidente - PROARQ), **Cristiana de Cerqueira Silva Santana**(Examinadora Externa - UNEB) e **Gilson Rambelli** (Examinador Interno - PROARQ), para a realização da Defesa de Dissertação de Mestrado intitulado “Particularidades e Similaridades do Registro Rupestre da Fazenda Mundo Novo em Canindé de São Francisco-SE.”, da mestranda VANESSA SANTOS SOUZA. Após a apresentação da candidata e a arguição dos membros da Comissão, a candidata foi considerada APROVADA. Não havendo mais nada a tratar, eu **Suely Gleyde Amâncio Martinelli**, presidente da banca, lavrei a presente Ata que será assinada por mim, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Campus de Laranjeiras, 20 de fevereiro de 2013.

Prof.ª. Dr.ª. Suely Gleyde Amâncio Martinelli
Presidente - PROARQ

Prof.ª. Dr.ª. Cristiana de Cerqueira Silva Santana

1º Examinadora Externa - UNEB

Prof. Dr. Gilson Rambelli

2º Examinador Interno – PROARQ

Vanessa Santos Souza

Candidata

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que com certeza sem eles não teria conseguido chegar até onde cheguei e aos meus amigos iluminados que sempre me orientam e me guiam!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que me apoiou todos esses anos de luta, aos meus pais José Sebastião e Maria Telma pelo incentivo, por sempre me aconselharem a lutar pelos meus objetivos e ao meu irmão Cláudio pela força e ajuda técnica quando precisei.

À Alexandre por sempre ter acreditado em mim e ter tido paciência nos meus momentos de estresse e por algumas vezes eu ter estado ausente, agradeço por todo seu amor e carinho. Agradeço aos meus guias espirituais pela direção e discernimento nos momentos que eu mais precisei de orientação.

Aos meus amigos que de longe sempre emanaram energias positivas para que eu conseguisse concluir mais esta etapa, agradeço muito por acreditarem em mim e desejarem o meu sucesso.

Ao decidir fazer o curso de Arqueologia tive a sorte de ter me deparado com pessoas essenciais na minha caminhada acadêmica e profissional. Agradeço profundamente à minha orientadora Dr^a Suely Amâncio Martinelli que desde o início de minha vida acadêmica sempre acreditou no meu potencial e me incluiu em seus projetos de pesquisas, sem falar que durante esses anos pude perceber a pessoa maravilhosa que ela é e que todos gostam e respeitam.

Outra pessoa importante no início da minha caminhada foi o professor Dr^o Gilson Rambelli, agradeço muito por ter aceitado o convite em participar da banca examinadora, além do apoio que me deu inicialmente assim que entrei no curso de graduação. Além destes grandes professores não posso deixar de agradecer a todos os outros que me ensinaram a pensar e agir como arqueóloga, quero dizer que tenho muito respeito e admiração a todos os professores de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC pela Bolsa de Estudo concedida durante o curso de pós-graduação em Arqueologia. Ao apoio do CNPq que contribuiu para a realização do projeto “Análise dos grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo no Núcleo de Arqueologia do Campus de Laranjeiras/ UFS/SE” coordenado pela pesquisadora Suely Gleyde Amâncio Martinelli.

Ao proprietário da Fazenda Mundo Novo, José Augusto, por sua simpatia e dedicação ao receber a nossa equipe durante esses anos de pesquisa, quero aproveitar para dizer que admiro muito a sua força de vontade em manter a fazenda apesar da falta de incentivo financeiro de órgãos públicos, instituições públicas e privadas.

Ao professor Dr^o Emílio Fogaça e ao Dr^o Jenilton Ferreira pelas dicas valiosas durante o exame de qualificação.

À Dr^a Maria Conceição Soares Meneses Lages que aceitou o convite em participar da banca examinadora na minha defesa de dissertação. Entretanto, por alguns imprevistos não pôde fazer da minha banca, mesmo assim sinto-me gratificada em ter aceitado o convite mediante a sua importância para a Arqueologia como uma das grandes referências dentro do estudo de preservação e conservação de sítios com Registro Rupestre.

À Dr^a Cristiana de Cerqueira Silva Santana agradeço muito por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora, sou muito grata por tê-la na minha defesa e muito grata pelas suas dicas e sugestões.

Claro que não posso deixar de agradecer aos grandes amigos que fiz no curso e durante os trabalhos dentro da Arqueologia. É complicado lançar nomes, pois não quero cometer a injustiça de deixar de citar alguém, mas existem aqueles que foram fundamentais na minha vida acadêmica e profissional, que foram bem próximos e maravilhosos comigo.

Em ordem alfabética para não causar ciúmes, agradeço de coração aos meus grandes amigos: Alba Rosane, Anderson Manoel, Lucas Ferreira, Madson Fontes, Márcia Rodrigues, Patrícia Santana, Priscilla Santana, Raquel Andrade, Roberto (Skip), Vani Piaia e Vânia Sales. Aos amigos que fiz durante o curso e/ou durante os trabalhos de campo como: Daivisson Santos, Damiana Alves, Felipe Farias, Gysnaya, Izabella Melo, Jenilton Ferreira (Ton), João Mouzart, Kedma Gomes, Sebastião Lacerda e Thaíssa Almeida.

Agradeço a todos os colegas do mestrado, todos nós sabemos a luta árdua que foi durante esses dois anos de curso, infelizmente o curso é abrangente e não pudemos obter mais contato presencial, mas quero deixar o meu agradecimento e toda sorte do mundo a todos que fizeram parte do curso. Mesmo que tenha sido sutilmente agradeço a presença de vocês e a troca de conhecimentos dentro e fora da sala de aula, desejo a todos muito sucesso pessoal e profissional.

Como arqueólogos pré-históricos, nós tentamos trazer o que está longe do nosso alcance. Mas acredito que os binóculos que usamos estão direcionados erradamente. Nós estamos indo no caminho errado e o que é trazido é enganoso... Para olhar ao redor, precisamos mirar nas ocultações das coisas a partir dos processos... A linha de base é entender que as pessoas reconheciam e retratavam as similaridades para resolver as diferenças.

Margaret Conkey, 1982: 127. (Tradução Própria)

RESUMO

A Região de Xingó situada entre os estados de Alagoas, Bahia e Sergipe possui um grande acervo arqueológico e desde a década de 1980 pesquisas estão sendo realizadas em prol do enriquecimento de dados a respeito do homem pré-histórico local. A partir dessas pesquisas iniciais foram estudados 15 sítios com grafismos rupestres entre os estados de Alagoas e Sergipe, onde foi constatado que o local apresenta particularidade temática entre os sítios com difícil inserção às tradições rupestres. No entanto, por meio de novas prospecções foi identificado um grande número de sítios com registros rupestres na região, foram catalogados os sítios da região alta de Xingó, a região do platô, de modo que foi observado que existem nesta área algumas concentrações de grafismos rupestres, dentre estas a que se encontra no território sergipano localizada na Fazenda Mundo Novo no município de Canindé de São Francisco, objeto de estudo desta pesquisa. A partir destas pesquisas preliminares, surgiram alguns questionamentos a respeito da particularidade e da originalidade gráfica presente em Xingó. Percebeu-se que na Fazenda Mundo Novo, os três dos seis sítios analisados neste trabalho, apresentam repertório temático em comum com o restante da região, da mesma forma que apresentam também elementos particulares e singulares, o que no faz pensar que a área de estudo pode ter sido um local de continuidade e consolidação cultural.

Palavras-chave: Pré-História, Grafismos Rupestres, Xingó, Sergipe, Fazenda Mundo Novo.

**PARTICULARITIES AND SIMILARITIES OF ROCK ART OF THE MUNDO NOVO
FARM IN CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SE**

ABSTRACT

Xingó's Region located between the states of Alagoas, Bahia and Sergipe has a big archeological heritage and since the 80's researches have been made in order to enrich the data related to the local pre-historical man. From these initial researches, 15 sites were studied with rock art between the states of Alagoas and Sergipe, where it was found out that the sites show a theme particularity among the sites with difficult insertion to the rupestrian traditions. However, through new diggings, a great number of sites with rupestrian records were identified. On this particular research, the sites of the uptown region of Xingó were classified, the plateau region, so it was observed that there are in the area some groups of rock art, among these ones, the one which is in Sergipe territory, located at Mundo Novo Farm, in the county of Canindé de São Francisco. From these initial researches, some questions came up in relation to the particularity and the peculiar identity rock art in Xingó. The Mundo Novo Farm, object of study of this research, presents a repertory with themes in common with the rest of the region, the same way that also shows particular and unique elements, what suggests that the area of study may have been a place of continuity and cultural consolidation.

Keywords: Pre-History, Rock Art records, Xingó, Sergipe, Novo Mundo Farm.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	XIX
ABSTRACT	X
SUMÁRIO.....	XI
LISTA DE TABELAS	XIII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	XIV
LISTA DE GRÁFICOS.....	XVI
LISTA DE QUADROS	XVII
APRESENTAÇÃO.....	XVIII
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
1.1 – IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA	25
1.2 – ESTUDOS DE SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NO BRASIL	37
1.3 – TRADIÇÕES RUPESTRES RECORRENTES NO NORDESTE BRASILEIRO	40
1.3.1 – TRADIÇÃO NORDESTE:	41
1.3.2 – TRADIÇÃO AGRESTE:	45
1.3.3 – TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO:	47
1.3.4 – TRADIÇÃO GEOMÉTRICA:	49
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
2.1 – PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA:	52
2.2 – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA:	58
CAPÍTULO 3 - LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DA REGIÃO DE XINGÓ	64
3.1 – INSERÇÃO AMBIENTAL :.....	65
3.2– HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NA REGIÃO DE XINGÓ E O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO ENCONTRADO:	66
3.3– DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS SÍTIOS COM REGISTRO RUPESTRE EM XINGÓ:	69

3.3.1– SÍTIOS COM REGISTRO RUPESTRE LOCALIZADOS NOS BOQUEIRÕES ASSOCIADOS AOS TERRAÇOS DO RIO SÃO FRANCISCO:.....	69
3.3.2– SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES SITUADOS NO PLATÔ SERGIPANO:	81
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE TIPOLOGICA DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DA FAZENDA MUNDO NOVO	85
4.1 - SÍTIO PATROCINA:.....	85
4.2 – SÍTIO JOÃO:.....	89
4.3 – SÍTIO CÂNDIDO:	93
CAPÍTULO 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO GERAL	104
5.1 – REPERTÓRIO OBTIDO A PARTIR DA ANÁLISE DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DA FAZENDA MUNDO NOVO:.....	105
5.1.1 - ANÁLISE GERAL DOS SÍTIOS E DOS PAINÉIS:	105
5.1.2 – DISTRIBUIÇÃO TEMÁTICA:	109
5.2 – ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS SÍTIOS:	118
5.3 – TENTATIVA DE ASSOCIAÇÃO ÀS TRADIÇÕES RUPESTRES:.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
APÊNDICE	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro sintético das interpretações sobre grafismos rupestres.....	32
Tabela 2 - Conceitos que utilizam o termo Tradição.....	40
Tabela 3 - Visão panorâmica dos tipos de figuras presentes nos sítios com grafismos rupestres em Xingó – Boqueirão.	72
Tabela 4 - Quadro Tipológico Geral dos sítios com grafismo rupestre em Xingó.....	72
Tabela 5 - Tipos de figuras presentes em cada sítio.	74
Tabela 6 - Registros Gráficos de Xingó, pesquisa realizada em 1999.	80
Tabela 7 - Sítio Patrocina – Distribuição do Quadro Tipológico Específico.	88
Tabela 8 - Sítio João: Distribuição do Quadro Tipológico Específico.....	92
Tabela 9 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1- Parede – Lado direito do sítio. ...	96
Tabela 10 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1 –Teto - Distribuição específica em porcentagem (%).....	97
Tabela 11 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 2 - distribuição específica em porcentagem (%).....	98
Tabela 12 - Sítio Cândido – Quadro Tipológico do Painel 3 – Teto – Distribuição Específica em porcentagem (%).....	99
Tabela 13 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 3 – Parede - Distribuição Específica em porcentagem (%).....	100
Tabela 14 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 3 – Teto Baixo – Distribuição específica em porcentagem (%).....	100
Tabela 15 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido - Distribuição Específica em porcentagem (%).....	101
Tabela 16 - Tipologia Geral dos Grafismos Rupestres encontrados nos três sítios analisados	116

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pintura Rupestre na Grotte de Rouffignac, França.....	26
Figura 2 – Tradição Nordeste.....	42
Figura 3 – Estilo Serra Talhada.....	43
Figura 4 – Estilo Serra Branca.....	44
Figura 5 – Estilo Ballet.....	45
Figura 6 – Tradição Agreste.....	46
Figura 7 – Tradição São Francisco.....	48
Figura 8 – Tradição Geométrica.....	50
Figura 9 – Nomenclatura dada às cores utilizadas nos desenhos dos painéis a partir dos decalques.....	61
Figura 10 – Painel do Sítio Patrocina: aparecimento de novos elementos gráficos a partir do uso do software Adobe Photoshop CS6.....	63
Figura 11 - Imagem de satélite do estado de Sergipe e município Canindé de São Francisco, área de pesquisa.....	64
Figura 12 - Região de Xingó, Canindé de São Francisco/SE.....	65
Figura 13 – Painel do Sítio Caibeira do Talhado – AL.....	70
Figura 14 – Painel do Sítio Maribondo – AL.....	71
Figura 15 – Painel do Sítio Talhado III – AL.....	71
Figura 16 – Painel do Sítio Letreiro/SE.....	79
Figura 16 - Visualização da Fazenda Mundo Novo.....	82
Figura 17 - Visualização dos Sítios de Grafismo Rupestre na Fazenda Mundo Novo.....	82
Figura 18 - Fazenda Mundo Novo no início do projeto PAX.....	83
Figura 20 - Vista geral do Sítio Patrocina.....	85
Figura 21 - Imagem do painel do Sítio Patrocina.....	86
Figura 22 - Painel elaborado do sítio Patrocina a partir de decalque e redução da figura em um quinto do seu tamanho real.....	89
Figura 23 – Vista geral do Sítio João.....	90
Figura 24 - Imagem do painel do Sítio João.....	90
Figura 25 - Painel do sítio João elaborado a partir de decalque e redução da figura em um quinto do seu tamanho real.....	93
Figura 26 - Sítio Cândido, visão frontal.....	94
Figura 27 - Comparação entre os sítios João à esquerda e Josefa à direita.....	106

Figura 28 - Presença de associação entre as figuras (A) e superposição de figuras (B)	107
Figura 29 - Teto: Grande antropomorfo com quase 2m de comprimento à esquerda associados às imagens da “lua” (A) e do “sol” (B) à direita.	108
Figura 30 - Sítio Dom Elder, possível temática biomorfa.....	108
Figura 31 - Sítio Toca do Angelim do Barreirinho, Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Mancha gráfica com figuras de contorno aberto. Fonte: Silva, (2008: 162).....	112
Figura 32 - Imagem a partir de decalque de um antropomorfo com contorno aberto do Sítio Patrocina.....	112
Figura 33 - Sítio Toca do Mulungu I, Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Mancha gráfica, grafismos puros e superposições.	114
Figura 34 – Sítio Patrocina painel com diluição das pinturas e descamação	119
Figura 35 - Sítio Patrocina painel Fratura na rocha afetando a pintura.....	119
Figura 36 - Sítio Patrocina - Salinização da rocha provocada pela eflorescência.....	120
Figura 37 - Presença de galeria de térmitas na parede	121
Figura 38 - Sítio Cândido descamação dos grafismos (A) e presença de térmitas (B).	121
Figura 39 - Passarela no Sítio Patrocina e proliferação de cupins pela estrutura.....	122
Figura 40 – Parte do Painel 1 do Sítio Cândido – temática biomorfa e geométrica.....	125
Figura 41 - Painel 1 do Sítio Cândido - lado direito da parede- possível cena com conjunto de biomorfos.....	126
Figura 42 – Sítio Cândido – Teto – Grande Antropomorfo	127
Figura 43 – Sítio Cândido – Teto – possíveis figuras fitomorfas.....	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quadro Tipológico do Sítio Patrocina com os motivos recorrentes, distribuição em porcentagem - %	87
Gráfico 2 - Quadro Tipológico do Sítio João com os motivos recorrentes - Distribuição em Porcentagem (%)	91
Gráfico 3 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1- Parede – lado direito do sítio	95
Gráfico 4 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1 – Teto - distribuição geral em porcentagem (%).....	97
Gráfico 5 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico Geral do Painel 2 - distribuição em porcentagem (%).....	98
Gráfico 6 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 3 – Teto - Distribuição Geral em porcentagem (%).....	98
Gráfico 7 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 3 – Parede – Distribuição Geral em porcentagem (%).....	99
Gráfico 8 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 3 – Teto Baixo - Distribuição Geral em porcentagem (%).....	100
Gráfico 9 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido com os motivos presentes - Distribuição em porcentagem - %	101
Gráfico 10 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido - Distribuição Específica em porcentagem – (%).....	102
Gráfico 11 - Distribuição Tipológica Geral em porcentagem das figuras encontradas nos três sítios analisados	109
Gráfico 12 - Distribuição Tipológica Geral dos Grafismos Rupestres encontrados nos três sítios analisados	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de figuras mais recorrentes do Sítio Patrocina	110
Quadro 2 - Tipos de figuras mais recorrentes do Sítio João	113
Quadro 3 - Tipo de figuras mais presentes do Sítio Cândido.....	115

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação tem como tema e objeto de estudo os grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo, situados no município de Canindé de São Francisco-SE, buscando-se fazer a sua inter-relação com os demais grafismos rupestres da região de Xingó já analisados anteriormente. Essa pesquisa surgiu a partir do projeto iniciado em 2010 pela professora e minha orientadora durante o mestrado, a arqueóloga Suely Amâncio Martinelli, o qual participei enquanto bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos sendo que cada um possui subcapítulos específicos.

Na Introdução é apresentado um breve histórico sobre a área de estudo que é a região de Xingó, assim como o propósito desta pesquisa, a partir do esclarecimento do objetivo geral e específicos. Também será visto os motivos que impulsionaram o estudo dos grafismos rupestres encontrados na região, como se desenvolveu o interesse em associar os dados já obtidos aos novos dados adquiridos a partir de uma nova análise dos sítios de registro rupestre encontrados na Fazenda Mundo Novo. A partir desta nova análise surgiram alguns questionamentos que nos motivaram a investigar a região, essas questões serão expostas neste capítulo.

No Primeiro Capítulo, intitulado **Referencial Teórico** foi feita uma discussão sobre a importância da Arqueologia, ciência que estuda o passado através da cultura material, a partir da premissa de que esta grande ferramenta nos possibilita uma compreensão mais ampla, quando possível, de determinado contexto cultural analisado. Pode ser visto também neste capítulo uma apresentação das correntes arqueológicas fazendo-se a contextualização das diferentes abordagens feitas ao estudo dos registros rupestres, assim como as problemáticas referentes à sua análise. Apresentando-se também as discussões que são feitas neste âmbito de pesquisa revelando o papel deste tipo de vestígio nas sociedades antigas e como ocorreram as primeiras pesquisas sobre os grafismos aqui no Brasil. Ainda neste capítulo foi feito o levantamento das tradições rupestres mais recorrentes no nordeste, assim como é apresentado um histórico sobre as pesquisas arqueológicas realizadas na região de Xingó.

No **Segundo Capítulo**, intitulado como **Procedimentos Metodológicos** é apresentado o enfoque tipológico ou arqueológico, enquanto método de pesquisa escolhido para a análise dos registros rupestres da Fazenda Mundo Novo, sendo este o mais utilizado no Brasil neste tipo de análise. Buscando-se também discutir as problematizações metodológicas para que se possa compreender a importância desta etapa na análise dos grafismos enquanto signos compostos por significados. É apresentado também, o material e as técnicas utilizadas para execução da análise pretendida.

No **Terceiro Capítulo, Localização e Caracterização dos sítios com Grafismos Rupestres da Região de Xingó** tem-se a apresentação da área de estudo, de modo que é apresentado os dois tipos de configuração espaço-ambiental da região, dividindo-a em platô e terraços. Também foi feito o levantamento dos estudos realizados nos sítios com registro rupestre da região de Xingó, tanto na área dos terraços quanto na área do platô, para que os dados que tínhamos sobre a região sejam contrastados com os novos dados obtidos com a presente pesquisa.

No **Quarto Capítulo**, é feita a **Análise Tipológica dos Sítios com grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo**, são apresentados os novos dados, objeto de estudo desta pesquisa, de acordo com a análise sistemática realizada nos três sítios analisados aqui: o Sítio Patrocina, o Sítio João e o Sítio Cândido, a fim de obter dados qualitativos e quantitativos para compreensão das particularidades e similaridades existentes entre os sítios e também para o levantamento do repertório simbólico, se possível.

No **Quinto Capítulo**, são apresentados os **Resultados e a Discussão Geral**, a partir dos dados obtidos com a análise dos sítios do platô sergipano, revela-se se há ou não relação destas figuras com as demais figuras encontradas em toda região de Xingó, e a partir das associações, verificar se há um repertório simbólico na fazenda e se esse repertório condiz com os sítios da região já analisados em pesquisas realizadas pelo Projeto de Salvamento Arqueológico do Xingó (PAX). Essas correlações são feitas a partir da análise geral dos resultados obtidos no presente estudo, mediante ao estudo da distribuição dos grafismos e da temática presente. Também é feito um levantamento do estado de conservação dos sítios, pois acredita-se que é de suma importância chamar a atenção para a preservação dos mesmos devido ao seu valor enquanto patrimônio cultural e ambiental, e por fim é feita uma tentativa de inserção às tradições rupestres.

Nas Considerações Finais, é feita uma discussão final baseada nos resultados obtidos com a configuração dos sítios da Fazenda Mundo Novo e sua inter-relação com os sítios de registro rupestre da região de Xingó, verificando-se se os questionamentos iniciais foram respondidos com a pesquisa, assim como se os objetivos aqui propostos foram alcançados. Com isso pretende-se ampliar o número de dados referentes à Arqueologia de Xingó e espera-se que esta pesquisa seja um incentivo para que os pesquisadores da área busquem no futuro uma compreensão mais profunda e ampla a respeito do mundo simbólico presente na região.

INTRODUÇÃO

A Arqueologia enfatiza o estudo da cultura material e trata de diversos aspectos materiais e ambientais que corroboram para a construção de um contexto no qual o homem estava inserido. Deste modo, existem duas linhas de estudo separadas cronologicamente: Pré-História e o Período Histórico. No que concerne ao contexto Pré-Histórico, o grafismo rupestre é um dos vestígios arqueológicos mais recorrentes em todo o mundo e no Brasil pode ser evidenciado em todo território.

Em toda região brasileira pode-se verificar a presença de um grande número de sítios com grafismos rupestres e a grande maioria destes sítios são encontrados em abrigos e paredões rochosos. No estado de Sergipe, a área arqueológica mais estudada até o momento é a região de Xingó, região que abrange os estados da Bahia, Alagoas e Sergipe (SILVA, 1997; MAX, 2000; VERGNE & NASCIMENTO, 2002). Os estudos no local se iniciaram a partir do final dos anos 80 do século passado e de acordo com o Projeto de Salvamento Arqueológico do Xingó (PAX), foi recebido auxílio tanto da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), quanto da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Nessa região já foi feito um levantamento de alguns sítios arqueológicos e já se pode ter uma noção a respeito de antigas habitações, seja a partir da análise do paleoclima, assim como da fauna e flora pretéritas e da observação do contexto arqueológico da região. No entanto, no que se refere aos grafismos rupestres, a região apresenta sítios com elementos gráficos diferentes do que já foi visto em outras regiões. Segundo Silva (1997: 9) “O registro rupestre da região de Xingó, embora mostre algum parentesco com várias tradições, não se enquadra facilmente em nenhuma destas”.

Ainda na Região de Xingó, a partir de estudos posteriores realizados pelo PAX, foram catalogados oito sítios com registro rupestre na Fazenda Mundo Novo, situada no município de Canindé de São Francisco no estado sergipano e divisa com o município de Piranhas no Estado de Alagoas. No entanto, em 2010 a pesquisadora e arqueóloga Suely Amâncio Martinelli iniciou uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), objetivando a atualização e revisão de dados para a realização de uma nova análise tipológica e identificação da temática simbólica presente nos sítios com registros rupestres localizados na Fazenda Mundo Novo.

Justifica-se este trabalho por ser necessário correlacionar esses novos dados com os dados anteriores, e mais ainda, inter-relacionar os grafismos presentes na Fazenda Mundo Novo com os sítios de registro rupestre já analisados na região de Xingó, para que assim sejam levantadas hipóteses quanto às temáticas tanto do platô, quanto dos terraços. Existe um grande número de sítios com grafismos rupestres na região e de acordo com a pesquisa realizada pelo PAX em 1999 mais de duas centenas estão espalhados por toda Xingó (VERGNE & CARVALHO, 2001), entretanto, ainda é preciso ser feito um estudo sistemático mais aprofundado, e essa é uma das nossas propostas de pesquisa, para que no futuro se possa compreender melhor o universo simbólico presente no local.

Como participante deste projeto, foi notória a distinção dos grafismos encontrados na fazenda e uma grande variedade tipológica das figuras também foi observada, de tal maneira que alguns sítios mesmo muito próximos possuem tipos de figuras diferentes, sendo que em alguns casos, remete-se a mais de uma tradição num mesmo painel ou sítio e/ou de difícil enquadramento nas classificações já estabelecidas. Outro ponto interessante condiz com uma temática fortemente presente, tanto nos sítios do platô, onde fica a Fazenda Mundo Novo, quanto nos sítios dos terraços já analisados pelo PAX.

O projeto encontra-se em andamento e já se pôde constatar a contrastibilidade com os dados instituídos anteriormente. Por isso que é de suma importância realizar uma nova análise tipológica dos sítios situados no local para que tenhamos novos dados a respeito do universo gráfico produzido pelo homem pré-histórico de Xingó. Na pesquisa atual foram identificados seis sítios com grafismos rupestres, ao passo que três sítios foram analisados pela nossa equipe, esses três sítios compõem o objeto de estudo desta pesquisa, contribuindo assim com novos dados a respeito da área de estudo.

Além disso, durante a pesquisa de campo, ficou evidente o processo de aceleração de degradação das pinturas, de modo que estas figuras encontram-se diretamente expostas à insolação e por isso encontram-se bastante diluídas. Esta pesquisa também é importante para alertar a comunidade científica e pública sobre o processo de degradação dos sítios. Entretanto, deve-se enfatizar aqui que este alerta não faz parte dos objetivos propostos aqui, porém não se pode deixar que informações importantes sobre o estado de preservação e conservação dos sítios sejam ignoradas e negligenciadas pela nossa equipe.

Durante as visitas da Fazenda Mundo Novo constatou-se a presença de fatores degradantes em outros sítios. Há forte incidência de fatores climáticos assim como a

insolação, fissuras nas rochas, a eflorescência, descamação da rocha e pinturas, assim como fatores biológicos como os microorganismos, os líquens, térmitas (cupins), além de depósito de sedimentos por animais como morcegos, vespas, etc. Outro fator influente é o antrópico, mesmo indiretamente, causou danos aos sítios, inclusive com a instalação de passarelas de madeiras próximas aos painéis de figuras rupestres.

No caso da Fazenda Mundo Novo, seja através de pesquisas já realizadas sobre a região e seja através da nossa pesquisa realizada desde o ano de 2010, constatou-se que o estado de conservação dos sítios de grafismo rupestre local encontra-se em estado de alerta. Foi possível observar uma série de falhas do antigo projeto promovido pelo PAX, dentre os quais destacam-se os erros nos antigos decalques das figuras, assim como na topografia dos sítios, além da ausência de informação sobre os fatores degradantes das figuras e painéis.

No trabalho realizado por Santos (2007) foram evidenciados tanto fatores degradantes naturais com a presença de microorganismos, os quais foram citados acima, como fatores antrópicos, como a retirada de elementos da pintura e inclusão de novos elementos degradantes. Outra crítica feita pelo pesquisador se refere ao fracasso do projeto turístico promovido pelo PAX de modo que com o passar dos anos, por falta de divulgação e estrutura a fazenda foi deixada de ser freqüentada e o proprietário teve que custear a manutenção da mesma. Santos (2007) destaca em seu artigo as irregularidades do antigo projeto promovido pelo PAX que visava o estudo e visitação popular dos sítios de Registro Rupestre da Fazenda Mundo Novo, no entanto o autor aponta para diversos erros cometidos pelo projeto que deram espaço para a sua ineficácia.

O que precisa ser esclarecido é que neste local existem vestígios de atividade humana presentes desde milhares de anos, a sua conservação e preservação é de extrema importância, não somente para o estado de Sergipe ou para todo o país, mas também para toda humanidade. Todos nós devemos pensar sobre a importância da conservação para a sua preservação e, por isso esta responsabilidade não diz respeito somente à comunidade científica, mas também a todo o público já que estamos diante de um Patrimônio Cultural e Natural.

Tem-se como objetivo principal a análise tipológica dos sítios de registros rupestres da Fazenda Mundo Novo, assim como fazer uma inter-relação dessas manifestações simbólicas do platô com os do terraço já analisados anteriormente pelo PAX, buscando-se assim

identificar as temáticas recorrentes e elementos que sejam específicos de cada área ou sítio, para que se possa evidenciar ou não a presença de um repertório simbólico.

Como objetivos específicos pretende-se: 1) analisar a localização e inserção ambiental, caracterizando-se as duas áreas estudadas, para que se possa compreender os ecossistemas aos quais os sítios das duas áreas estão inseridos; 2) fazer um estudo sobre as antigas ocupações na região Xingó de acordo com os dados já obtidos, para que se possa entender o contexto arqueológico da região; 3) verificar através das temáticas presentes nos sítios de grafismos rupestre, se existe um repertório freqüente nas duas áreas de Xingó (platô e terraços) para que se possa observar se a região compartilha de características comuns e quais elementos podem ser encarados como intrusivos e distintos; 4) ampliar o leque de informações sobre os sítios de registro rupestre do platô (Fazenda Mundo Novo).

Alguns questionamentos tentarão ser respondidos através dos objetivos aqui lançados, pois uma grande pergunta se faz ao perceber que existem áreas de concentração separadas na região de Xingó, será que os sítios de registro rupestre da área dos boqueirões possuem temática, distribuição espacial, tipo de suporte diferentes da área do platô? Outra questão é se existe um repertório ou modelo reduzido comum, que é visto aqui como expressões simbólicas de domínio comum nas duas áreas analisadas, para isso será necessário se fazer associações entre as semelhanças e diferenças entre as figuras de um painel e, por conseguinte entre os painéis e sítios.

Outra questão é sobre se existe uma noção de delimitação de território, visto que já pôde ser levantada em pesquisas realizadas pelo PAX, a existência de uma possível temática Geométrica na região, principalmente nos terraços, e também nos induz perguntar se é possível identificar se houve contato com outras temáticas ao mesmo tempo em que existe uma relação individual e particular que delimita um grupo.

Enfim, com o levantamento já analisado dos sítios de grafismo rupestre da região de Xingó e com os novos dados da região de platô sergipana poderá, mesmo que preliminarmente, ampliar a compreensão sobre o mundo simbólico dos antigos habitantes da região e quem sabe assim acabar incentivando que pesquisadores da área em questão no futuro procurem a região de Xingó para tentar responder questões que ampliem ainda mais o nosso entendimento não só arqueológico, mas também e principalmente público.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de qualquer análise científica, é necessário entender quais os embasamentos teóricos que sustentarão uma determinada pesquisa, quais os conceitos empregados e utilizados, qual o caminho metodológico a ser trilhado e quais questionamentos serão levantados. Por isto neste capítulo, será feito um levantamento teórico, não somente dos estudos dos registros rupestre, foco deste trabalho, mas também compreender este vestígio como um dos elementos que compõe o contexto arqueológico que aqui será levantado. Sendo assim, é necessário enquadrar o estudo em questão dentro da Arqueologia para que se possa entender o porquê e como, os dados aqui levantados serão analisados.

No estudo de grafismos rupestres é necessário que se tenha em mente a importância desse vestígio dentro da história, assim, poderemos inferir interpretações mais embasadas e consistentes. Para isso, é necessário entender que esse tipo de estudo só começou a ser enfatizado a partir da curiosidade humana em conhecer a sua própria origem. Entretanto, antes de tentar compreender essas manifestações gráficas, foi necessário buscar entender o que seria o próprio homem. Desta forma, o homem enquanto sujeito ativo, sempre demonstrou interesse em saber mais sobre o passado e conseqüentemente sobre si mesmo, por este motivo a curiosidade, desde tempos remotos e longínquos, despertou a busca pelas suas origens.

O anseio pelo passado perdurou de maneira gradativa de modo que as sociedades modernas se debruçaram veementemente nas ciências naturais com o intuito de atingir tal conhecimento. Desta forma, o interesse sobre os grandes monumentos, sobre as relíquias do renascimento, sobre os mitos ou sobre qualquer vestígio do passado humano, influenciou diretamente no nascimento da Arqueologia enquanto disciplina no século XIX (LEROI-GOURHAN, 1990; RENFREW E BAHN, 1993; TRIGGER, 2004).

2.1 – Importância da Arqueologia:

É importante ressaltar que a Arqueologia sempre passou por mudanças de paradigmas teóricos e metodológicos e conseqüentemente estas transformações influenciaram no estudo do registro rupestre. Outro detalhe importante é que antes da Arqueologia ser reconhecida

cientificamente, as paredes rochosas pintadas e gravadas, já chamavam a atenção da curiosidade humana e desde séculos passados já se tem notas a respeito dessas manifestações iconográficas (RENFREW E BAHN, 1993; MARTIN, 2005; SILVA, 2008).

No contexto nacionalista havia a necessidade muito grande de se conhecer o outro e por isso o século XIX é palco de grandes acontecimentos nas ciências exatas expondo como grandes reflexos desta busca pelas origens, os estudos do evolucionismo biológico proposto por Darwin e o estudo do evolucionismo cultural defendido por Spencer, este último voltado para ideias de cunho racial cuja cultura considerada primitiva ou selvagem caminhava rumo à civilização. Nesse período, os grafismos rupestres passam a ser analisados arqueologicamente na Espanha e França (**Figura 1**), o século XIX demarca a intensificação de estudos antropológicos e pré-históricos e é neste contexto que a Arqueologia ganha poder político e se transforma numa ferramenta importante para classificação e ordenação de grupos culturais (LEROI-GOURHAN, 1990; RENFREW & BAHN, 1993; TRIGGER, 2004; SILVA, 2008).



Figura 1 - Pintura Rupestre na Grotte de Rouffignac, França.

Fonte: SILVA, (2008).

Em sua primeira corrente teórica, o Histórico-Culturalismo centrava-se na cultura arqueológica, de maneira que, o registro arqueológico era analisado e evidenciado mediante

aos detalhes mais precisos e explicativos. A mudança nas culturas estava diretamente influenciada pelos fatores externos de acordo com a migração e a difusão. Esta vertente propunha que a invenção acontecia uma única vez num determinado núcleo cultural e, conseqüentemente ao migrar-se, se difundia em outros locais. Nesse período, houve a intensificação de pesquisas em sítios de registro rupestre, seguindo parâmetros estabelecidos pela escola descritiva (FUNARI, 2004; TRIGGER, 2004; SILVA, 2008).

Herdeira do nacionalismo do século XIX, a Arqueologia tem no modelo histórico-cultural sua teoria mais difundida. A partir da noção de que cada nação seria composta de um povo (grupo étnico, definido biologicamente), um território delimitado e uma cultura (entendida como língua e tradições sociais), formou-se o conceito de cultura arqueológica (FUNARI, 2004:01).

Já no século XX, no período pós-guerra com o enaltecimento das novas tecnologias, este paradigma é duramente criticado por se debruçar numa homogeneidade cultural, de modo que os grupos imortalizam os seus traços passando-os de geração para geração. Diante desta generalização e não diversidade cultural, a Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual recusa o Histórico-Culturalismo advogando a necessidade do uso da ciência para análise do comportamento humano. Dentre as principais características criticadas no historicismo cultural, os processualistas apontam o subjetivismo enaltificado, além do caráter normativo e ênfase na cultura material (RENFREW E BAHN, 1993; TRIGGER, 2004).

A Arqueologia Processualista, se apoiou no cientificismo nato, na teoria geral de sistemas, nas regularidades do comportamento humano, nas relações entre a cultura e o ambiente, além do uso da estatística como mérito quantitativo para análise dos sítios. Para Trigger (2004) o funcionalismo evidenciado pelo Processualismo rompeu com o reducionismo da escola anterior, evocando as culturas por meio do seu funcionamento enquanto sistemas. Entretanto, Renfrew e Bahn (1993) enquanto grandes defensores do Processualismo alegam que o que interessa para a Arqueologia é ter uma noção global de como as antigas sociedades se organizavam e como exploravam o seu entorno ou ambiente (enfoque ecológico). Percebe-se aí que a preocupação desses arqueólogos é de propor que existe um modelo padronizado pelas sociedades que pode ser observado através de suas leis de comportamento.

Os autores mostram a importância do trabalho arqueológico dentro do parâmetro científico e enfatiza que a Arqueologia é uma ciência humana que busca a formulação de hipóteses, utiliza-se do experimentalismo, mediante a contrastibilidade dos dados com os

questionamentos, para que por fim se possa elaborar um modelo ou padrão e entender as mudanças e processos ocorridos. “Pero también pretendemos entender por qué vivían de esa forma: por qué adoptaran esos patrones de comportamiento y cómo llegaron a adquirir forma sus modos de vida y su cultura material. Resumiendo, nos interesa explicar el cambio” (RENFREW & BAHN, 1993:14). Com esta vertente teórico-metodológica os grafismos rupestres passam a ser vistos como um dos elementos culturais que interage dentro de um sistema ou organização social.

Porém foram, sobretudo, os trabalhos de André Leroi-Gourhan que impulsionaram o debate e abriram novas possibilidades interpretativas para o estudo dos grafismos rupestres. Diferentemente do que pensava Breuil, que as acumulações de imagens deveriam ser casuais e independentes que representavam simplesmente “magia de caça”, Leroi-Gourhan estava atrás do anteprojeto do modo como haviam sido decoradas as cavernas (SILVA, 2008:36).

Ainda na discussão sobre as correntes teóricas, em contrapartida à escola funcionalista, Patterson (2007) alega que a Arqueologia Processual se interessa em desenvolver o objetivismo metodológico, diferenciando o objeto do observador, apoiando-se num marco referencial presente no comportamento observável diretamente, assim como delibera a objetivação do sujeito e defende a racionalidade econômica - onde os indivíduos atuam de acordo com uma ordem social e buscam tal melhoramento de modo que as relações sociais são conseqüências involuntárias dos indivíduos.

Para o autor, de acordo com os processualistas, o sujeito ou indivíduo não possui autonomia no âmbito social. “El individualismo metodológico de los precesalistas niega que las estructuras ou relaciones sociales puedan constrenir, capacitar o dar poder a los individuos, o incluso que existan em forma autônoma fuera de ellos (PATTERSON, 2007: 389). No fim da década de 1970 surgiram críticas a Nova Arqueologia (ou Arqueologia Processual). Muitas inquietações se fizeram contra o aspecto cientificista e contra o objetivismo exacerbado proposto por essa escola teórica. Desta forma muitos arqueólogos se pronunciaram expondo o seu repugno à Nova Arqueologia. Para Johnson (2000), o Processualismo encontrou barreiras quanto ao próprio sentido da significação de ciência e por propor testes direcionados causando certo conflito epistemológico já que a Arqueologia estuda o que se passou e deste modo as ideias e intenções humanas não podem ser testadas.

Críticas mais severas são feitas por Shanks & Tilley (1987) considerando a Nova Arqueologia como um renascimento da Arqueologia Tradicional por mais que estes reneguem à antiga escola. Para os autores, o uso do termo “Nova Arqueologia” foi necessário para remeter a uma ideia de avanço e de progresso de acordo com o positivismo vigente, ao passo que seu objetivo principal era explicar o passado e não mais descrevê-lo.

Probably all archaeologists would now agree that there have been major changes within the discipline but whether these amount to a revolution or anything really substantively new is a matter of personal belief or conviction and it is unlikely whether it can be established in any conclusive manner (SHANKS & TILLEY, 1987:30).

No fim da década de 1970 e início da década de 1980, muitas inquietações se fizeram contra o aspecto cientificista e contra o objetivismo arbitrário proposto pelo Processualismo e então é manifestado um alerta em prol da não separação do sujeito (pesquisador) do objeto, defendendo-se a premissa de que se façam inferências ao objeto através da subjetividade, abordando-se assim, a autonomia das esferas sociais e dos indivíduos (JOHNSON, 2000; FUNARI, 2006; PATTERSON, 2007).

Foi nessa efervescência de críticas ao Positivismo e Processualismo que novas ideias são introduzidas na Arqueologia na década de 1980. Ideias e reflexões que trouxeram à luz aquilo que estava se perdendo de vista nas pesquisas arqueológicas: o homem como indivíduo. E então surge o Pós-Processualismo ou Arqueologia Contextual, liderado por Ian Hodder, Shanks e Tilley. O Pós-Processualismo nega a ideia de que a ciência se faz de maneira neutra e objetiva. Ao contrário desta perspectiva, os pós-processualistas alertam para a não separação do sujeito (pesquisador) do objeto, já que de maneira ou de outra fazemos inferências ao objeto através da subjetividade (JOHNSON, 2000).

Percebe-se a partir desta discussão teórica que a Arqueologia sempre foi palco de grandes embates teóricos e metodológicos, todavia deve-se ficar claro que no presente trabalho, não se fará uso de apenas uma corrente teórica arqueológica, pois acredita-se que ambas podem ser utilizadas na pesquisa com finalidades diferentes, de modo que em determinado momento da pesquisa busca-se a classificação e ordenação dos dados (Histórico-Culturalismo), assim como os dados arqueológicos serão analisados de maneira sistemática para que se identifique um padrão de comportamento comum (Processualismo), e também será feita uma tentativa de interpretação dos dados do ponto de vista subjetivo e contextual (Pós-Processualismo).

De modo geral deve-se constar que a Arqueologia age como um importante veículo para a ciência, pois permite a interpretação das atividades humanas por meio da cultura material, de modo que estes testemunhos criados e deixados pelo homem, certamente refletem toda a complexidade e vivacidade pertencente a uma organização cultural. Desta forma, a presença do ser humano pode ser observada por meio de inúmeros vestígios materiais e naturais que fazem parte de todo um contexto cultural construído mediante aos vários elementos significativos que demarcam e identificam um grupo social (AZEVEDO NETTO, 2001; CARVALHO, 2003; GASPAR, 2003).

Sendo assim, se torna imprescindível numa pesquisa sobre o passado humano a aplicação da Arqueologia. Em sua definição clássica, a Arqueologia representava o estudo de coisas antigas *archaios*, antigo + *logos*, ciência, tratado (AZEVEDO NETTO, 1994). A Arqueologia estuda a cultura iletrada, ou seja, os aspectos da cultura que não são escritos. Apenas recentemente a Arqueologia ganha o caráter crítico seja como disciplina que produz interpretação ou como estudo da cultura material nos ensinando muita coisa sobre a vida de uma sociedade. O estudo arqueológico possui caráter complexo e nebuloso, a partir do momento que se busca conhecer o passado da humanidade, neste tipo de estudo várias lacunas permanecem em aberto e a veracidade sobre o objeto de estudo do arqueólogo se apresenta intangível, porém passível de interpretação e dinamismo (ORSER, 1992; RENFREW & BAHN, 1993; FUNARI, 2006).

Deste modo, a Arqueologia abre inúmeras possibilidades interpretativas e sua flexibilidade hipotética sugere a inclusão da interdisciplinaridade, não apenas das ciências humanas, mas também das ciências naturais e exatas. A verdade é que o estudo arqueológico é amplo e nos oferece diversas modalidades, ou seja, subdivisões que diferem em aspectos teóricos e metodológicos, sem precisarmos separá-los arbitrariamente. “La arqueologia es, en parte, el descubrimiento de los tesoros del pasado, el trabajo metódico del analista científico y el ejercicio de la imaginación creativa” (RENFREW & BAHN, 1993: 09).

Para Funari (2006), a Arqueologia não é apenas um trabalho de escavação e recuperar objetos ou separar o homem dos artefatos, para ele a cultura material e imaterial devem ser estudadas em um contexto histórico e por isso recentemente esta disciplina tem se expandido para qualquer época, como é o caso da Arqueologia Histórica que se trata de um passado recente, trazida pela arqueologia americana no século XX, a fim de estudar o mundo moderno

e sua cultura ameríndia. “A Arqueologia é a ciência que estuda as culturas a partir do seu aspecto material, construindo suas interpretações através da análise dos artefatos, seus arranjos espaciais e sua implementação na paisagem” (GASPAR, 2004:07).

Sendo assim, para esta vertente teórica, o sujeito leva consigo o seu juízo de valor ou moral, a sua impressão, os seus “preconceitos” e sendo assim infere a sua interpretação ao objeto, mesmo sem perceber. Neste momento, o mundo simbólico expresso nas paredes rochosas passa a ser analisado por meio de interpretações, o objeto, antes separado do sujeito, passa a ser encarado como um elemento significativo no processo de interpretação, sendo assim, o registro gráfico pré-histórico juntamente com os demais elementos arqueológicos é fundamental para a construção de um contexto histórico (JOHNSON, 2000; SILVA, 2008).

Observa-se na **Tabela 1** os diferentes tipos de interpretações feitas aos grafismos rupestres, isso demonstra a complexidade classificatória no estudo deste vestígio gráfico. Da mesma forma que se observa as variadas interpretações com relação a funcionalidade do registro rupestre, sendo este inicialmente encarado com funcionalidade religiosa ou mítica e posteriormente sendo visto como um elemento pertencente a uma estrutura social com a função de comunicar graficamente os preceitos estabelecidos por um grupo cultural.

Ao estudar as sociedades antigas, o arqueólogo se depara com vários aspectos sócio-ambientais que permaneceram conservados até tempos atuais. Sendo assim, na Arqueologia é estudada uma série de vestígios que comportam na compreensão, mesmo que fragmentária, do passado humano. Então pode-se atribuir interpretações a partir das associações que são feitas por meio da cultura material e o entorno ambiental.

Por outro lado, além de vestígios “culturais”, importam os vestígios “naturais” que informam sobre o paleo-ambiente: clima, vegetação, fauna e topografia, que mudam ao longo do tempo, influenciando as coletividades humanas. Além disso, não é somente a presença de vestígios que deve ser verificada, mas também a ausência de outros elementos: por exemplo, a exclusão de determinado animal de dieta é tão significativa quanto à presença de outro; a ausência sistemática de ossos de criança num cemitério pode ser tão importante, por exemplo, quanto a presença de esqueletos adultos (PROUS, 2006:14).

Tabela 1 - Quadro sintético das interpretações sobre grafismos rupestres.

Autores	Interpretações sobre os grafismos rupestres	Categoria de interpretação
E. Lartet e H. Christy (1865-1875); E. Piette (1907)	Significado decorativo e ocioso. Arte como ornamentação do lugar onde se vive.	Arte pela arte
S. Reinach (1903)	Prática propiciatória / magia simpática. Grafismos para controle e influência sobre o meio e a caça	Magia e religião
E. Durkheim (1912)	Relação Homem e entorno (flora e fauna): grafismos para culto aos antepassados, vinculação do indivíduo com o totem do clã.	Magia e religião
H. Breuil (1952); R. Begouen (1958)	Caráter religioso, arte cerimonial, ritual propiciatório em lugar oculto a não iniciados. A caverna é vista como santuário.	Magia e religião
P. J. Ucko e A. Rosenfeld (1967);	Motivação variada: econômica, social, comunicativa, religiosa. O contexto condiciona os grafismos.	Meio de comunicação
A. Leroi-Gouhan e A. Lamming-Emperaire (1962-1971)	Importância do contexto, organização social, marcadores étnicos. Sistema estruturado associa princípios opostos de caráter sexual. Caráter religioso – Santuário.	Estruturalismo
J. Clottes e M. Lorblanchet (1995)	A Caverna é vista como santuário. Busca por padrão interpretativo histórico-cultural.	Magia e Religião
A-M. Pessis (1987) R. Balbín e J. Alcolea (1999-2000)	Grafismos Rupestres como meio expressivo e comunicativo. Contextualização gráfica. Relação homem-meio	Meio de comunicação

Fonte: SILVA, (2008:37).

O vestígio arqueológico pode ser visto como um indício da presença humana e estes indícios podem representar parte da vida diária, como o aspecto físico, tecnológico, ritualístico, alimentar, patológico, ocupacional e assim por diante, juntamente com a correlação ecológica cria-se um levantamento hipotético a respeito do contexto arqueológico da área analisada (PROUS, 1992; RENFREW & BAHN, 1993).

Os vestígios arqueológicos são tratados por diversas diretrizes teóricas, mesmo muitos autores concordando quanto ao objeto de estudo arqueológico, muitos discordam quanto ao aporte teórico-metodológico empregado numa pesquisa. Não obstante, os vestígios oferecem uma gama de perspectivas que podem ser analisadas, seja mediante ao seu caráter técnico-funcional, cultural, sócio-ambiental, religioso, mitológico, ou simbólico. Porém, o que vai diferenciar na pesquisa é o olhar que é atribuído aos dados adquiridos, seja esse um olhar pragmático ou subjetivo.

Entretanto, existem pesquisadores que alegam que a cultura material indica não somente a funcionalidade dos vestígios em questão, mas também que, através destes pode-se ter uma visão melhor sobre a sociedade e suas transformações. Ian Hodder (1986) nos diz que a cultura material não existe por si só, nela está inferida a ação do indivíduo, assim como de uma sociedade em sua totalidade. Segundo o autor, por mais que sejamos induzidos a pensar que a cultura material é passiva às atividades humanas, existe na verdade uma relação bipolar de acordo com o tempo ou contexto histórico e conseqüentemente, de acordo com os significados instituídos em determinada época.

Desta forma, a cultura material representa o resultado da conformidade social, um complexo simbólico que representa a relação entre o indivíduo e o grupo a partir de um acordo em comum. Sendo assim, deve-se inferir à cultura material a ideia desta enquanto um elemento composto por um discurso social, agindo assim como uma representação material do contexto ou organismo ao qual está inserido. “Each use of an artefact, through its previous associations and usage, has a significance and meaning within society so that the artifact is an active force in social change” (HODDER, 1982: 10).

No texto de Miller (1982) é feita uma discussão sobre a importância da cultura material enquanto produto dos processos que caracterizam e legitimam os grupos culturais, funcionando dentro de um conjunto de princípios que delega as formas e a ordem organizacional, de maneira que, compartilha características e significados em comum. Observa-se que a cultura material faz parte de um processo categórico que estabelece um padrão ou modelo cultural delimitando assim a sua identidade. Neste sentido, analisa-se o objeto ou artefato arqueológico não apenas como uma expressão, mas também como um agente ativo na construção de um cenário no qual obteve papel fundamental. “The essential point is that no object has an intrinsic meaning; its meaning depends upon the place it is

assigned within this dividing up and active creation of the material world” (MILLER, 1982: 19).

Deve-se entender que através do registro rupestre pode-se tentar inferir interpretações sobre o comportamento humano a partir do pressuposto de que este vestígio contribui enquanto fonte de informação. É importante ressaltar que devido ao forte embate presente na literatura específica sobre se este tipo de vestígio deve ser analisado enquanto arte ou apenas enquanto registro, prefere-se adotar o termo “grafismo rupestre” entendendo-o a priori como um meio de comunicação. Sobre esta discussão ver MARTIN (1993), PESSIS (1993) E AZEVEDO NETTO (1994; 2001).

Estas representações foram primeiramente associadas à História da Arte. Inicialmente os arqueólogos cometeram atos levianos por inventarem significados imaginando o que os homens da antiguidade pensavam, para os autores, isso se deve à fase especulativa. Desta forma, foi de grande significância a contribuição de métodos científicos mais rígidos para desviar-se das falsas análises sobre o poder cognitivo. Nesta premissa, o funcionalismo enaltece o estudo do objeto mediante a busca de leis de comportamento por meio da ciência e de uma metodologia sistemática rigorosa para que desta forma não se cometam interpretações subjetivas e ilusórias (RENFREW E BAHN, 1993).

Essa afirmativa é defendida por diversos pesquisadores da área em questão, muitos não estabelecem significados às figuras, argumentando que o significado original está totalmente perdido no tempo e jamais pode ser recuperado (Pessis, 1993; Martin, 1993). Entretanto existe uma grande polêmica no que tange o estabelecimento de significados aos registros rupestres, alguns pesquisadores preferem não cometer tal ação determinista, porém outros defendem que por mais que o significado original não seja alcançado pelo pesquisador, já que existe uma grande lacuna que divide o passado e o presente, este é construído no momento em que se inferem interpretações a partir do contexto arqueológico analisado associado ao registro rupestre (AZEVEDO NETTO, 1994; SEDA, 1997).

Outra grande problemática na análise do registro rupestre diz respeito à conceituação dada a este tipo de vestígio arqueológico. Para alguns pesquisadores, este não deve ser encarado exclusivamente como uma forma de arte, pois se faz necessário designar a diferença entre a arte que conhecemos hoje da arte produzida pelos autores pré-históricos. Desta forma, o grafismo poderia ter servido como um veículo de informação mais abrangente seja para uma

afirmação de um grupo étnico e/ou como um elemento pertencente ao cenário de crenças, magia, status, ou até mesmo como delimitação de território (PROUS, 1992; PESSIS, 1993; MARTIN, 2005). Outros pesquisadores acreditam que o termo Arte Rupestre, pode ser admitido por ser de fato um produto estético, independentemente e paralelamente a outras funcionalidades do registro (AZEVEDO NETTO, 1994; SEDA, 1997).

Segundo Azevedo Neto (2001), devido ao forte embate a respeito da classificação e conceituação dentro do estudo da arte rupestre, muitas vezes essa área de estudo é isolada das demais por apresentar grande nível de complexidade interpretativo, isto acaba dificultando a troca de informações entre os próprios pesquisadores, informações estas que são fundamentais para a construção do conhecimento científico. Segundo o autor existem diversas vertentes teóricas e metodológicas as quais são utilizadas na análise dos grafismos rupestres, dentre elas se destacam a Etnográfica, Estruturalista, Funcionalista, Histórico-Materialista, Arqueológica e Cenográfica.

Para tentar entender o papel dos grafismos rupestres é necessário discutir sobre a sua funcionalidade. O Pós-Processualismo recusa o funcionalismo devido ao seu enfoque nas “coisas materiais” como se fosse um produto mecânico tanto do homem quanto da paisagem. Tanto a busca pelas leis gerais, quanto o suporte encontrado nas ciências para explicar a cultura no seu aspecto físico e usual são criticados pelos pós-processualistas. O principal foco para esses arqueólogos é pensar as sociedades a partir de interpretações do contexto, não apenas físico, mas também simbólico.

Segundo Jonhsen e Olsen (2000:102) “The alternative Hodder proposes is 'contextual archaeology', an interpretative strategy based on the claim that all understanding is historically and culturally situated”. Os autores sugerem que o objeto está fundamentado em determinado contexto cultural e que seus significados pertencem a um determinado período e grupo e por isso não podemos nos deter a leis gerais e atemporais.

Hodder (1992: 10) enfatiza que: “These symbolic meanings are organised by rules and codes which seem to be very different from culture to culture and which do not seem to be strongly determined by economic, biological and physical matters”. O autor não concorda com a generalização feita aos objetos sendo estes encarados como produto do meio. Ao contrário disto, ressalva que as ideias e os conceitos sociais são impressos na cultura material

influenciando na forma como esta é usada. E desta forma, ele mostra como o Estruturalismo é fundamental neste tipo de pesquisa.

Segundo Johnson (2000), o Estruturalismo difere do Funcionalismo por tratar a cultura como uma linguagem e não como um organismo. Para os estruturalistas cada sociedade é composta por regras ocultas que servem para “organizar” um grupo e construir uma identidade cultural, e estas regras são conjugadas também na cultura material. Da mesma forma que Renfrew e Bahn (1993) analisam os estruturalistas, esta escola observa as ações humanas, como reflexos do mundo de crenças e de conceitos, ao passo que o objeto se torna o produto de uma estrutura do pensamento de um grupo.

Diante destas observações pode-se resumir que os estruturalistas analisam a cultura material como uma linguagem e suas regras gramaticais. Entretanto, Hodder (1992) argumenta que existe uma diferença entre as duas coisas, na cultura material não existe tanta arbitrariedade entre o significante e o significado, já que o objeto é a própria representação desta relação. O autor alerta: “Material culture does indeed have a linguistic, abstract, referential component. It is partly organised into structured sets of differences by historical conventions. But we cannot limit the study of material culture signs to a linguistic type of analysis” (HODDER, 1992:184).

Ou seja, existe uma preocupação com o contexto, no seu sentido mais amplo, analisando-se tanto o aspecto simbólico quanto o aspecto físico do objeto. É interessante a ligação que Hodder (1992) faz entre a teoria e a prática, não só na análise de um sítio, mas também no entendimento da relação entre o objeto e a estrutura do contexto conceitual e ideológico. Nota-se, a importância de situar o objeto dentro de um conjunto de ideias que são responsáveis pela sua fabricação e uso, por este motivo, muitos trabalhos tem se desenvolvido tomando-se como parâmetro o estudo dos signos através da Semiologia.

The structural and symbolic emphases lead to an awareness of the importance of 'context' in interpretations of the use of material items in social processes. The generative structures and the symbolic associations have a particular meaning in each cultural context and within each set of activities within that context (HODDER, 1982: 9).

Para ter acesso as fontes potenciais de significação, deve-se analisar as principais características da vida humana, impressas na cultura material e na sociedade como um todo, observando-se a organização comum de diferentes domínios comportamentais presentes na vida humana. Precisa-se ver o registro gráfico como parte de uma relação efetiva e coletiva

que estabeleceu uma identidade cultural sem arbitrariedade. É neste sentido que o trabalho será levantado, será feita a análise do objeto a partir da ideia do registro rupestre enquanto fonte de informação, como um meio de comunicação que de acordo com a intencionalidade cultural expressa um repertório ou padrão simbólico comum e que as diferenças ou particularidades são importantes no sentido de identidade e continuidade de grupo (CONKEY, 1982; HODDER, 1982).

1.2 – Estudos de sítios com grafismos rupestres no Brasil:

Desde a colonização europeia na América do Sul, existiu um grande interesse em interpretar as imagens expressas nas paredes rochosas encontradas. Entretanto, pesquisas apontam que o território sul-americano é ocupado desde 12 mil A.P. e atribuem as pinturas e gravuras aos caçadores e coletores que povoaram o Brasil neste momento. No período colonial algumas dessas manifestações gráficas foram documentadas pelos cronistas, alguns desses textos podem ser conferidos nos “Diálogos das Grandezas do Brasil”, de modo que o contato visual com as imagens grafadas estimulava nos europeus certa curiosidade para descobrir os autores e os significados que as permeavam (MARTIN, 2005; GASPAR, 2006)

Prous (1992) faz uma ressalva com relação a esse período, ele argumenta que não houve um interesse, de fato, por parte da coroa portuguesa em conhecer mais sobre os grafismos rupestres e por isso poucos relatos se referem a essa questão. “Há, portanto, pouca coisa além dos relatórios cronistas. Sem dúvida, as autoridades coloniais não procuravam incentivar o estudo das antigas culturas indígenas, cujo resultado só poderia despertar o já incipiente nativismo brasileiro” (PROUS, 1992:05). O autor atribui esse desinteresse ao contexto histórico da época, neste período ainda não se estudavam os sítios arqueológicos, tal atividade só passou a ser exercida no século XVIII na Europa.

No início do século XIX, o estudo arqueológico passa a ser incentivado pela Coroa Portuguesa a fim de intensificar as explorações coloniais, e assim estudiosos como o botânico Peter W. Lund pesquisou mais de 800 grutas no país a fim de promover o estudo paleontológico e conhecer mais sobre a antiguidade do homem primitivo. Fins do século XIX e início do século XX com incentivo de D. Pedro II, instituições foram criadas com o papel de estudar a arqueologia brasileira, dentre elas pode-se citar o Museu Nacional, Museu Paulista e o Paraense (PROUS, 1992; 2006).

Todavia em quase toda região brasileira pode-se verificar a presença de um grande número de sítios com grafismo rupestre e a grande maioria destes sítios é encontrada em abrigos rochosos. Existe uma grande variedade temática por todo país e por isso a partir dos anos 1970 foi feita a sistematização dos dados obtidos a partir da análise das figuras. Sendo assim, ao seguir o modelo sistemático introduzido nos anos 1960 pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) onde se estabeleceram as tradições arqueológicas, foram definidas nove tradições de registro rupestre divididas em Nordeste, Agreste, São Francisco, Geométrica, Litoral Catarinense, Meridional, Amazônica, Geométrica e Planalto (GASPAR, 2006; PROUS, 2006). Ao ser observada a presença de complexos temáticos ou tradições em regiões diferentes foram estabelecidas sub-tradições ou fáceis, assim como a variação ocorrida dentro de uma mesma tradição passou a ser analisada como estilo (PROUS, 1996:73).

A escola francesa de Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire introduziu no país o método topográfico/etnográfico que a partir da análise de superfícies amplas e de decapagens por níveis naturais, possibilitou o estudo da diversidade ou não de estruturas arqueológicas, ou seja, possibilitou a análise de uma sociedade por meio do contexto arqueológico representado pela cultura material deixada. Esta escola teve grande influência na formação de pesquisadores em registro rupestre, dentre eles destaca-se Niède Guidon como uma das precursoras ao introduzir o estudo sistemático deste tipo de pesquisa nos anos 70 do século passado (ALVES, 2002).

Seu estudo teve como foco o SE do Piauí e após a evidenciação de temáticas diferentes, considerou que havia duas tradições (ou horizontes culturais) presentes naquele local, a Tradição Nordeste e Tradição Agreste. O conceito de Tradição é bastante discutido entre os pesquisadores, cuja definição original foi estabelecida pelo PRONAPA para estabelecer macro-divisões nas indústrias de cerâmica e lítica, entretanto foi utilizado como parâmetro na análise dos grafismos rupestres. Existem várias definições, mas percebe-se que há um consenso que generaliza o termo enquanto um conjunto de características e elementos comuns que definem e identificam um grupo social (PESSIS, 1993; GASPAR, 2003; MARTIN, 2005).

No que se refere ao registro rupestre, pesquisadores como Gabriela Martin, Niède Guidon e Anne-Marie Pessis determinam as tradições rupestres como representação visual de

todo um universo simbólico primitivo passados de geração a geração. Martin (2005) aponta várias definições, inclusive a estabelecida por Valentin Calderón em 1970, um dos preconizadores do estudo do grafismo rupestre de maneira sistemática no Brasil, Calderón define as tradições como o conjunto de características encontrado em diversos sítios e compartilhado por um complexo cultural. Segundo Martin (2005: 241), esse termo define:

Os tipos de figuras presentes nos painéis, as proporções relativas que existam entre os tipos e as relações que se estabelecem entre os diversos grafismos que compõe um painel. Os tipos que caracterizam uma tradição são estabelecidos a partir da síntese de todas as manifestações gráficas existentes na área arqueológica determinada.

Na definição de Pessis (1987; 1992) e Guidon (1989), as tradições são definidas enquanto classes de grafismo e a relação entre si são representações gráficas que manifestam características gerais e promovem identidade cultural. Prous (1992) também compartilha a ideia de que a tradição abrange um conjunto de unidades gráficas semelhantes.

Percebe-se que mesmo os autores buscando definições diferentes, existe alguma convergência a respeito do termo, o que acontece é que cada abordagem infere uma interpretação, sendo que cada interpretação propõe um mesmo objetivo final que pode-se resumir em identidades culturais. Para Azevedo Netto (2001: 62), “a fundamentação e conceituação precisa das ‘unidades classificatórias’ que são essenciais para o processo de organização dessas representações por tratar-se de um universo informacional extremamente complexo”.

Ou seja, mesmo com algumas críticas atuais a respeito da repetição conceitual sobre as tradições, o trabalho de sistematização dos registros foi fundamental para o estabelecimento de perfis culturais ou identificação de grupos étnicos. Outra observação importante feita por Azevedo Netto (2001) seria a inconsistência no uso dos conceitos, muitas vezes os próprios autores os redefinem com o decorrer do tempo e isso mostra a flexibilidade e o dinamismo no ato da interpretação e classificação. Na **Tabela 2** será mostrada uma visão panorâmica desta discussão elaborada pelo referido autor.

Tabela 2 - Conceitos que utilizam o termo Tradição.

AUTOR	DATA	ATRIBUTOS DE REFERÊNCIA
Calderón	1970	Conjunto de características associadas, complexo cultural ou grupo étnico, transmitida e difundida, no tempo e no espaço.
Chmyz	1976	Elementos ou técnicas, persistência temporal.
Prous	1980	Todas as unidades (sítios, painéis, etc.), mínimo de características comuns.
Aguiar	1982	Temática e interpretação da temática (dinamismo ou não, monocromia, policromia e etc.)
Guidon	1982	Temática
Schmitz et al	1984	Temática ou elementos técnicos idênticos e apresentam grande difusão material.
Seda	1988	Todos os elementos que formam um contexto cultural, inclusive a arte rupestre.
Martin	1994	Representação visual do universo simbólico primitivo, transmitida durante milênios.
Mendonça de Souza	1997	Seqüência de estilos ou de culturas, desenvolveram no tempo, continuidade cronológica.

Fonte: AZEVEDO NETTO, (2001:151).

Azevedo Netto (2001) observa que a “Temática” é um termo compartilhado com mais frequência entre os pesquisadores, assim como a “Persistência Cronológica” e o “Contexto Cultural”. Entretanto não cabe a este trabalho discutir com mais profundidade a respeito das definições sobre tradição, sub-tradição, estilo e variedade. A respeito destas classificações sugere-se a leitura dos autores citados acima e mais especificamente o texto de Azevedo Netto (2001) onde o mesmo abordou o tema em sua tese de doutoramento.

1.3 – Tradições Rupestres recorrentes no Nordeste Brasileiro:

1.3.1 – Tradição Nordeste:

A Tradição Nordeste está localizada não somente na região nordeste (PI, BA, PE e RN), mas também na região central (GO, MT) e sudeste do país (MG), ou seja, a sua inserção ambiental é bastante complexa possuindo várias características ecológicas desde área semi-árida e paisagens de serras (caatinga) como também com o clima tropical alternadamente úmido e seco nos estados de MG, MT e GO, com estação chuvosa e seca e vegetação de cerrado. Geralmente suas figuras são encontradas em abrigos e ao ar livre. Entretanto, acredita-se que essa tradição pode ter tido origem na região de São Raimundo Nonato – PI e tem como principal característica a grande variedade temática (GUIDON, 1989; PROUS, 2007).

O que mais caracteriza esta tradição são as figuras monocromáticas que representam inúmeras cenas do cotidiano como caça, dança, sexo e luta, ou seja, nesta tradição verifica-se grande dinamismo cenográfico, podendo-se inferir interpretações baseadas nos detalhes dos grafismos. Há a grande presença de antropomorfos, no entanto, o que a distingue é a concentração desses antropomorfos de tamanho pequeno (entre 5 a 15 cm) e geralmente pintados em movimento com rostos em perfil de boca aberta e com cocar. Pode-se notar também a presença de figuras zoomorfas, assim como a grande aparição de veados, emas, araras e tucanos, também pintados em movimento, sejam isolados ou em bandos (**Figura 2**). Uma característica que destaca esta tradição é a presença de pirogas (embarcações) e figuras naturalistas como árvores, de modo que as figuras geométricas são minoritárias (GUIDON, 1989-A1; PESSIS, 1989-A2; GASPAR, 2006).

A Tradição Nordeste é mais complexa de ser analisada por subdivisões. A Subtradição mais estudada é a Várzea Grande-PI (12.000 A.P), com cenas dinâmicas e até lúdicas, dividida em três estilos, o primeiro é o Estilo Serra da Capivara - PI a partir de 12 mil anos A.P. Essas figuras mais antigas são monocromáticas (variações de vermelho), mas com riquezas de enfeites (cocar) e atributos, nas figuras pode-se notar a ênfase do sexo masculino bastante destacado, além de ser um período variado em cenas e grande número de indivíduos (ETCHEVARNE, 1999-2000; PROUS, 2006; 2007).

Segundo Prous (2006), quando a figuras humanas se apresentam isoladas aparecem assexuadas e em grupo os sexos são demarcados, esse estilo se destaca pelo seu dinamismo, como cenas familiares, sexuais, de caça, rituais e árvores cercadas por uma grande quantidade

de pequenos antropomorfos, também são vistas muitas emas e cervídeos. Pode-se considerar que esta fase apresenta o estabelecimento de padrões gráficos que mesmo com a evolução estilística algumas características principais permaneceram, garantindo-se assim a perpetuação da tradição (PESSIS, 2003).

Os primeiros autores das pinturas, quando essas foram utilizadas com finalidade social, criaram regras gráficas, e a evolução estilística teve início a partir deste perfil inicial. Certas características próprias do estilo desapareceram posteriormente, no curso da evolução estilística. Permaneceram formas gráficas básicas que perduraram durante os seis milênios de existência (PESSIS, 2003:111).

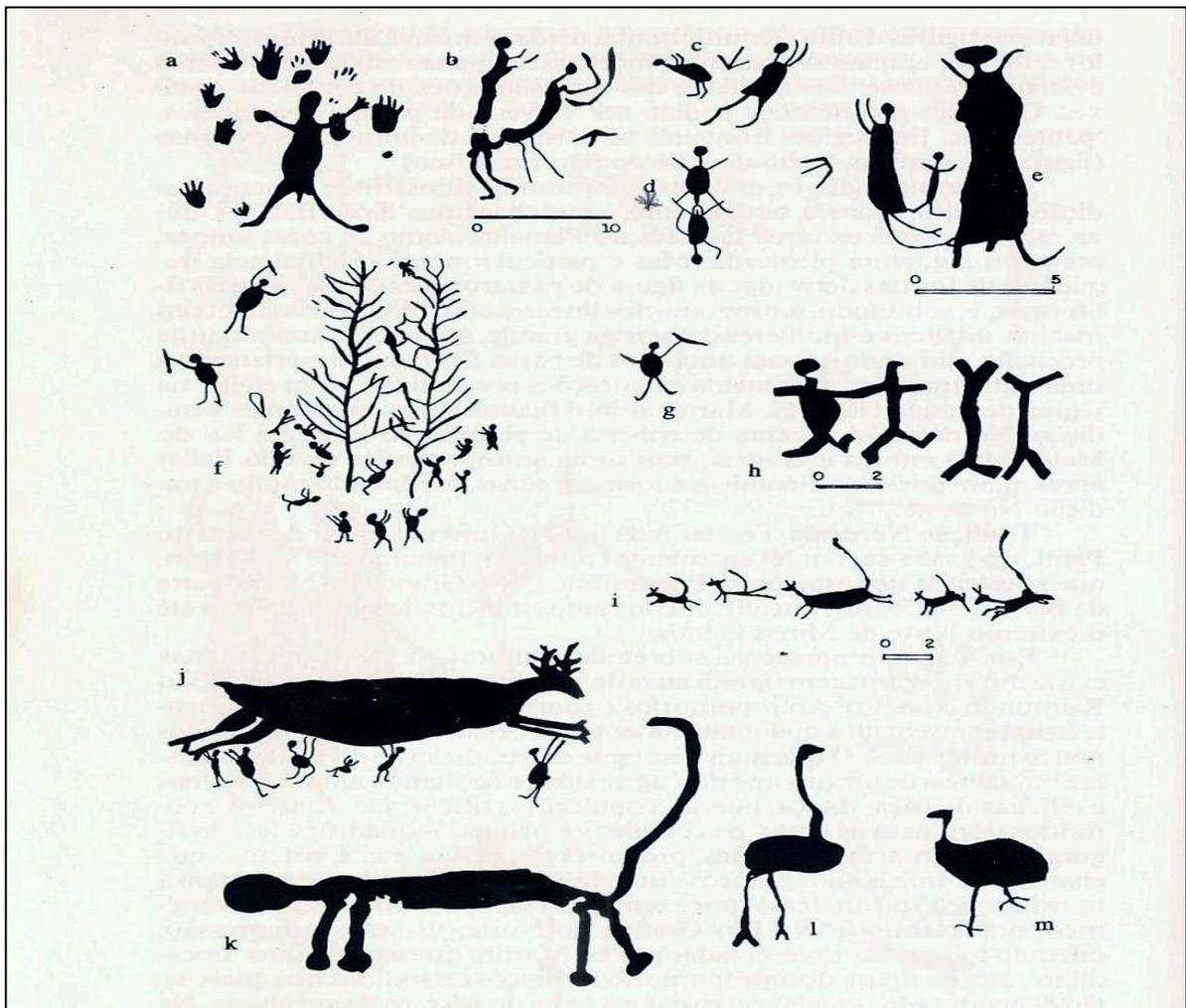


Figura 2 – Tradição Nordeste.

Fonte: PROUS, (1992).

O Estilo Serra Talhada - PI possui datação entre 8.000 e 6.000 A.P. com características ainda mais complexas, onde aumentam-se os atributos e as cenas de violência e de sexo vistas

em grupos. Segundo Gaspar (2006) e Prous (1992) essa fase é considerada o apogeu com o aumento de figuras antropomorfas miniaturizadas, com figuras nas cores vermelha, amarela, branca e preta. Pessis (1989-a2) descreve este estilo como fase de maior dinamismo das cenas, deformação morfológica dos antropomorfos, geralmente há a presença de bastonetes em fila e há a grande evidenciação de objetos. Essa fase é considerada como transição estilística (**Figura 3**).



Figura 3 – Estilo Serra Talhada.

Fonte: PESSIS, (2003).

O Estilo Serra Branca aparece por volta dos 7000 A.P com movimentos menos expressivos, com ausência de dinamismo, traços mais rígidos, implantação de uma característica peculiar que são as figuras retangulares com o corpo preenchido geometricamente seja na composição das figuras antropomorfas ou zoomorfas, complexidade nos arranjos temáticos e composições emblemáticas, outra característica importante é a bicromia (PESSIS, 1989-A2; GASPAR, 2006; PROUS, 2006).



Figura 4 – Estilo Serra Branca.

Fonte: PESSIS, (2003).

Ainda na Tradição Nordeste aparece a Subtradição Seridó (RN) representada por figuras pequenas e filiformes, além da presença rara de animais como cervídeos, onças, e principalmente de aves, dentre elas a representação de uma grande ave no centro de figuras antropomorfas. Outra forte característica é o aparecimento das pirogas geometrizadas e preocupação com a sexualidade, além de cenas de violência e lúdicas. Outro fator importante é a representação de figuras que aparecem com “bicos de pássaros” PROUS (1992; 2006).

Ainda aparecem pinturas em preto e branco se destacam como o Estilo Ballet, em Minas Gerais, onde é comum cenas de parto e figuras filiformes com sexo bem marcado. Deve-se ficar atento que esta tradição apesar de sua complexidade, pode ter características semelhantes com as demais, mas que se destaca pelas cenas em movimento e a grande variação temática, dinamismo e características fortes como as figuras antropomorfas com cabeças em forma de “caju” (PROUS, 1992).



Figura 5 – Estilo Ballet.

Fonte: PROUS, (1992).

1.3.2 – Tradição Agreste:

A Tradição Agreste está localizada no Nordeste Brasileiro (CE, RN, BA, PB, e PI) e mais precisamente no agreste de Pernambuco e da Paraíba e sudeste do Piauí. No entanto segundo Prous (2007) também pode ser encontrada em Minas Gerais e Goiás. Esta tradição está inserida num clima semi-árido, tendendo a seco pela irregularidade de ação das massas de ar, com vegetação de caatinga. Suas figuras são encontradas próximas a fontes de água, acampamento ou habitação, com pinturas feitas em abrigo (**Figura 6**). As pinturas mais antigas possuem datação de 11 mil anos A.P. (GASPAR, 2006).

Com relação às características desta tradição pode-se dizer que ela também apresenta complexidade temática, assim como a Nordeste, a figura antropomorfa é bem enfatizada e destacada com preenchimento das pinturas com corantes vermelhos (MARTIN, 2005). No

entanto, não existem cenas, são figuras estáticas e esquematizadas. Uma forte característica são os “bonecões”, antropomorfos grandes com aspectos grotescos com aspecto emblemático. Encontram-se também figuras zoomorfas como aves, quadrúpedes e lagartos, de modo que é frequente a presença de pássaros com asas abertas e longas parecendo “homens-pássaro” (PROUS, 2006).

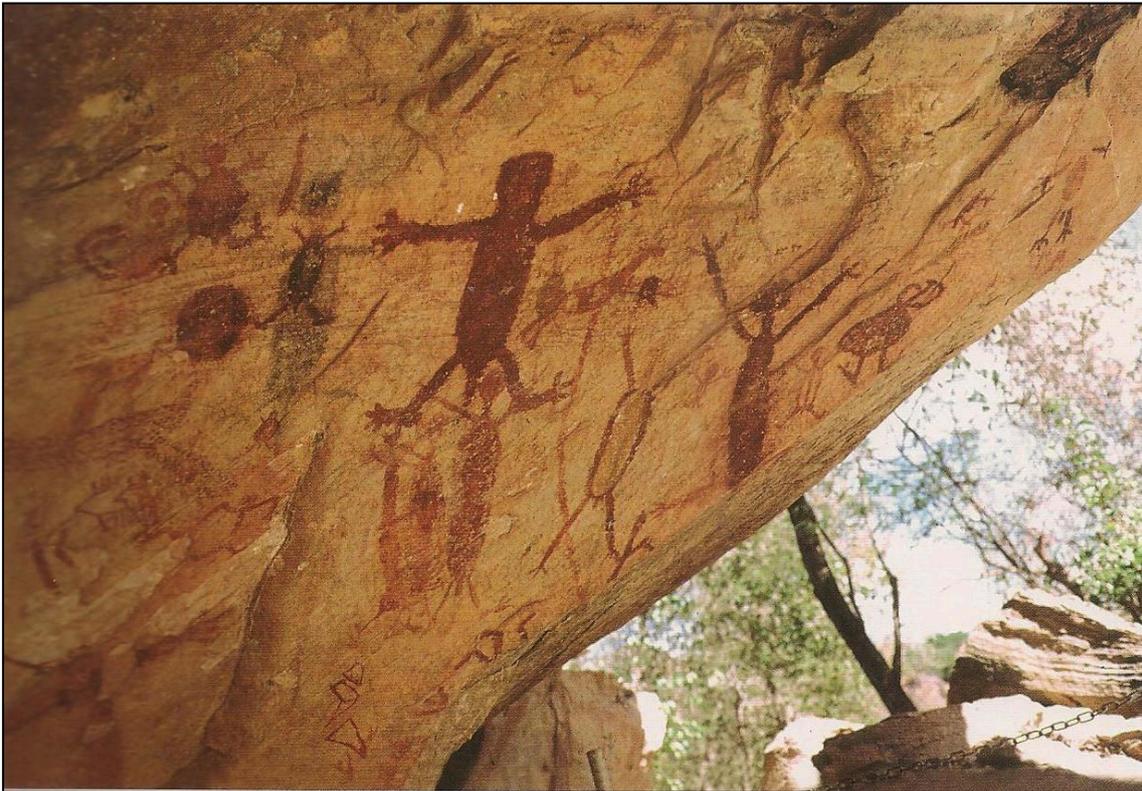


Figura 6 – Tradição Agreste.

Fonte: PESSIS, (2003).

Segundo Martin (2005) e Prous (2006), outras características que a distingue são os grafismos puros como os labirínticos, grades, espirais, e conjunto de pontos, além de sua técnica de pintura com traços elaborados ou não, e principalmente pela presença de carimbos e mãos em positivo com pigmentação em variações de vermelho. Outro detalhe destacado por Prous (2007) são as articulações dos joelhos e cotovelos demarcados por círculos. Já as figuras zoomorfas segundo Martin (2005) são representadas por aves, quadrúpedes, quelônios, lagartos e peixes. O interessante dessa tradição é que ela está toda situada na região nordeste, desta forma, é frequente encontrar algumas pinturas sobrepostas às da Tradição Nordeste.

Uma semelhança com a Tradição Nordeste são os antropomorfos segurando bastões ou artefatos e o uso de cocar, suas pinturas são preenchidas com ocre bem escuro e seus

grafismos se diversificam. É interessante notar que esta tradição não é uniforme, pois ela possui diversidade temática. Ela ainda possui subtradições como o “Cariris Velho” (PB, PE) que é a base da tradição com registros próximos a fontes de água e acampamentos, uma forte presença de mãos em positivo, além de carimbos, bonecos e grafismos puros bem elaborados. A Subtradição “Apodi”, no Rio Grande do Norte, é representada por grafismos puros, pela aparição freqüente de lagartos, araras e mãos em positivo. Sua datação está em torno de 6.000 a 2.000 AP. É importante frisar que esta pode ser uma mistura das tradições Nordeste e São Francisco (PROUS, 1992; MARTIN, 2005).

1.3.3 – Tradição São Francisco:

A Tradição São Francisco que está localizada, segundo Gaspar (2006) no Vale do São Francisco (MG, BA, SE, GO E MT), enquanto Prous (2007) acrescenta a sua presença nos estados de (TO, PI) e até na Bolívia. As pinturas e gravuras feitas na região do vale São Francisco são encontradas em rochas, em blocos tombados e paredes em ar livre, além de cavernas e abrigos, na região é comum a presença de calcário e arenito. São encontradas figuras feitas a mais 10m de altura, o que pode indicar que havia organização social de modo que o homem pré-histórico se mobilizava para criar a sua arte em lugares tão altos.

Entre as principais características das figuras desta tradição pode-se destacar que não há cenas, com grande freqüência de grafismos geométricos elaborados como figuras lineares de modo que algumas em formato de redes. Nota-se também a presença de poucos antropomorfos e zoomorfos como peixes, pássaros, cobras, sáurios e tartarugas, segundo Gaspar (2006), enquanto Prous (2006) acrescenta aranha, quadrúpedes, tamanduás e lagartos **(Figura 7)**.

Esta tradição passa por evolução nos estilos um mais antigo onde a figuras são monocromáticas (vermelha), com representações de objetos, armas, maracás, redes. Entretanto que num período intermediário notam-se pinturas intrusivas com aplicação de bicromia e destacando os grafismos em pontos mais altos dos painéis (GASPAR, 2006; PROUS, 2006).

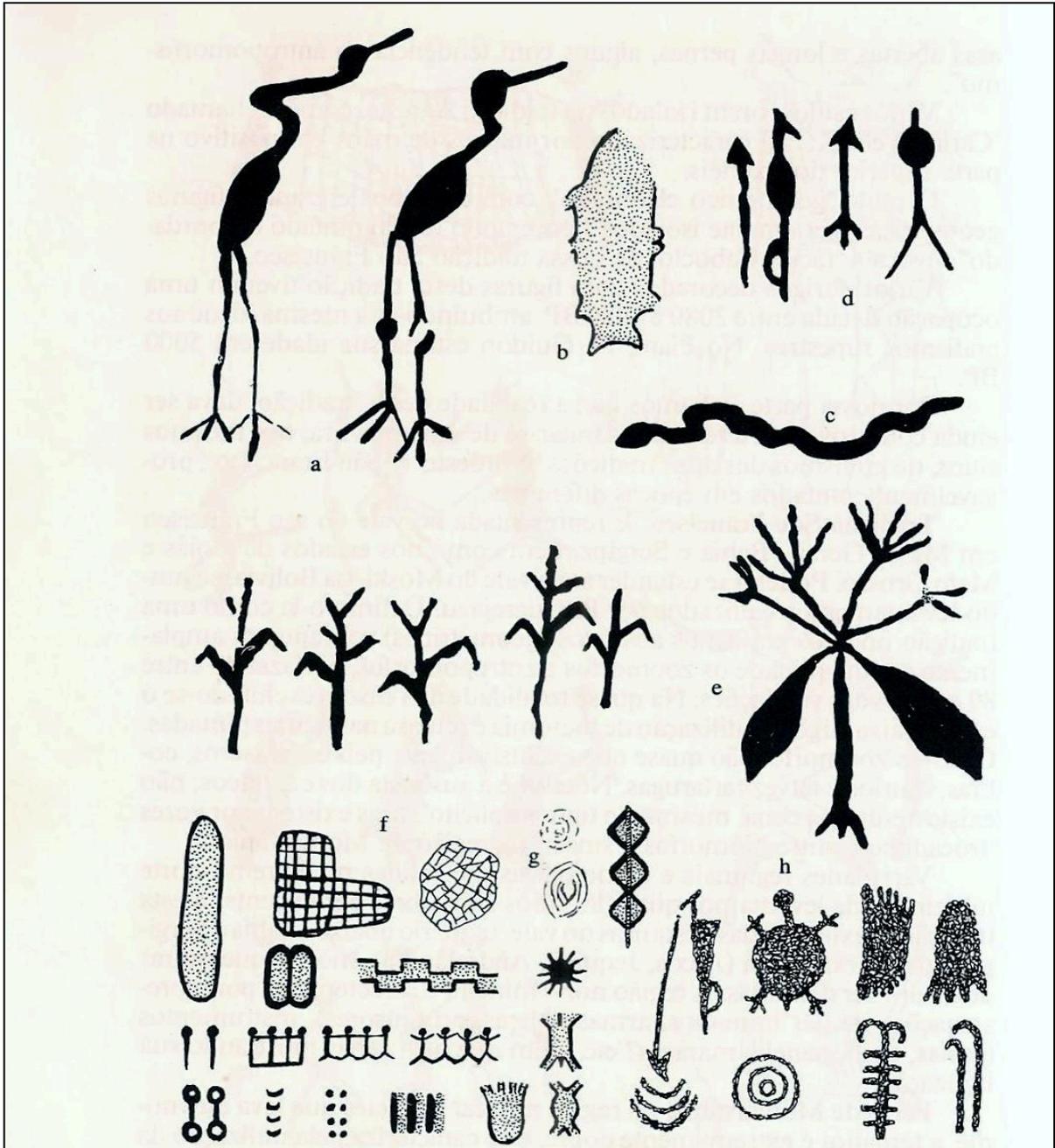


Figura 7 – Tradição São Francisco.

Fonte: PROUS, (1992).

Nesta tradição percebe-se possíveis figuras com representações de plantas e vegetações, como de mandioca e o cacto, além de muitas representações naturalistas como coqueiros, milhos, animais, logo após essa fase percebe-se a inclusão de figuras gravadas com picoteamento. As técnicas de pinturas mais vistas são os carimbos e chapados, enquanto que nas gravuras observa-se o picoteamento e a pigmentação.

1.3.4 – Tradição Geométrica:

A Tradição Geométrica está localizada em quase todo Brasil fica desde o planalto sul até o nordeste. Está inserida num ambiente diverso, ou seja, de climas diversos como o clima tropical, com estações mais definidas e vegetação de cerrado, assim como um clima semi-árido tendendo a seco e vegetação de caatinga. Suas figuras podem ser encontradas tanto próximas a cachoeiras (na região setentrional), com suporte em pedras ou blocos gravados e cobertos por água. Ou em região meridional onde as gravuras são encontradas longe da água e geralmente em serras e paredões (PROUS, 1992; GASPAR, 2006).

A sua principal característica é o fato da grande maioria das figuras ser geométrica, seja de traços lineares, curvilíneos, triângulos, círculos, no entanto, Prous (1992) divide essa tradição em duas subtradições: a Setentrional e Meridional. A setentrional possui gravuras nas imediações de rios e cachoeiras, ou seja, de água doce e também é conhecida como Itacoatiara. Sua localização encontra-se em Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Goiás, geralmente seus grafismos são encontrados nas rochas das margens dos rios, como assinala Gaspar (2006) e Martin (2005) e tendo como destaque a Pedra do Ingá na Paraíba. Outro detalhe importante é que às vezes as gravuras estão escondidas nas rochas por cachoeiras ou em blocos gravados cobertos por águas.

As suas principais características são grafismos geométricos ou astronômicos e gravuras biomorfas que lembram sáurios ou homens, além de apresentação de lagartos, mãos e pés. Essas gravuras são bem elaboradas, não são apenas traços ou figuras simples, são gravuras complexas, de modo que aparecem também as gravuras cupuliformes, a partir de picoteamento, polimento e incisões. A sua datação, segundo Martin (2005), é muito difícil fixar cronologias, mas no Letreiro do Sobrado no Vale do São Francisco, em Pernambuco, as ocupações estão datadas entre 1.200 e 6.000 anos A.P. É interessante perceber que assim como esta subtradição está associada à água, a Agreste também está, no entanto a predominância desta é de pinturas humanas enquanto da Itacoatiara são gravuras geométricas **(Figura 8)**.

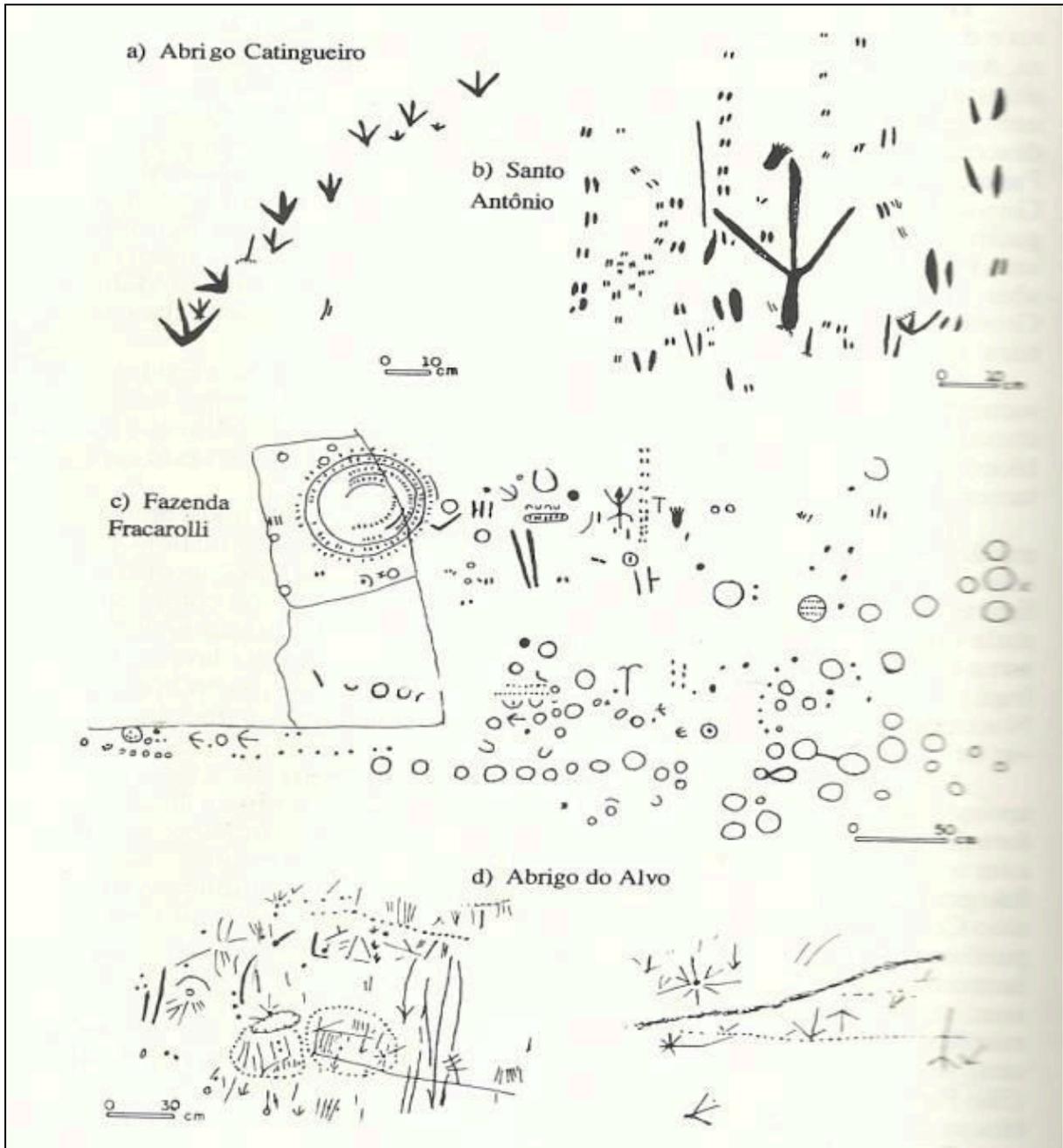


Figura 8 – Tradição Geométrica.

Fonte: PROUS, (1992).

A Meridional pode ser encontrada tanto em São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, quanto na Paraíba está mais situada fora do acesso de água, geralmente em morros e suas gravuras são encontradas em paredões, diferentemente da Itacoatiara. O que predomina nas suas gravuras são as figuras tridáctilas, além das cupuliformes, triângulos, pontos, vulvas e curvas. Nas duas subtradições também são encontradas, além de figuras geométricas, figuras antropomorfas e zoomorfas como veados, pegadas de aves e felinos na meridional (PROUS, 1992).

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No estudo do registro rupestre muito do que se vê na bibliografia específica é o forte embate entre os pesquisadores quanto ao melhor procedimento metodológico que pode ser utilizado para analisar um dos objetos mais complexos da Arqueologia que é o universo simbólico expresso nos grafismos rupestres. Entretanto, neste presente trabalho tem-se como parâmetro principal os procedimentos metodológicos levantados por especialistas altamente criteriosos e sistemáticos como Niede Guidon, Gabriela Martin, Annie Marie Pessis, Daniela Silva e Carlos Xavier de Azevedo Netto.

No decorrer do trabalho, serão discutidas algumas divergências entre os autores, porém será feita uma segregação e fusão metodológica aplicável a presente pesquisa, acreditando-se na eficiência dos métodos e na total flexibilidade de uso dos mesmos, já que ambos possuem objetivos em comum.

No Brasil um dos enfoques mais utilizados pelos pesquisadores de registro rupestre é a análise tipológica ou arqueológica. Nesta premissa, centraliza-se a inter-relação dos sítios de grafismos rupestres ao contexto arqueológico e ambiental. Faz-se um estudo tipológico, que pode ser visto como análise de um conjunto de características comuns onde se distinguem determinados artefatos de outros semelhantes, fazendo-se comparações baseadas no contexto e promovendo-se assim, descrições e relações entre os sítios e painéis (AZEVEDO NETTO, 1994; 2001).

Sendo assim, a análise tipológica dos painéis se dá a partir da observação do tipo de figuras presentes nos suportes rochosos, segundo a sua morfologia, técnicas de execução, coloração, distribuição no painel, avaliando-se se existem características comuns e se há diferença tipológica entre outros sítios analisados, relacionando os painéis, quando possível, ao contexto arqueológico presente. Segundo Martin (2005) não tem como dissociar o estudo do registro rupestre do seu contexto arqueológico e ambiental, sem a correlação dos dados se torna inviável a identificação de grupos étnicos, o registro rupestre funciona dentro de um conjunto de elementos fundamentais na composição de um grupo cultural. É certo que muitos sítios com grafismos não possibilitam o levantamento arqueológico a partir de escavações,

mas o pesquisador pode se apoiar em dados arqueológicos sobre a região para que se possa ao menos levantar hipóteses a respeito das atividades gráficas.

Cada vez mais precisamos pesquisar nas áreas arqueológicas, com alta concentração de registros rupestres, o contexto arqueológico que as acompanha, como forma de identificar os grupos étnicos aos quais pertencem. Somente depois dessa identificação, poderemos falar da arte rupestre deste ou daquele grupo, que viveu em determinadas condições de sobrevivência, configurando-se, assim, a “história” de um grupo humano nos seus diferentes aspectos ecológicos, nos quais entrarão, também, os espirituais e estéticos, caso o registro arqueológico nos permita chegar ao seu mundo simbólico (MARTIN, 2005:237).

No entanto, outros enfoques também podem ser vistos na literatura específica, dentre eles o enfoque inatista, etnográfico, estruturalista, funcionalista, materialista histórico e cenográfico, entretanto o enfoque mais trabalhado até os dias atuais ainda continua sendo o arqueológico ou tipológico e isso se deve ao seu caráter sistemático, interpretativo e contextual (PESSIS, 1993; AZEVEDO NETTO, 1994; SEDA, 1997; MARTIN, 2005).

Deste modo, no presente trabalho o estudo será feito tendo como principal parâmetro a abordagem arqueológica, pois acredita-se na importância da análise do contexto arqueológico como parte integrante dentro do estudo do grafismo rupestre, entretanto esta escolha não é arbitrária e inflexível, será feita uma aglutinação de ideias referentes as manifestações gráficas e conseqüentemente o procedimento metodológico será induzido de acordo com as conjecturas analisadas.

2.1 – Problematização Teórico-Metodológica:

As manifestações gráficas da pré-história possibilitam a análise tanto da esfera material já que pode ser observável, quanto da esfera ideológica, mediante a sua contribuição enquanto instrumento de comunicação. Sendo assim, muitos pesquisadores exercem a interpretação destes signos a partir da observação da relação entre o repertório¹ avaliado com os tipos de sinais semelhantes e diferentes entre si. Contudo, neste tipo de pesquisa torna-se fundamental

¹ Segundo Azevedo Netto (1994) o processo delimitado de repertório, seria um estoque de signos conhecidos culturalmente e utilizados para comunicação.

usar o método da descrição, análise e interpretação dos dados de maneira sistemática seguindo modelos metodológicos propostos por PESSIS (1984; 1989; 1992), MARTIN (1993; 2005), AZEVEDO NETTO (1994) E SILVA (2008).

Por mais que exista certa divergência entre as autoras e Azevedo Netto quanto à atribuição ou não de significados aos grafismos rupestres, existe muita convergência teórica e metodológica, de modo que ambos interpretam as manifestações gráficas como fontes de informação, meio de comunicação e como elementos constituídos de valores simbólicos e cognitivos produzidos por determinado grupo cultural.

Todos os níveis de informação que a Arte-Rupestre carrega em si, já tratados anteriormente, têm como principal objetivo alcançar outro nível de informação, que será tratado posteriormente, que, além de relacionar, classificar, identificar e interagir com os demais elementos do registro arqueológico procura atingir as facetas sócio-culturais, produtoras destes “*discursos*”. Quando os estudos de Arte-Rupestre alcançarem este nível, é que se poderá visualizar a interpretação arqueológica a respeito destas manifestações. E identificar a existência da informação interpretativa (AZEVEDO NETTO, 2001:60).

Segundo Pessis (1989), as manifestações gráficas são parte de uma organização social, de modo que cada grupo possui as suas regras culturais e conseqüentemente utiliza as imagens de acordo com o interesse coletivo. Para Azevedo Netto (1994) ao se analisar os grafismos rupestres como uma expressão pré-histórica é necessário pensá-los como parte de uma estrutura semiótica ou como um sistema de signos. Segundo o autor, estes signos são instituídos e usados de maneira diversificada dependendo então de como uma cultura os utilizam. Percebe-se então que os autores corroboram com a ideia de que através das figuras iconográficas pode-se identificar um padrão ou perfil cultural.

Desta maneira, através do registro rupestre pode-se compreender mais sobre o comportamento do homem pré-histórico, devido a sua contribuição enquanto fonte de informação. A partir deste veículo, pode aproximar-se das representações cognitivas, individuais e/ou coletivas, expressadas através do mundo simbólico. Hodder (1992) ressalta que se deve encarar a cultura material como uma expressão cultural imersa de significados.

A habilidade de interpretar os objetos e fenômenos culturais amplia a capacidade de compreensão do mundo. Cada produto da criação humana, seja utilitário ou simbólico, é portador de significados e sentidos que devem ser lidos e decodificados através de sua forma, conteúdo e expressão (GRUNBERG, 2010: 39).

Ou seja, ao se analisar os elementos contidos no grafismo rupestre, por meio da análise simbólica e contextual do sítio, poder-se-á analisar através deste bem patrimonial que permanece vivo, um meio de comunicação repleto de signos que contribuem para uma visão ampla sobre os povos da pré-história. De acordo com os estudos realizados nesta área de pesquisa, faz-se recorrente a observação de seus elementos gráficos divididos em pinturas e gravuras expostas em suportes rochosos. Este tipo de sítio pode ser observado em todos os continentes e aqui no Brasil existe grande variedade de temáticas (GASPAR, 2006; PROUS, 2006).

Segundo Alarcão (1995), existem várias denominações referentes ao termo “signo”. Entretanto, o autor ressalva que todos têm a mesma conclusão, a de que os signos ou sinais são um meio de comunicação e conseqüentemente a cultura material é vista como uma transmissora de mensagens. Seria exatamente uma troca de informações entre o emissor (o objeto) e o receptor, de forma que este último imprime a sua interpretação dos significados ali presentes. O autor define:

Os semiólogos da comunicação distinguem o emissor, que produz a mensagem, do receptor ou destinatário, que a recebe. A mensagem implica dois actos: o da produção, de que é responsável o emissor, e o da recepção ou leitura, que é efectuado pelo destinatário. Mas a mensagem é produzida num contexto, tem um conteúdo e recorre a signos, de que se serve de acordo com códigos (ALARCÃO, 1995: 21).

O autor levanta ainda alguns pontos relevantes sobre as mensagens ocultas nos objetos e comenta que muitas vezes pensamos que os objetos não são capazes de expressar qualquer tipo de sentimento, intenção ou emoção do seu emissor. De fato, acreditamos ser essa uma tarefa muito difícil já que essas mensagens não são passadas verbalmente. Mas, pode-se observar os elementos persuasivos presentes na cultura material, elementos que demonstram uma “certa” intenção do seu produtor, da mesma forma que pode-se perceber naqueles objetos mais “inofensivos” ou sem intencionalidade que eles se comunicam por si só, apenas por representarem algo. “Na percepção do objecto perfila-se, mais ou menos recuadamente, um agente, um proprietário do objecto, um utilizador; este agente tem, ou teve ou vai ter um comportamento que utiliza, utilizou ou vai utilizar esse objecto” (ALARCÃO, 1995:27).

O grafismo rupestre é um dos vestígios arqueológicos mais recorrentes em todo o mundo e aqui no Brasil pode ser evidenciado em todo território. Esta recorrência nos convida a pensar sobre a importância deste tipo de registro arqueológico devido a sua contribuição

para o entendimento do mundo simbólico do homem pré-histórico. Se partirmos da premissa de que o grafismo rupestre representa uma significativa parcela da mentalidade do homem pré-histórico, deve-se inferir que este registro pode demarcar o pensamento e/ou intencionalidade do complexo simbólico analisado.

Com os estudos feitos sobre a evolução mental humana, observou-se que com o surgimento do *Homo Sapiens Sapiens*, certamente devido ao aumento da capacidade craniana, um grande número de representações simbólicas foi expresso em diversas partes do mundo. Estudos comprovam que uma série de fatores biológicos e naturais permitiu ao homem desenvolver-se física, mental e sensorialmente e com isso adquirir uma nova forma de expressão e comunicação (LEROI-GOURHAN, 1990; MARTIN, 1993; RENFREW E BAHN, 1993).

Segundo Gaspar (2006), as primeiras datações de sítios com registro rupestre chegam há 40 mil anos atrás, na Austrália e 27 mil na Europa, aqui no Brasil existe a hipótese de uma datação ainda mais recuada, chegando há 50 mil anos atrás, tal afirmativa foi levantada por Niede Guidon durante pesquisa realizada na Serra da Capivara no estado do Piauí.

Entretanto, essa abordagem ainda está sendo avaliada e cria um grande embate teórico devido às datações das primeiras ocupações no continente americano, até hoje consideram o povoamento da América por volta de 18 a 13 mil anos atrás. Entretanto, a grande maioria dos estudiosos vistos aqui concorda que o surgimento da arte gráfica está em torno dos 30.000 anos atrás (RENFREW E BAHN, 1993; MARTIN, 1993; SEDA, 1997).

Para que se possa ter uma compreensão mais abrangente sobre a importância do grafismo iconográfico para a pré-história é necessário que seja feita uma breve análise sobre a evolução da mente humana e que assim tenhamos uma visão melhor sobre o seu desenvolvimento e estabelecimento nas sociedades primitivas. Um dos estudiosos da evolução da mente humana, Steven Mithen, fez uma análise teórica e científica a fim de tentar compreender como se deu o surgimento da arte, da religião e da ciência. O pesquisador aponta a importância da evolução cerebral como uma força motriz responsável pelo desenvolvimento de práticas sociais complexas.

Para o entendimento da evolução mental humana, o autor recorre à análise do estudo da cultura material, observando tal procedimento desde a origem da espécie *Homo* (homem arcaico) até a espécie *Homo Sapiens Sapiens* (homem moderno). Mithen (2002) delega ao

Homo Habilis um grande impulsionador da evolução mental humana, sendo que esta se encontrava num estágio ainda transitório. Com a inclusão da carne, sugere-se que as relações sociais se tornaram mais complexas (estratégias de caça), ocasionando-se assim, no aumento gradativo do volume do cérebro e conseqüentemente no aumento das potencialidades mentais, a partir daí a capacidade de comunicação e da linguagem também se ampliou, mesmo que ainda relacionada a uma inteligência geral.

Apenas a partir do aparecimento do homem moderno, por volta dos 100 mil A.P. é que houve um grande boom no aspecto cultural. Segundo Mithen (2002) isso se deve ao fato de o homem moderno poder correlacionar diferentes informações e inteligências. Foi a partir do Homo Sapiens Sapiens, da sua capacidade mental e domínio cognitivo que a arte surgiu. Segundo o autor, isso só foi possível devido à junção e controle da técnica, do mundo naturalista e das relações sociais e a partir da análise da arte rupestre pode-se adquirir informações a respeito destes aspectos fundamentais ao homem pré-histórico, identificando-se assim, a sua identidade cultural.

Em **o Gesto e a Palavra**, Leroi-Gourhan (1990) apresenta claramente a ideia de que a libertação locomotora humana criou estímulos ao cérebro para a criação das coisas, conseqüentemente dando margem à reflexão e construção de pensamentos. O autor argumenta que para o surgimento da linguagem foi necessária a estruturação orgânica e as condições motoras humanas. Sendo assim, pode-se considerar que a evolução técnica garantiu ao homem a apropriação do poder cognitivo (Leroi-Gourhan, 1990).

Ao desenvolver o poder de inteligência, os hominídeos criaram a noção de valores culturais e sociais e estes mesmos valores passaram a determinar a sua vida coletiva. Deste modo, o homem passa a gerir capacidade de reproduzir seus pensamentos e sua forma de ver o mundo. Sendo assim, de acordo com durante o Paleolítico Superior o grande número de grafismos rupestres denota o surgimento das expressões do pensamento. Percebe-se aí que houve primeiramente o desenvolvimento intelecto técnico-funcional (gesto) para depois surgir a comunicação e expressão de pensamentos (palavra) (LEROI-GOURHAN, 1990).

Esta hipótese, para os homens anteriores ao homo sapiens, desde os longínquos australantropo, adquire a sua comprovação quando verificamos o sincronismo estreito que existe entre a evolução das técnicas e a da linguagem; mais ainda quando verificamos a evolução das técnicas e a da linguagem; mais ainda quando verificamos a que ponto, mesmo

no plano da expressão do pensamento, a mão e a voz se mantêm intimamente solidárias (LEROI-GOURHAN, 1990).

Percebe-se que o surgimento da arte deve-se a uma série de fatores evolutivos e que este acontecimento dependeu da capacidade humana em atribuir o seu pensamento aos símbolos materiais. Leroi-gourhan (1990) atribui a libertação das mãos e o uso das mãos como um estímulo ao desenvolvimento cognitivo dos primeiros hominídeos. Compartilhando da mesma teoria Fischer (1983) e Seda (1997) consideram que a linguagem e a comunicação desenvolveram-se a partir das atividades técnicas por exigirem no decorrer do tempo o poder de reflexão e lógica entre os grupos.

O homem, portanto transforma a natureza, da qual se apodera. Esta transformação da natureza da natureza é própria do trabalho. O trabalho tem assim, uma função fundamental na origem da arte. Contudo, os homens pretendem também um trabalho mágico que transforme a natureza, a capacidade de mudar os objetos e, por meios gráficos dar-lhes uma forma diferente: trata-se de um equivalente na imaginação aquilo que o trabalho significa na realidade (SEDA, 1997:148).

A partir daí o homem é visto como um ser ativo, transformador da natureza e das coisas, um ser que domina o seu habitat e o direciona de acordo com os seus objetivos. Da mesma maneira que se situa dentro do seu contexto cultural, desenvolve também um elo com o lado sobrenatural, adquirindo então a dualidade entre as coisas que o cerca, e é a partir dessa existência dupla que a imagem surge para representar a relação entre a magia e o mito, este último visto como parte de uma organização ideológica (Seda, 1997).

Ao analisar a origem da arte, Seda (1997) atribui-lhe não somente uma função mágica, mas também a função de ordenação das relações sociais. Podendo conferir diversas funções dentro de um grupo social de acordo com o seu pensamento e direcionamento ideológico, servindo assim como um importante instrumento de demarcação cultural, promovendo assim o sentido de continuidade e memória do grupo.

Ou seja, o grafismo rupestre não deve ser visto apenas como uma mera descrição do real, mas sim como uma importante ferramenta capaz de situar o homem no seu espaço e no mundo imaginado e compartilhado coletivamente. Por este motivo, segundo o autor, não se pode desvincular a arte primitiva do seu valor estético, pois nela está inferido o talento do artista e sua habilidade está carregada de semiótica, magia e conceitos ideológicos.

Veículo para a magia, de uma sensibilidade estética, representação gráfica de uma ideologia, a arte materializa o potencial sensorial de uma cultura, de forma inesgotável e sempre em transformação. A função da arte rupestre é a um só tempo espiritual e material (SEDA, 1997: 153-154).

Em contrapartida ao valor puramente estético da arte pré-histórica, Martin (1993) adota o termo “registro rupestre” acreditando que é preciso avaliar os grafismos primeiramente como registros de atividade humana pré-histórica para depois examinar o seu aspecto subjetivo. No entanto, percebe-se entre os estudiosos de registro rupestre uma notável confusão epistemológica, ao referir-se ao vestígio gráfico, ora tratado como registro ou grafismo, ora tratado como arte. A própria autora alerta sobre a difícil tarefa em separar o caráter estético dos registros rupestres, na medida em que os autores das imagens certamente relacionavam a sua visão de mundo e o registro e sendo assim acabava por estimular a arte.

Diante desta discussão teórico-metodológica, pretende-se nesta pesquisa seguir as ideias discutidas aqui, entendendo o registro rupestre antes de qualquer classificação como um meio de comunicação, independente do seu valor estético, composto por elementos ou signos que compõe um repertório simbólico e/ou perfil cultural que pode ser identificado a partir de critérios interpretativos mediante à intencionalidade observada. Esta intencionalidade pode ser constatada a partir dos processos de continuidade e diferenças culturais.

2.2 – Procedimentos de pesquisa:

Segundo Pessis (1992) no início das pesquisas sobre arte rupestre os trabalhos estavam voltados para o caráter estreitamente descritivo, apoiados em analogias etnocêntricas, muitas vezes atribuindo o valor puramente estético e religioso às pesquisas, sem uma abordagem mais profunda de modo que relacionasse as figuras encontradas nos painéis ao contexto. Os primeiros trabalhos sistemáticos aconteceram a partir das pesquisas realizadas por Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire, acrescentando outras áreas de estudo para uma melhor compreensão sobre os registros, porém de maneira generalizada sem aprofundamento contextual arqueológico.

No processo de interpretação o que se tem visto é um grande número de trabalhos descritivos ou estatísticos, entretanto deve-se deter de um equilíbrio entre os dois métodos, mas independente disto o que importa é ver o registro enquanto fonte de informação

intrinsecamente composta por códigos de comunicação sociais e particulares, entretanto, devem ser vistos também como um elemento significativo que compõe o contexto social ao qual está inserido (PESSIS, 1992).

Sendo assim, o presente trabalho propõe analisar os registros rupestres a partir da descrição, análise e interpretação dos dados para uma possível construção do perfil gráfico analisado, mediante a caracterização morfológica e técnica dos grafismos em observação. Portanto, a partir da constatação das similaridades e diferenças entre as manifestações gráficas pode-se atribuir a classificação temática do perfil gráfico, estando estes enquadrados as tradições rupestres ou não. É importante destacar que nada adianta tentar compreender as manifestações gráficas rupestres sem associá-las ao contexto sócio-ambiental ao qual estão inseridas, para isto foi feito o levantamento de dados já obtidos do contexto arqueológico sobre a região estudada.

Segundo Pessis (1992), as variações temáticas não são prioridades nas análises culturais já que a escolha dos temas podem ganhar significados diferentes de acordo com as regras sociais. O que deve ser tratado inicialmente para a caracterização das tradições é o estudo morfológico das figuras, já que as formas atendem a um padrão cultural predeterminado.

Na análise dos sítios com grafismos rupestres foi feito primeiramente o levantamento bibliográfico tendo como principais referências os trabalhos específicos sobre o tema, em seguida foi feito o levantamento de dados da região de Xingó, a partir da análise dos mapas da área de estudo, como painéis topográficos e trilhas já traçadas, assim como foi feita uma análise dos resultados já obtidos, principalmente do material produzido sobre os sítios arqueológicos da região. Ao delimitar a área de estudo e com as informações de pesquisas pregressas deu-se início à prospecção dos sítios com grafismo rupestre. Sendo assim, em campo, após as prospecções e identificação dos sítios com o auxílio do GPS, foi realizada a análise prévia das figuras, através do registro em máquinas fotográficas e observações a olho nu.

Para a observação da variável ambiental do contexto foi feito o levantamento topográfico das plantas baixas e dos perfis dos sítios analisados, assim como foi feita a observação do tipo de suporte, da inserção ambiental e da geomorfologia dos sítios. Segundo Silva (2008) a partir desta observação pode-se inferir se houve a escolha de local para confecção das figuras, se existiu preferência por um tipo de suporte específico, assim como a

visibilidade que o local oferece e se tais escolhas conferem o sentido de continuidade do grupo, seja através da delimitação do território, das atividades religiosas ou simplesmente para comunicação entre o grupo.

Para a análise das figuras, além do registro dos sítios e dos painéis através de fotografias, foi realizado o decalque dos painéis como instrumento auxiliar da pesquisa. Ou seja, foram feitas cópias sistemáticas dos painéis no tamanho real das figuras, enumerando cada pedaço de plástico (1m²), de modo que não afetasse as pinturas originais, sobrepomos as extremidades de cada pedaço e marcamos tanto o que ficou abaixo quanto o de cima. Por mais que este método seja considerado inviável para Pessis (1992), acredita-se que com o cuidado tomado garante-se a integridade dos painéis pintados e garante-se mais um instrumento de informação e dados.

Logo após o trabalho de campo foi feita a análise dos dados obtidos em laboratório onde se trabalhou a caracterização das pinturas, como o tipo de tinta, a técnica e as escolhas gráficas. Para a segregação das figuras foi realizada a análise dos painéis e das figuras de maneira isolada. Com os painéis enumerados, trabalhamos com a redução das figuras em um quinto do seu tamanho original, sendo que para esta finalidade utilizou-se o pantógrafo.

Com os painéis reduzidos, fizemos uma cópia de cada figura isoladamente e, portanto, fichamos cada uma com suas informações escritas, como: número da figura; cor; tamanho; posição no painel; tipo de figura; descrição e técnica de elaboração. Com a confecção das fichas tipológicas, cada figura tem a sua ficha, garantindo assim a sistematização das figuras. Após esse trabalho de redução, fichamento e criação dos painéis, cada sítio foi discutido em laboratório e o material encontra-se reservado no mesmo.

O decalque foi tracejado de acordo com a seguinte nomenclatura: a cor vermelha representando a cor real das pinturas que possuem uma variação desta cor. Quando nos deparamos com figuras de tinta diluída, fazíamos as cópias tomando o cuidado de demonstrar esse processo, apenas delineando a figura e demarcando o local como diluído. A cor azul foi utilizada para representar as fissuras encontradas nas rochas, de modo que pudéssemos demarcar o lugar exato em que a fissura aparece nas figuras. A cor preta foi utilizada para fazer numerações e anotações. Para uma melhor demonstração ver a **Figura 9**.

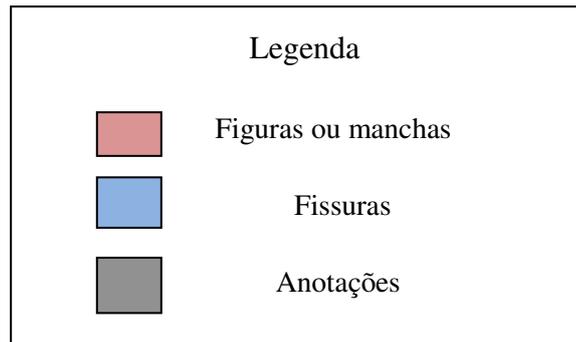


Figura 9 – Nomenclatura dada às cores utilizadas nos desenhos dos painéis a partir dos decalques.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

A partir da classificação individual foi feita a segregação tipológica de cada sítio, sendo que os tipos de figura foram divididos em figurativos (ou reconhecíveis) e geométricos (ou irreconhecíveis). Logo, pôde-se constatar o conjunto morfológico de cada sítio e com isso apontar as similaridades e diferenças entre os perfis gráficos. Com estas informações pôde-se ainda comparar os subconjuntos com o repertório gráfico de toda região.

Para a caracterização das figuras, recorreu-se a análise da temática dos grafismos. Segundo Silva (2008) a partir dessa observação pode-se inferir o caráter cognitivo que as imagens proporcionam. Para Azevedo Netto (1994:37) “Reconhece-se daí, que os signos-tipo, ou simplesmente, signos rupestres, são signos apresentando o seu primeiro arranjo, e iniciadores de um processo de semiose ilimitada, em qualquer nível de interpretante”. Ou seja, a partir do esboço geral dos tipos de figura se faz a inferência preliminar das figuras reconhecíveis e irreconhecíveis.

Para Pessis (1984), a análise do primeiro nível é possível a partir das descrições minuciosas que darão embasamento para a configuração interpretativa. Ou seja, é necessário que se compreenda preliminarmente se os grafismos são reconhecíveis ou não. Os grafismos puros ou geométricos se enquadram entre os grafismos não reconhecíveis devido ao seu nível de abstração, para isso é necessário segregar as figuras de maneira arbitrária a fim de reconhecer a configuração do painel, já que se torna inviável a análise dos traços e do espaço. Pessis (1984) considera que neste tipo de situação se faz a análise do painel em conjunto, ou seja, compreendendo se a unidade gráfica está presente em outros painéis, para que assim se possa construir um inventário ou repertório tipológico.

Já na análise dos grafismos reconhecíveis é necessário segregar o que se reconhece imediatamente, por meio da constatação dos que visivelmente são considerados mais

complexos, entretanto, reconhecíveis por possuírem elementos figurativos, neste caso a interpretação ocorre mediante a hipótese. Sendo assim, na análise interpretativa dos painéis deve ser feita estabelecendo um conjunto mínimo de traços com elementos passíveis de identificação, para isto, é preciso deter-se do critério da congruência entre os elementos, seja no plano biológico ou técnico.

Este tipo de análise classificatória enquadra-se numa metodologia qualitativa e quantitativa, que segundo Richardson (1999:70-80), apud Duarte (2010):

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (...) O método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quando no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual média desvio-padrão às mais complexas como coeficiente de correlação análise de regressão etc. [...] o método quantitativo representa, em princípios a, intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando, conseqüentemente uma margem de segurança quanto às inferências. Este tipo de método é aplicado nos estudos descritivos que tem como foco principal descobrir e classificar a relação entre variáveis. [...] (RICHARDSON, 1999:70).

Na análise quantitativa foi necessária a utilização de tabelas e gráficos para que se possa compreender a relação que os signos têm entre si. Estes recursos permitem uma visualização mais criteriosa e sistemática dos dados, pois possibilita um olhar mais apurado das informações. Entretanto é preciso destacar que este tipo de análise ocorre de maneira simples, sem aquisição de métodos e fórmulas mais complexas.

Outro detalhe importante é quanto à adaptação que foi feita com relação a modelos metodológicos, como se pôde notar, este trabalho permeia nas ideias e procedimentos de vários autores, evidentemente com mais inclinação para os trabalhos desenvolvidos por Anne-Marie Pessis, Daniela Silva e Azevedo Netto, por acreditar na não arbitrariedade de escolha, mas sim na flexibilidade dos métodos desde que estejam de acordo com os objetivos aqui propostos.

Assim, após a observação do contexto e da caracterização das figuras foi realizado o melhoramento das imagens e dos painéis através do programa software Adobe PHOTOSHOP CS6. Seguindo o método de melhoramento a partir da correção automática ou manual da gama cromática, assim como foi feito a duplicação de camadas, o ajuste de preto e branco, ajuste de brilho e contraste, ajuste de vitalidade, o recorte de imagem, a aproximação de imagem e o ajuste de matiz e saturação.

Logo, pôde-se fazer a comparação com os decalques feitos no plástico mica 10 e percebeu-se que não houve alteração dos desenhos, mas sim a possibilidade de enxergar os traços mais destacados, assim como a visualização de novos elementos que poderão ser trabalhados em pesquisas futuras, ajudando na ampliação de novos dados (**Figura 10**). Por fim, com todas as informações levantadas torna-se de fácil compreensão o repertório simbólico analisado e a partir das relações entre os signos e os sítios, onde pode-se tentar inferir o perfil cultural da região estudada.

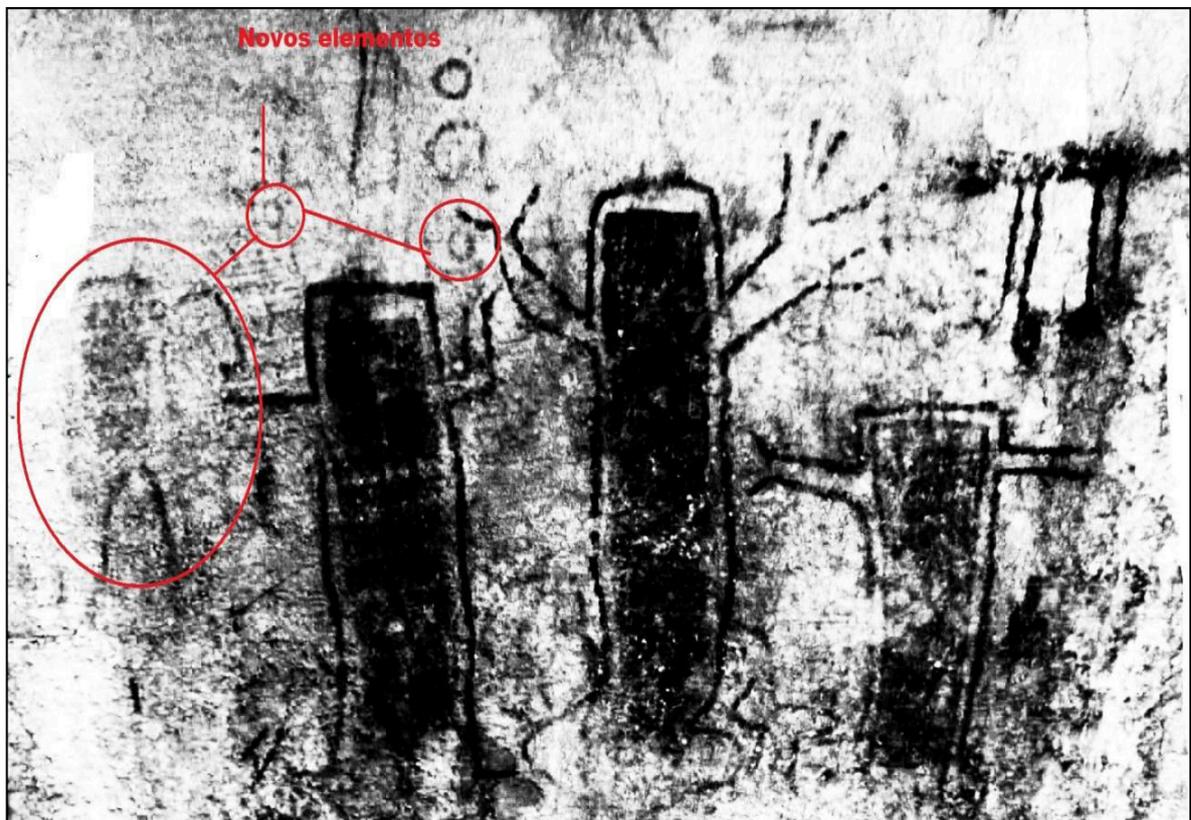


Figura 10 – Painel do Sítio Patrocina: aparecimento de novos elementos gráficos a partir do uso do software Adobe Photoshop CS6

CAPÍTULO 3

LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DA REGIÃO DE XINGÓ

No âmbito da Arqueologia Sergipana, um dos trabalhos mais importantes realizados foi o salvamento arqueológico de Xingó. A região de Xingó está situada entre o município de Canindé de São Francisco/SE e divisa com os estados de Alagoas e Bahia (**Figura 11**). Na década de 1980, iniciaram-se os trabalhos na região do Baixo São Francisco, entretanto tanto o Alto quanto o Médio São Francisco há mais tempo vem sendo estudados. O Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) surgiu a partir da verificação de quatro sítios de grafismos rupestres nas mediações do rio São Francisco (**Figura 12**).

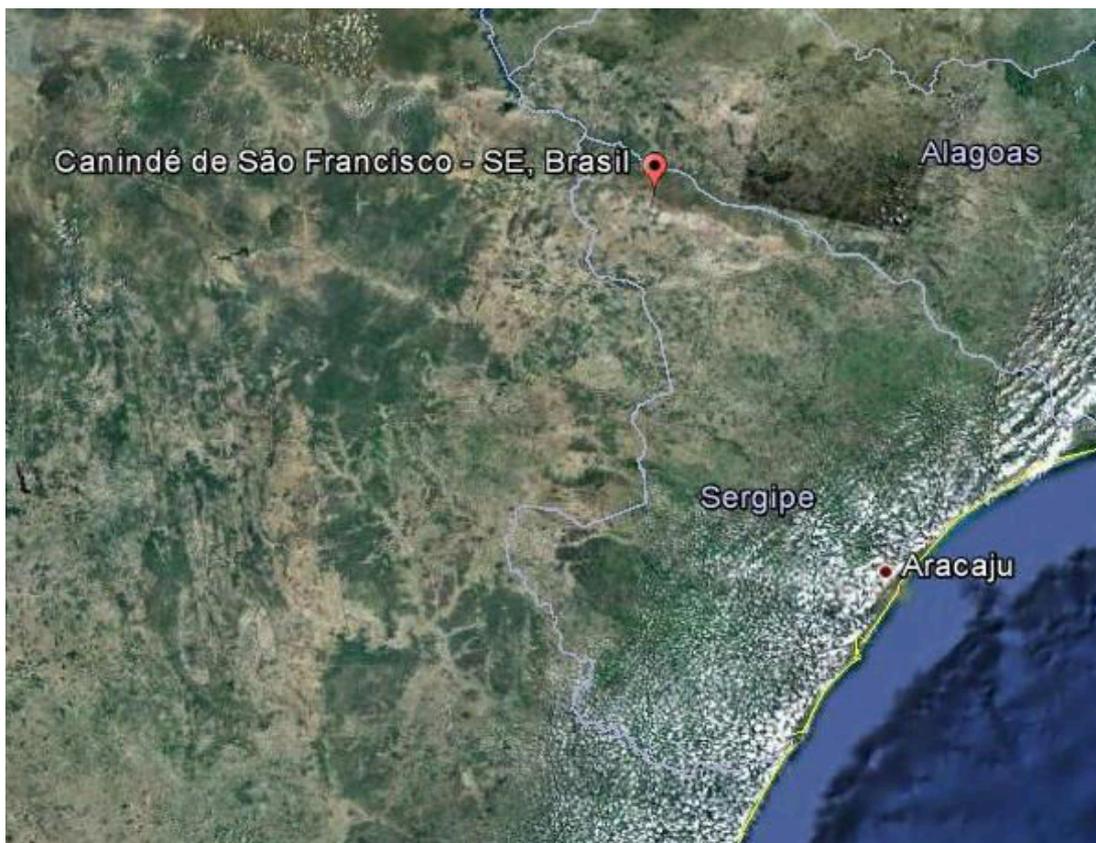


Figura 11 - Imagem de satélite do estado de Sergipe e município Canindé de São Francisco, área de pesquisa.

Fonte: Google Earth.



Figura 12 - Região de Xingó, Canindé de São Francisco/SE.
Fonte: Martinelli, (2010).

3.1 – Inserção Ambiental:

Os sítios arqueológicos encontrados na região de Xingó estão divididos em dois tipos de ocupação espacial: o de chapada (platôs) e os boqueirões (terraços). O clima da região é mediterrâneo e semi-árido mediterrâneo, com vegetação de caatinga hiperxerófila e arbustivo-arbórea e sedimentos arenosos, segundo Martin (2005), trata-se de vegetação de caducifólia, adaptada ao calor e secura da região. O rio São Francisco perpassa por um corredor (canhão) estreito com paredes íngremes e presença de terraços em sua maioria com sedimentação maciça. A área do platô é composta por matacões de arenito e granito e é onde se encontra a grande maioria de sítios de grafismos rupestre da região (VERGNE E CARVALHO, 2001; MARTIN, 2002; MARTINS, 2002).

A Região de Xingó é uma área de sertões rebaixados e configurada por pequenas serras, tem-se discutido muito a respeito da origem do rio São Francisco, mas pode-se afirmar que tanto o alto quanto o médio curso do rio cobriram a formação de sedimentação cretácea

seguindo uma longa faixa de depressões periféricas, essa configuração se deve ao nivelamento tectônico baixo. No período pós-cretáceo o rio desvia-se para o sentido leste da região conforme as irregularidades das estruturas sedimentares. “Temos boas razões para dizer que a Canyon Paulo Afonso-Xingó-Piranhas teve longa duração durante o quaternário, envolvendo aproximadamente três milhões de anos, em trabalhos de erosão de talvegue” (AB’SÁBER, 2002:17).

Segundo Ab’Sáber (2002), com o encaixamento definitivo do rio, paredões verticais se formaram e configuraram o aparecimento de platôs num ambiente demarcado pelo sertão, fazendo com que o rio São Francisco se tornasse uma figura ímpar no ecossistema. As bases dos cânions estão inseridas num cenário de afloramento de rochas de granito e de magmatitos com a presença de terraços arenosos e estreitos, cercado pela vegetação de caatinga, esta presente desde 9000 anos A.P. e por grandes espaços arborizados.

Os platôs (ou chapadas) estão inseridos sobre os lajedos dispersos e matacoes alongados (pediplano) o que caracteriza fortemente a região do Baixo São Francisco. Nestes locais podem ser vistos concentrações de sítios de grafismos rupestres entre os lajedos, colinas e em abrigos que possivelmente podem ter servido como acampamento temporário, e uma grande discussão se faz a respeito sobre o tipo de relação sócio-ambiental que poderia ter ocorrido entre os antigos habitantes, inclusive se o platô serviria como refúgio de tempos de cheia do rio, ou simplesmente com outros tipos de função.

A área de Canindé propicia a presença de sítios de registros rupestre por ser formada por sedimentação de granito e jazidas calcárias. (SANTOS E SILVA, 2002; VERGNE E CARVALHO, 2001). Outra questão que deve ser pontuada é sobre a aglomeração de sítios de grafismos rupestres na área de platô, ou seja, nas áreas altas, enquanto que nos terraços foram encontrados necrópoles com grande número de indivíduos.

3.2– Histórico das pesquisas arqueológicas realizadas na Região de Xingó e o contexto arqueológico encontrado:

Com o projeto de construção da usina hidroelétrica de Xingó pela Companhia Hidrelétrica de São Francisco (CHESF), a Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1988, elaborou o PAX para salvamento dos sítios arqueológicos que seriam descaracterizados pela

inundação, posteriormente a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ficou responsável pelas pesquisas no estado alagoano. Estavam na equipe inicial as arqueólogas Maria Cleonice Vergne, Suely G. Amâncio e Sônia Vitória, sob a coordenação de Fernando Lins de Carvalho e supervisão do Prof.º Dr.º Igor Chmys da Universidade Federal do Paraná (UFPR) (SILVA, 1997; MARTIN, 2002; VERGNE; NASCIMENTO, 2002).

Entre a metade de 1988 a 1990, houve diminuição do ritmo das pesquisas devido a problemas internos da CHESF, somente em 1991 as atividades voltaram ao normal baseando-se nos procedimentos metodológicos dirigidos pela Fundação Museu do Homem (FUNDHAM), mais especificamente pela arqueóloga Niéde Guidon. O PAX recebeu consultoria também das Universidades Federais de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Em 1994, com o fechamento da barragem foram identificados, de acordo com o projeto, 56 sítios arqueológicos entre terraços e abrigos na margem do rio São Francisco (VERGNE E NASCIMENTO, 2002).

Com a grande quantidade de material arqueológico identificada pôde-se constatar a existência de um complexo cultural bastante significativo que passava então a ser analisado pela equipe de pesquisadores de diversas áreas dentro da Arqueologia e também fora dela. Dentre os materiais, constatou-se a forte presença humana por meio da evidencia de lítico, cerâmica, fauna, esqueletos articulados ou não, e grafismos rupestres.

Embora o PAX tenha sido fundamental para o desenvolvimento dos estudos da pré-história sergipana, deve-se enfatizar que as análises foram preliminares, o que significa dizer que muito estudo ainda precisa ser feito do acervo recuperado. Porém, é notória a sua importância para o entendimento inicial sobre o contexto pré-histórico de Sergipe, deve-se compreender que a partir da configuração contextual levantada a partir dos dados arqueológicos poderão ser identificados os grupos étnicos e, por conseguinte o seu universo simbólico expresso nos painéis rochosos (MARTIN, 2005).

Segundo Carvalho (2005), no acervo recuperado pelo projeto podem ser vistos mais de 55 mil peças arqueológicas composto por materiais líticos, cerâmicos, blocos de fogueiras, carvões, restos alimentares e adornos, coleção mais de 200 esqueletos humanos juntamente a um mobiliário funerário, segundo o autor esta configuração pode apontar para um comportamento padrão que define um grupo cultural bastante complexo e significativo.

Na pesquisa feita pelo PAX constatou-se que essa região foi bastante ocupada pelos homens pré-históricos podendo ser comprovado a partir do imenso acervo de vestígios arqueológicos encontrados dentre eles destacam-se os restos faunísticos, de modo que este vestígio revela grande variedade de espécies, principalmente de animais vertebrados, destacando-se o consumo do peixe e invertebrados como os moluscos. Ainda de acordo com a pesquisa, os restos faunísticos eram utilizados não somente para alimentação, mas também como adornos (PALMEIRA, 2002).

Outro tipo de vestígio arqueológico analisado é a cerâmica, esta principalmente relacionada aos ritos funerários, apresentando grande quantidade de material que apontam para um novo horizonte cerâmico não relacionado às tradições Tupiguarani ou Aratu, geralmente apresentam mais de um tipo de tratamento, sendo a maioria alisada e os fragmentos mais antigos aparecem mais elaboradas com cronologias estimadas desde 4.340 a 1280 +/- 45 anos AP no Sítio Justino, e 3500 +/- 110 e 4140 +/- 90 AP no Sítio São José II (LUNA & NASCIMENTO, 2002).

Dentre a descobertas mais importantes destacam-se os cemitérios Justino e São José. O sítio Justino está localizado no município Canindé de São Francisco em Sergipe e se encontra nas margens do rio, mais especificamente na área dos terraços, lá foram evidenciados 163 esqueletos completos com datações de 1.280 AP ou 8.950 AP. O sítio São José, também apresenta as mesmas características ambientais, porém se situa no município de Delmiro Gouveia no estado de Alagoas. Nestas necrópoles, além do grande número de esqueletos foram encontrados material lítico, cerâmico, malacológico, fogueiras e restos faunísticos (VERGNE E CARVALHO, 2001; VERGNE, 2002).

A respeito do material lítico foram identificadas 5247 peças, sendo que a maior parte está classificada como fragmentos com 48% do material analisado proveniente de quartzo, quartzito e sílex, seguido por 35,4 % de lascas a maioria obtida com percussão sobre bigorna e seguindo por unipolar. A cronologia estimada chega a 8950 anos AP e foi deferido que o material lítico pode ser caracterizado com morfologia padronizada, e devido à grande quantidade de fragmentos pode ser que não existisse certo controle por parte do fabricante das peças, entretanto a maioria dava possibilidade de uso para corte (SANTOS & SILVA, 2002).

É preciso destacar que esses vestígios comprovam a complexidade das atividades humanas nesta região, além do que o próprio rio São Francisco e o próprio ecossistema favoreciam para a instalação de grupos devido à proximidade das fontes de recursos naturais abundantes e proximidade de água e de abrigos. De acordo com os dados levantados, pode-se dizer que os primeiros habitantes de Xingó chegaram à região por volta do oitavo milênio AP., certamente os antigos habitantes caçadores e coletores foram atraídos pela diversidade natural oferecida pela região (MARTIN, 2002).

Os antigos habitantes de Xingó também demarcaram o local com a presença de sítios com grafismos rupestres, durante a presente pesquisa esse tipo manifestação simbólica será amplamente discutido, e sendo assim, poderemos compreender melhor a sua importância para o estudo arqueológico da região.

3.3– Descrição e análise dos sítios com registro rupestre em Xingó:

3.3.1– Sítios com registro rupestre localizados nos boqueirões associados aos terraços do rio São Francisco:

A partir dos estudos realizados pelo PAX, foram registrados 15 sítios rupestres entre os estados de Alagoas e Sergipe, sendo 6 com gravuras, 6 com pinturas e 4 com ambas técnicas, de modo que puderam-se constatar a presença de mais de 700 pinturas e 700 gravuras. Após a pesquisa sistemática realizada até as cabeceiras do rio São Francisco, surgiu entre os pesquisadores a hipótese de que pudessem existir mais sítios de registro rupestre na região, principalmente na área do platô (SILVA 1997, MAX, 2000).

No território alagoano encontram-se os sítios, Brejo, Curva do Talhado, Marimbondo, Talhado II, Caibeira do Talhado, Encontro do Talhado, Castanho, Talhado I, Talhado III e Sal, no município de Delmiro Gouveia, além do sítio Riacho no município de Olho d'água do Casado. No território sergipano foram identificados os sítios Letreiro, Vale dos Mestres II, Vale dos Mestres III e Vale dos Mestres I, todos no município de Canindé do São Francisco (SILVA, 1997; SILVA, 2002).

Na tentativa de se fazer o levantamento contextual da área, a pesquisadora revela a impossibilidade dessa associação porque 14 dos 15 sítios analisados estão localizados no Canyon e os sítios que estão inseridos em locais altos não possuem sedimentos para

escavação, enquanto os que estão em locais mais baixos, a presença da água não permite este tipo de levantamento arqueológico. Alguns elementos foram encontrados no sítio Justino, como batedores e blocos de pigmento de mineral associados a sepultamento ou não, esses vestígios pouco podem informar sobre a atividade de pintar e gravar as paredes rochosas (SILVA, 2002).

Ainda na mesma pesquisa foi feita uma tentativa preliminar de associação temática entre os grafismos, assim como as suas diferenças e semelhanças, onde pretendeu-se inserir os sítios analisados às tradições estabelecidas pela comunidade científica. Foi feita uma triagem tipológica das figuras, tanto para as gravuras quanto para as pinturas e identificou-se predominância tipológica ilustrada na **Tabela 3**, a partir da visualização geral dos motivos e na **Tabela 4**, a partir da visualização específica e como exemplos de figuras mais recorrentes serão destacados alguns painéis da região a partir de decalques realizados no trabalho de Silva (1997), nota-se nas **Figuras 13, 14 e 15** a predominância tipológica discutida.



Figura 13 – Painel do Sítio Caibeira do Talhado – AL.

Fonte: SILVA, (1997).

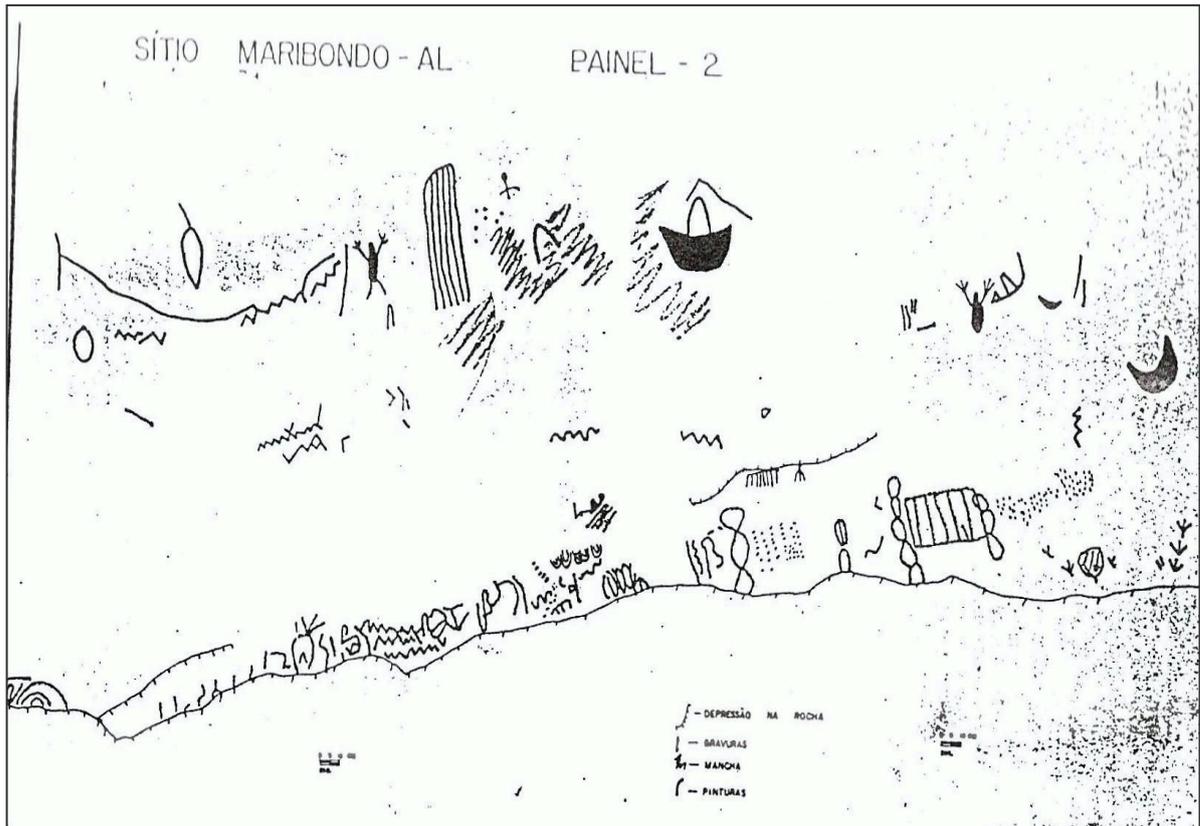


Figura 14 – Painel do Sítio Maribondo – AL.

Fonte: SILVA, (1997).

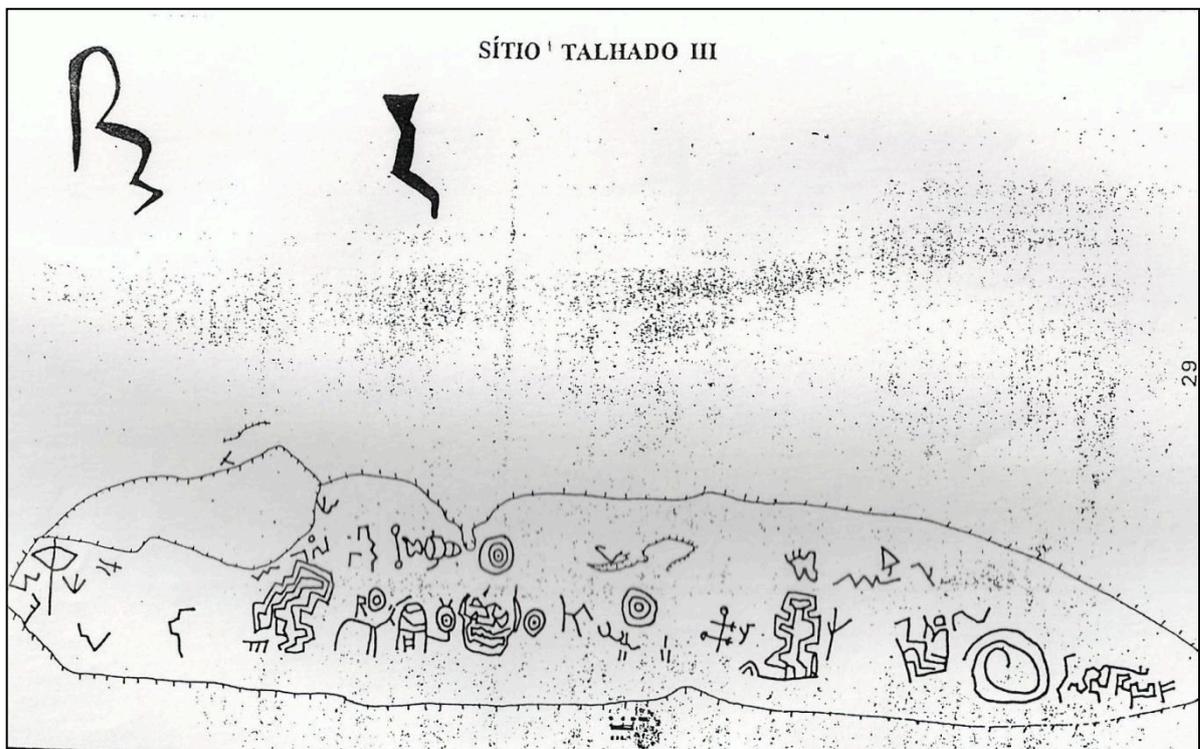


Figura 15 – Painel do Sítio Talhado III – AL.

Fonte: SILVA, (1997).

Na **Tabela 3** tem-se uma visão panorâmica dos motivos presentes nos sítios de grafismo rupestre da região, o termo “motivo” deve ser visto aqui como uma classificação genérica ou generalizada dos tipos de figuras encontrados nos painéis, esses motivos seriam elementos simples e gerais, um enquadramento de características comuns, tal forma de classificação tem como referência a pesquisa feita por Azevedo Netto (1994). Na pesquisa realizada por Silva (1997) através do PAX foi feita a seguinte divisão:

Tabela 3 - Visão panorâmica dos tipos de figuras presentes nos sítios com grafismos rupestres em Xingó – Boqueirão.

Tipos de figuras	Percentual (%)
Geométricos (não figurativos)	92,6
Figurativos (antropomorfas, naturalistas, zoomorfas, artefatuais)	5,8
Biomorfos	1,6

Fonte: SILVA, (2002).

Tabela 4 - Quadro Tipológico Geral dos sítios com grafismo rupestre em Xingó.

Tipo/Qualidade	Pinturas		Gravuras		Total Geral	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Mãos	10	1,4	-	-	10	0,6
Geométricos complexos	2	0,3	2	0,3	4	0,2
Circulares	59	8,1	89	12,7	148	10,3
Círculos Concêntricos	4	0,5	14	2	18	1,2
Círculos interligados	1	0,2	9	1,3	10	0,6
Semi-círculos	17	2,3	21	3	38	2,6
Semi-círculos concêntricos	4	0,5	7	1	11	0,7
Bastonetes	162	22,2	144	20,6	306	21,4
Bastonetes barrados	36	4	11	1,6	47	3,2
Grades	46	6	8	1,2	54	3,7
Setas	79	10,8	89	12,8	168	11,7
Pectiformes	44	6	23	3,3	67	4,6
Zig-zag	82	11,2	42	6	124	8,6
Losângulo	17	2,3	-	-	17	1,2
Tridáctilos	30	4,1	119	17	149	10,4
Conj. de pontos	17	2,3	7	1	24	1,6

Propulsor	6	0,8	-	-	6	0,4
Barcos e lua	15	2,1	-	-	15	1
Sol	4	0,5	-	-	4	0,2
Biomorfo	23	3,2	1	0,1	24	1,6
Antropomorfo	16	2,2	-	-	16	1,1
Antropomorfo linear	17	2,3	-	-	17	1,2
Lagartos	10	1,4	1	0,1	11	0,6
Aves	5	0,7	-	-	5	0,3
Cervídeos	1	0,1	-	-	1	0,1
Estrela	3	0,4	-	-	3	0,2
Não identificados	16	2,2	6	0,9	22	1,1
Apêndice ou vestígios	17	2,3	-	-	17	1,2
Olhos	1	0,1	-	-	1	0,1
“Cupules”	-	-	92	13,2	92	6,4
Meandros duplos	-	-	5	0,7	5	0,3
Linha sinuosa	-	-	7	1	7	0,4
Espiral	-	-	1	0,1	1	0,1
“pegadas”	-	-	2	0,3	2	0,1
Meandros	-	-	2	0,3	2	0,1
Total	729	100	700	100	1429	100

Fonte: SILVA, (1997).

Como pode ser visto na **Tabela 4**, os tipos de figuras mais frequentes nestes 15 sítios estudados inicialmente, foram os bastonetes, as “setas”, as figuras tridáctilas, as circulares e os zig-zags. Estas figuras podem ser encontradas tanto em forma de pintura quanto de gravura, porém o tema “bastonete” representa a grande maioria dos painéis, sendo assim, ao analisar o quadro geral apresentado, percebe-se que o motivo geométrico ou não figurativo é o mais recorrente, pelo menos nessa primeira pesquisa realizada, e isto pode ser observado detalhadamente através da tabela acima, isso nos daria uma abertura para se pensar numa temática ou repertório particular dessa região.

Entretanto, observa-se também que um universo figurativo também é apresentado mesmo que seja em menor quantidade, segundo Silva (1997) é possível notar a presença de embarcações, de figuras astronômicas, de artefatos, etc., enfim, de elementos do cotidiano que podem indicar a visão que esses antigos autores tinham do seu mundo, e/ou o que simplesmente queriam ilustrar e deixar marcado nas rochas. Nos quadros seguintes realizados pela pesquisadora, observa-se os tipos de figuras presentes em cada sítio:

	Sítios/Figuras	Antropomorfos lineares	Sol "sóis"	Pegadas	biomorfos	Estrelas	Pontos	Tridáctilos	Losângulos	Zig-Zag ou Zig-Zag duplos
P i n t u r a s	Letreiro	8,5%	1,0%	---	2,5%	1,0%	6,0%	11,5%	6,0%	7,0%
	Caibeira do Talhado	---	---	---	---	---	2,8%	---	---	37,0%
	Talhado II	---	---	---	1,6%	0,7 %	---	11,0%	1,6%	7,7%
	Maribondo	1,2%	---	---	2,4%	---	2,4%	10,5%	1,2%	13,5%
	Castanho	---	---	---	---	---	---	6,2%	2,2%	14,8%
	Brejo	---	---	---	2,9%	1,3%	2,5%	7,2%	---	7,8%
	Talhado III	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Curva do Talhado	---	1,0%	---	2,0 %	---	---	10,0%	---	14,0%
	Encontro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Vale dos Mestres I	---	---	---	---	---	---	---	---	---
G r a v u r a s	Sal	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Talhado I	---	---	---	---	5,0%	---	22,5%	---	---
	Talhado II	---	---	---	---	---	---	10,0%	---	---
	Talhado III	---	---	1,0%	0,8%	---	1,0%	12,9%	---	19,0%
	Riacho	---	---	---	1,8%	---	---	---	---	---
	Maribondo	---	---	---	---	---	1,5%	23,0%	---	5,0%
	Vale dos Mestres II	---	---	---	---	---	---	13,0%	---	---
	Vale dos Mestres III	---	---	---	---	---	---	38,0%	---	2,0%
	Letreiro	---	---	---	---	---	30,0%	---	---	---

	Sítios/Figuras	Pectiformes	Setas	Grades	Bastonetes comuns	Linhas barradas	Círculos simples	Círculos concêntricos	Semicirculares	Semicirculares concêntricos
P i n t u r a s	Letreiro	---	3,4%	5,0%	14,5%	3,5%	9,4%	1,0%	---	---
	Caibeira do Talhado	8,6%	5,7%	---	20,0%	---	---	---	---	---
	Talhado II	11,5%	10,0%	9,1%	36,6%	4,5%	4,0%	---	---	0,7%
	Maribondo	3,7%	3,5%	---	33,5%	---	4,9%	---	3,7%	---
	Castanho	7,3%	10,8%	5,3%	26,5%	2,2%	10,6%	1,0%	---	---
	Brejo	5,2%	4,5%	6,5%	14,5%	9,1%	15,6%	1,3%	3,8%	3,8%
	Talhado III	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Curva do Talhado	12%	4,0%	14,0%	13,2%	15,0%	8,0%	---	---	---
	Encontro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Vale dos Mestres I	---	---	---	---	---	---	---	---	---
G r a v u r a s	Sal	---	---	---	---	---	1,0%	---	---	---
	Talhado I	9,0%	14,5%	2,5%	10,0%	---	9,0%	---	---	2,5%
	Talhado II	---	---	---	12,5%	---	12,0%	---	12,0%	---
	Talhado III	7,0%	---	---	15,0%	---	16,5%	10,0%	1,0%	---
	Riacho	---	---	---	---	1,8%	1,8%	---	---	---
	Maribondo	2,0%	3,5%	---	29,5%	1,0%	6,0%	---	2,0%	3,0%
	Vale dos Mestres II	---	---	---	42%	---	17,0%	---	17,0%	---
	Vale dos Mestres III	4,5%	---	---	22%	2,5%	18,0%	---	1,8%	---
	Letreiro	---	---	---	7,6%	---	23,0%	---	---	---

	Sítios/Figuras	Círculos interligados	Espiral	Linha sinuosa	Meandros duplos	“Cupules”	Vestígios	Não identificados	
P i n t u r a s	Letreiro	0,5%	---	---	---	---	---	---	
	Caibeira do Talhado	---	---	---	---	---	---	---	
	Talhado II	---	---	---	---	---	---	1,6%	
	Maribondo	---	---	---	---	---	3,7%	---	
	Castanho	---	---	---	---	---	---	---	
	Brejo	---	---	---	---	---	2,5%	---	
	Talhado III	---	---	---	---	---	---	100,0%	
	Curva do Talhado	---	---	---	---	---	---	---	
	Encontro	---	---	---	---	---	---	---	
	Vale dos Mestres I	---	---	---	---	---	---	---	
	G r a v u r a s	Sal	---	---	---	---	98,0%	---	---
		Talhado I	---	---	5,0%	---	2,5%	---	2,5%
Talhado II		24,5%	---	---	6,0%	6,0%	---	12,5%	
Talhado III		0,8%	1,0%	2,5%	0,8%	3,5%	---	---	
Riacho		---	---	---	---	94,6%	---	---	
Maribondo		1,5%	---	---	2,5%	8,5%	---	---	
Vale dos Mestres II		---	---	---	---	13,0%	---	---	
Vale dos Mestres III		---	---	---	---	8,5%	---	---	
Letreiro	7,6%	---	---	---	---	---	15,5%		

Fonte: SILVA, (1997).

Fazendo-se uma análise detalhada da **Tabela 5**, percebe-se que o Sítio Letreiro apresenta um grande número de figuras variadas, entretanto a grande maioria está representada por motivos geométricos, assim como nas gravuras são encontrados pontos com 30% das figuras, círculos simples com 23 % das figuras e 9,4% das pinturas, os considerados não identificáveis observados nas gravuras com 15,5%, e os bastonetes comuns representando

as pinturas com 14,5% e gravuras com 7,6%. Outro sítio que se deve destacar é o Encontro onde 100% das figuras encontradas são pinturas representadas por motivos geométricos considerados complexos.

O sítio Vale dos Mestres I apresenta 100% de figuras representadas por mãos pintadas em positivo. O sítio Talhado III apresenta figuras feitas em pinturas e consideradas não identificáveis. O sítio Sal é um sítio de gravuras e possui 98% das figuras feitas em “Cupules”, assim como o sítio Riacho que apresenta os mesmos elementos com 94,6% na sua maioria.

Outro detalhe importante que pode ser visto nesta tabela é que as figuras consideradas “bastonetes” são encontradas em quase todos os sítios analisados, seja em sítios compostos por pinturas ou gravuras, na tabela que apresenta o quadro geral do estudo, esse motivo geométrico aponta para 306 figuras encontradas dentre os 15 sítios analisados, ou seja, isso nos faz pensar que esse elemento pode representar significativamente o quadro simbólico da região de Xingó, entretanto essa afirmativa só pode ser confirmada a partir de um estudo mais detalhado de outros sítios da região não estudados. Além dos bastonetes, as figuras em “Zig-Zag” também são frequentes em quase todos os sítios, assim como as figuras tridáctilas, os círculos simples, os pectiformes e os cupules são visualmente recorrentes na grande maioria dos sítios com gravura. Este quadro nos mostra que existe uma escolha de repertório tipológico, existe um padrão nas escolhas das figuras que compõe os painéis.

Neste trabalho foi evidenciada também a presença de associações, mesmo em poucos momentos, de pinturas inseridas em conjunto com a presença de motivos naturalistas (“aves”, “lua”, “sol”) associados aos motivos figurativos artefatuais (“escada”, “pirogas”, etc.), outra associação recorrente pôde ser verificada com a presença de conjunto de bastonetes associados às figuras tridáctilas. Percebeu-se também a associação de pequenos antropomorfos formando conjuntos, com linhas retas e sinuosas.

Na tentativa de inserção às Tradições de Registro Rupestre, percebeu-se que os sítios da região de Xingó são constituídos por temas diferenciados da Tradição Nordeste, entretanto apresenta elementos gráficos que podem ser analisados como recorrentes desta tradição, como a possível presença de pequenas embarcações ou “pirogas”. Na associação com a tradição São Francisco, apenas o sítio Letreiro apresenta figuras que corroboram com esta inserção, a partir

da constatação de possíveis (propulsores, sáurios e grades), segundo Silva (1997), este sítio possui características diferentes dos demais sítios estudados, possui grandes antropomorfos mal elaborados, ou seja, um dos elementos mais frequentes na Tradição Agreste (**Figura 16**).

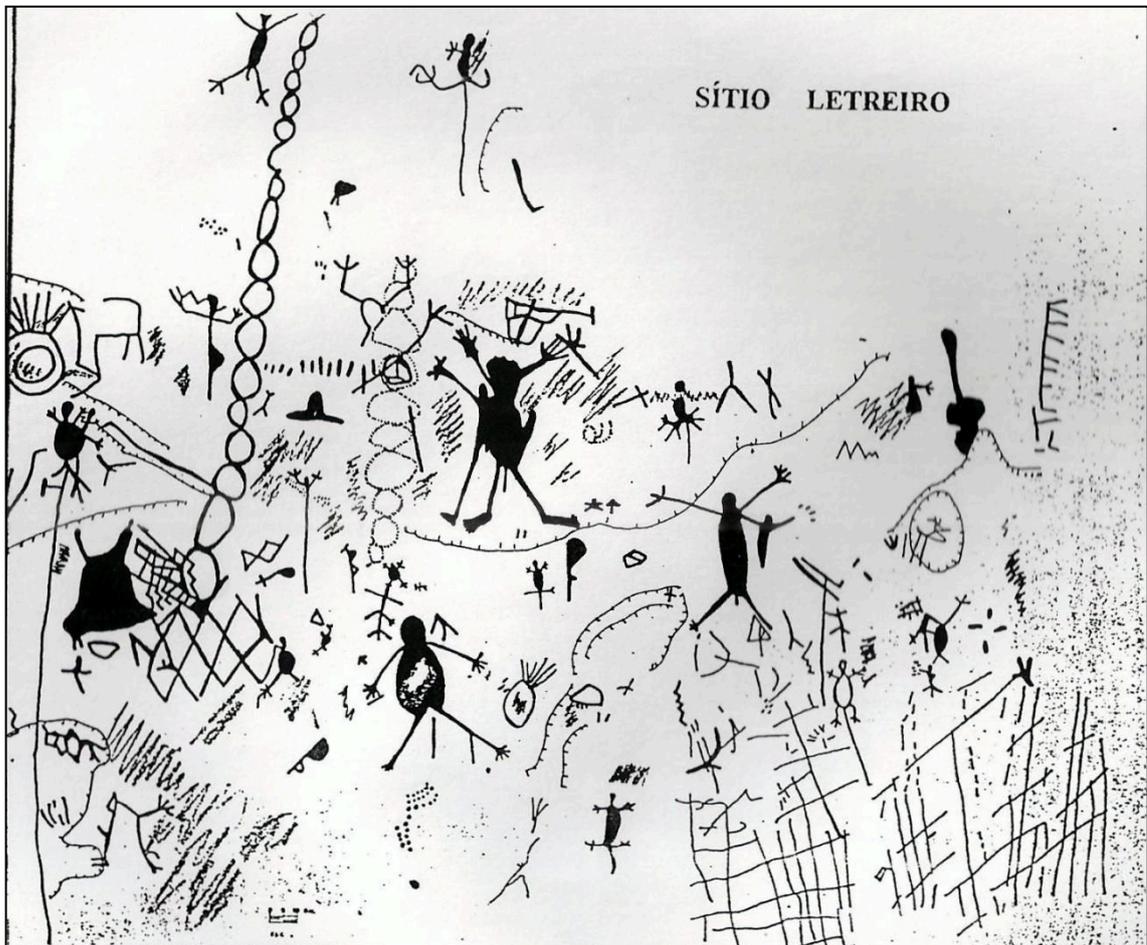


Figura 16 – Pannel do Sítio Letreiro/SE.

Fonte: SILVA, (1997).

Outra tradição em que os sítios podem ser inseridos é a Itacoatiara, devido à presença de figuras geométricas gravadas próximo às fontes de água. No entanto, sabe-se também o quanto a região apresenta sítios diversos e com particularidades, como é o caso do Sítio Letreiro e o Sítio Vale dos Mestres I que possuem temáticas próprias. Na conclusão de sua pesquisa, Silva (2002) defende que a região apresenta sítios de grafismos rupestres com temática original e distinta do que já foi estabelecido com as tradições, outra evidência seria a heterogeneidade em alguns sítios isso pode indicar diferentes momentos de decoração.

Contudo com um novo levantamento arqueológico na área dos platôs e terraços em 1999, verificou-se a presença de mais 208 sítios de registro rupestre na região de Xingó. Nesta nova pesquisa, notificou-se a grande predominância temática de motivos geométricos, possibilitando assim questionamentos a respeito desta recorrência temática. Segundo Vergne & Carvalho (2001), pode-se pensar até no estabelecimento de uma nova tradição, ou então na inserção desses sítios à complexa Tradição Geométrica, entretanto, para tal afirmativa se faz necessário ampliar os estudos por toda área de Xingó e assim poder inferir se existe ou não essa conjectura. Desta forma poderá ser feita uma definição de identidade cultural na região já que uma grande quantidade de vestígios arqueológicos foi evidenciada e precisa ser estudada.

Tabela 6 - Registros Gráficos de Xingó, pesquisa realizada em 1999.

Localização do sítio	Sítios com Grafismos Puros		Sítios com Grafismos Reconhecíveis		Sítios Mistos		Total	
	N °	%	N °	%	N °	%	N °	%
Piau	7	77,8	1	11,1	1	11,1	9	100
Lagoa das Pedras	17	94,4	---	---	1	5,6	18	100
Riacho Poço Verde	3	75,0	---	---	1	25,0	4	100
Riacho Mirador	---	---	---	---	2	100	2	100
Riacho do Talhado	14	63,6	---	---	8	36,4	22	100
Afluente do Talhado	10	90,9	---	---	1	9,1	11	100
Malhada Grande	34	94,4	---	---	2	5,6	36	100
Mundo Novo	5	55,6	1	11,1	3	33,3	9	100
Rio do Sal	63	95,5	---	---	3	4,5	66	100
Riacho Pico	2	100	---	---	---	---	2	100
Xingozinho	15	88,2	---	---	2	11,8	17	100
Olho D'água	5	41,7	---	---	7	58,3	12	100
Total	175	84,1	2	1,0	31	14,9	208	100

Fonte: VERGNE & CARVALHO, 2001:164.

Na **Tabela 6**, configurada pelos citados autores, observa-se a predominância de motivos geométricos na região de Xingó, levantado pelos autores, assim como na análise preliminar realizada anteriormente com a identificação de 15 sítios de grafismos rupestres, essa afirmativa passa a ser mais reforçada com os 208 sítios estudados em todo montante da Usina Hidrelétrica de Xingó tanto nos terraços quanto nos platôs.

Um fator interessante é quanto ao predomínio do motivo geométrico ou grafismos não identificáveis na região, entretanto com esta nova pesquisa poderá ser feita uma nova avaliação dos sítios do platô sergipano e verificar a correspondência dos dados. No trabalho realizado em 1999, a Fazenda Mundo Novo apresenta nove sítios de grafismo rupestre, sendo que cinco deles foram classificados como sítios de grafismos puros, ou seja, a grade maioria sugere que a temática geométrica também predomina no local específico.

No entanto, com o trabalho que se propõe aqui, poderá ser feita uma comparação de dados e por meio de uma nova análise sistemática poderá confirmar tal temática ou não e se esta é associada aos outros sítios da região. A seguir serão apresentados novos dados a partir das pesquisas iniciadas em 2010, começando com a análise de três dos seis sítios de grafismos rupestres (Patrocina, João e Cândido) localizados na Fazenda Mundo Novo.

3.3.2– Sítios com Grafismos Rupestres situados no Platô Sergipano:

Com a descoberta de um grande número de sítios de grafismos rupestres na região de Xingó, verificou-se a presença de mais sítios numa área ainda não estudada anteriormente, assim como se deduzia, o platô também está marcado pela presença de antigos habitantes e assim como foi analisado na área dos terraços, pode apresentar um acervo arqueológico significativo, entretanto ainda não foi feito um estudo mais amplo a partir de escavações para que se possa compreender o contexto arqueológico da área. Uma das concentrações de sítios com registro rupestre encontra-se no platô sergipano e está inserida na Fazenda Mundo Novo, esta propriedade pertence a José Augusto Andrade e situa-se no município sergipano Canindé de São Francisco na região de Xingó (**Figuras 16 e 17**).

Os sítios da fazenda são monitorados pelo Museu Arqueológico de Xingó – MAX e pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (MAX, 2000). A fazenda está inserida em um ambiente de matacão rochosa, na paisagem típica de caatinga, com vegetação arbustiva e predominantemente seca, onde se percebe a presença intensa de cactáceas, solos arenosos e afloramentos rochosos com paredes e abrigos de arenito em processo de forte erosão (LAGE ET AL., 2004-2005; MARTIN, 2005) (**Figuras 18 e 19**).



Figura 16 - Visualização da Fazenda Mundo Novo.

Fonte: GOOGLE EARTH.



Figura 17 - Visualização dos Sítios de Grafismo Rupestre na Fazenda Mundo Novo.

Fonte: GOOGLE EARTH.



Figura 18 - Fazenda Mundo Novo no início do projeto PAX.

Fonte: MENEZES, 2004 In: SANTANA, 2011.



Figura 19 - Vegetação típica encontrada na região de Xingó em Canindé de São Francisco - SE

No projeto² de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, a nossa equipe teve como enfoque inicial fazer uma análise tipológica buscando-se entender se existem associações entre as figuras e/ou entre os sítios e entre as classificações tradicionais. Logo na primeira visita foi feita a prospecção de dois sítios: o sítio João e o sítio Patrocina. No mesmo ano, a equipe de estudos volta à fazenda para a análise de mais um sítio, o sítio Cândido. A análise dos sítios e os resultados obtidos com a pesquisa atual serão descritos a seguir.

²Fui convidada a participar deste projeto enquanto bolsista do CNPq até o ano de 2011, o projeto ainda está em andamento, mas hoje atuo na área juntamente e paralelamente com a professora Suely A. Martinelli, para minha pesquisa e construção da dissertação de mestrado.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE TIPOLOGICA DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DA FAZENDA MUNDO NOVO

4.1- Sítio Patrocina:

O sítio localiza-se no sentido noroeste/sudeste, com coordenadas: S 9° 33' 22,8" e W 37° 59' 17,7 (Max, 2000; Martinelli, 2009). O relevo é do tipo chapada ou platô e o sítio é composto por um paredão rochoso de arenito com perfil reto. O sítio “Patrocina” é representado por grandes figuras pintadas sobre um bloco ou paredão de um pequeno abrigo e se destaca visivelmente dentro vegetação seca e sedimento arenoso. As pinturas encontram-se expostas num único painel de modo que toda a parede foi aproveitada para a confecção deste painel (**Figura 20**).



Figura 20 - Vista geral do Sítio Patrocina.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

Segundo LAGE et al., (2004-2005), o sítio pode ser definido como abrigo, por possuir um piso regular com capacidade de dois a três indivíduos, no entanto esse bloco não possui cobertura mais ampla e nem uma cavidade mais profunda, apesar de sua parede ser um pouco inclinada para dentro, pode ser que esse “abrigo” tenha tido apenas a função de exposição pictórica independente da intencionalidade atribuída.

Foi feita uma análise topográfica preliminar do sítio baseada no perfil e na profundidade da rocha, com a imagem diminuída em 1/5. Na análise do perfil percebeu-se que o sítio tem altura de aproximadamente 3m, sendo que este se mostra mais saliente na parte superior, enquanto a parte de baixo é mais recuada e possui em média 1m de profundidade. Apesar de o sítio ser considerado pequeno, o painel aproveita quase todo o espaço do suporte e as figuras são bem distribuídas por todo espaço (**Figura 21**).



Figura 21 - Imagem do painel do Sítio Patrocina.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

O painel possui aproximadamente 2,07m de largura e 1,4m de altura e as figuras impressionam com tamanhos que variam de 0,83m de altura a 0,03m de altura. Ou seja, por

mais que o painel seja pequeno, todo o suporte é utilizado e expõe figuras de quase 1 metro de altura. No que concerne à técnica de elaboração, observou-se que a pintura predomina a confecção das figuras e pode-se afirmar que estas podem ter sido elaboradas a pincel e/ou a dedo, tendo como cor predominante é a vermelha e variações desta, segundo o código Munsell. O Código Munsell, foi criado pelo professor A. H. Munsell³ no início do século XX e seu sistema de cores é utilizado atualmente por diversas áreas de pesquisa assim como é utilizado constantemente pelos arqueólogos, principalmente na análise de registro rupestre.

Na análise tipológica notou-se que o painel se destaca por grandes figuras pintadas com o corpo geometrizado (retangular) e supostos membros superiores e inferiores, no entanto, percebe-se a forte presença de figuras geométricas como os traços paralelos, bastonetes, círculos preenchidos e outros não, traço curvado e figura que pode ser considerada aqui como não identificável. Fazendo-se uma análise mais detalhada, podemos destacar que: os grafismos não figurativos representam 57% das figuras, os figurativos 43% representados por antropomorfos geometrizados (**Gráfico 1**).

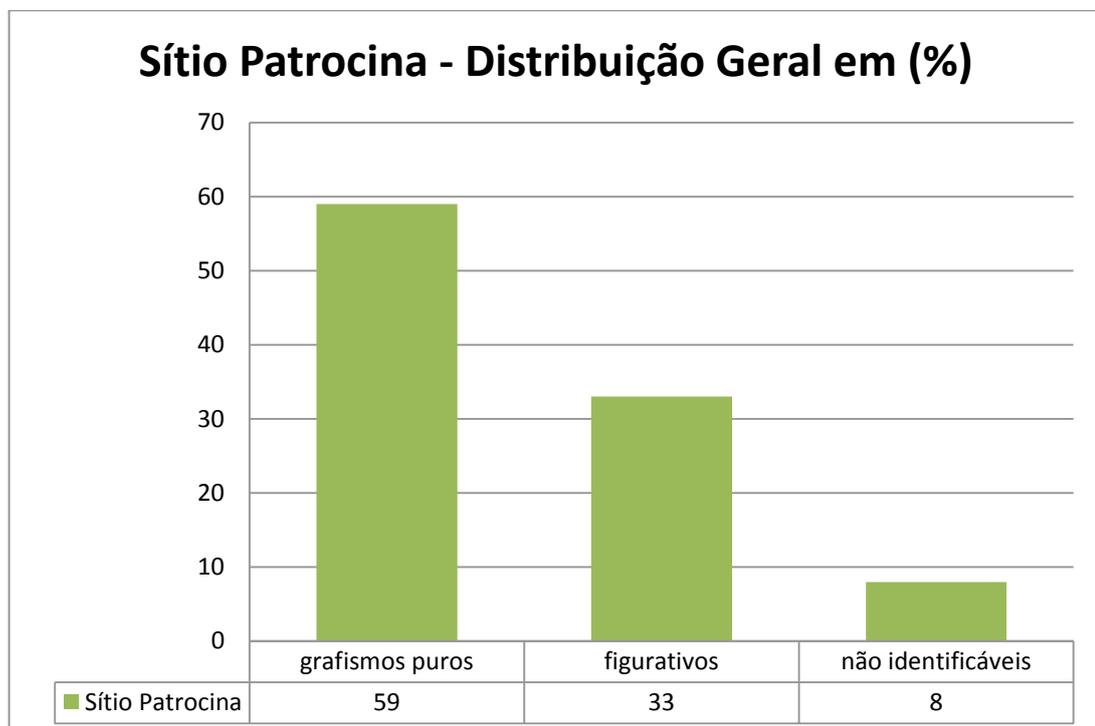


Gráfico 1 - Quadro Tipológico do Sítio Patrocina com os motivos recorrentes, distribuição em porcentagem - %

³ O “Código Munsell é um sistema de aceitação internacional, empregado com fins especializados nas áreas de arte, design, fotografia, televisão, impressão, pinturas têxteis e plásticas”. (Lage et. al. 2004, 2005: 10).

Tabela 7 - Sítio Patrocina – Distribuição do Quadro Tipológico Específico.

Tipo da figura	Quantidade	%
Antropomorfos	4	34
Traços	2	16
Bastonetes	2	16
Círculo	3	25
Não identificável	1	9

A partir destes dados percebe-se que no Sítio Patrocina existe a predominância do motivo geométrico onde é possível identificar a presença de círculos, preenchidos ou não, assim como a presença de bastonetes e traços. O segundo motivo mais recorrente é o figurativo com a presença de figuras antropomorfas, além da possível presença de uma figura não identificável, por se tratar de uma figura bastante complexa em sua morfologia e que não garante uma denominação muito segura no ato interpretativo.

Esta análise nos permite afirmar que este sítio compartilha de uma mesma temática presente em toda região de Xingó, visto que os motivos geométricos protagonizam o painel, porém, as três grandes figuras antropomorfas formam um eixo principal do painel e certamente as outras figuras ao seu redor se encontram associadas a elas. É um painel emblemático, já que em outras regiões não foram encontradas figuras parecidas com esses três grandes antropomorfos, mas pode ser que este painel tenha alguma semelhança com outras figuras encontradas pelo nordeste.

Na **Figura 22**⁴ pode-se observar as figuras decalcadas e reduzidas em 1/5. Também foi enfatizada nesta nova pesquisa a presença de incisões em forma de “X” em um dos corpos geometrizados do painel, mais precisamente na figura maior e central. Isso nos mostra que detalhes importantes para a conjectura de hipóteses foram negligenciados anteriormente.

⁴ Ver o decalque do painel em apêndices.



Figura 22 - Painel elaborado do sítio Patrocina a partir de decalque e redução da figura em um quinto do seu tamanho real.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

4.2 – Sítio João:

O sítio João está localizado no sentido noroeste/sudeste com coordenadas S 9° 33' 10,6" e W 37° 59' 04,5" possui relevo do tipo chapada ou platô e é composto por um paredão rochoso de arenito também em formato reto, porém com a parte inferior recuada, justamente onde foi elaborado o painel. As pinturas encontram-se expostas num único painel, de modo que tanto na parede quanto no teto há registros de pinturas. É preciso salientar que devido o sítio possuir uma cavidade na parte inferior da parede pode ter servido como abrigo temporário, entretanto diferentemente do sítio Patrocina, o sítio João possui uma cavidade maior na parte inferior da parede o que sugere um lugar mais propício para abrigo (Martinelli, 2010). O sítio apresenta 1,6 x 4,5 em dimensão (m²), altura do painel de 1,42m e largura de 3,35m. É preciso refazer um levantamento topográfico do sítio e assim apresentar dados mais detalhados e precisos (**Figuras 23 e 24**).



Figura 23 – Vista geral do Sítio João.

Fonte: MARTINELLI, (2010).



Figura 24 - Imagem do painel do Sítio João.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

Quanto ao tamanho das figuras, estas variam entre a maior figura com 65 cm de altura e a menor com apenas 1 cm de altura. Foi possível observar que a pintura monocromática em cor vermelha predomina na confecção das figuras e pode-se deduzir que foram elaboradas a pincel e a dedo. Outra técnica utilizada foi o positivo ou carimbo, informação obtida a partir da observação de uma possível mão exposta no teto.

Na análise tipológica observou-se a presença de grafismos puros em grande maioria, de modo que o painel expõe claramente figuras não identificáveis, entretanto identifica-se claramente que os bastonetes, traços verticais e paralelos, são a principal temática do painel, onde uns possuem uma espessura bem mais larga e alguns são maiores que outros. Observou-se também a presença de figuras geométricas como círculos sem preenchimentos e outros associados aos bastonetes, de dois traços horizontais paralelos que ocupam o painel inteiro de um lado a outro, a presença de figura tridáctila, no teto há uma figura que lembra uma mão em positivo ou chapada sem o polegar e há também a presença também de traços pontilhados. No **Gráfico 2** foi feita a distribuição tipológica em percentagem dos motivos mais frequentes no painel.

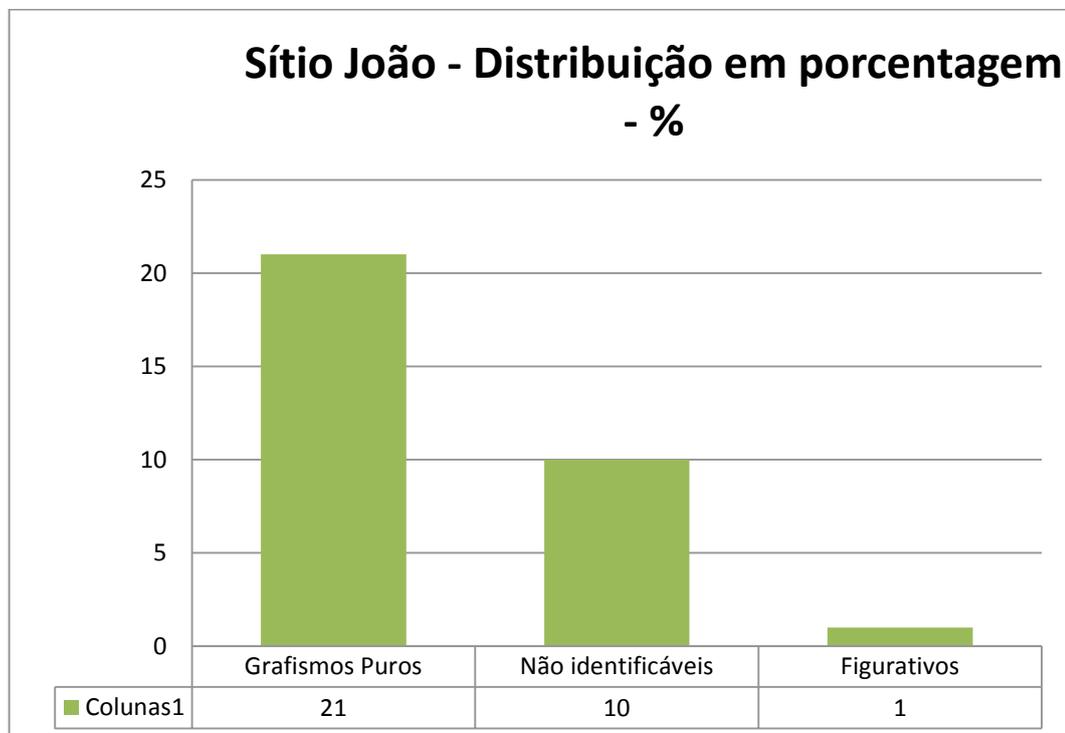


Gráfico 2 - Quadro Tipológico do Sítio João com os motivos recorrentes - Distribuição em Percentagem (%)

Nota-se no **Gráfico 2** que 66% das figuras analisadas são geométricas, na **Tabela 8** foi feita a descrição dos tipos de figuras encontrados no sítio. Abaixo poderá ser observada a distribuição tipológica especificamente.

Tabela 8 - Sítio João: Distribuição do Quadro Tipológico Específico.

Tipo de figura	Quantidade	%
Bastonete	11	34
Tridáctila	1	3
Traços	6	19
Não Identificáveis	10	32
Círculo	3	9
Mão (positivo)	1	3

Na **Tabela 8**, observa-se que os bastonetes representam a grande maioria da quantidade de figuras, é interessante frisar que esta temática é frequentemente citada em pesquisas anteriores, neste sítio, por exemplo, o painel é todo pintado em bastonetes e isto parece ser comum em quase todos os sítios de Xingó para rever essa informação basta analisar as **Tabelas 4 e 5**. Outra informação que merece ser ressaltada é a presença de círculos, neste sítio é possível identificar que estas figuras aparecem associadas às figuras centrais, como também acontece com o sítio Patrocina, para que seja feita uma afirmativa a respeito desta associação é necessário analisar os demais sítios da Fazenda Mundo Novo e isso será feito no decorrer desta pesquisa.

Outro elemento também significativo é a aparição de figuras consideradas complexas ou de difícil definição em pesquisas anteriores, independente da classificação dada a estas figuras, estas representações também são constantes na região. Na **Figura 25**⁵ nota-se que a temática geométrica predomina neste sítio de modo que as figuras apresentam muita complexidade de definição e estão associadas uma as outras.

⁵ Ver decalque do painel em Apêndices.

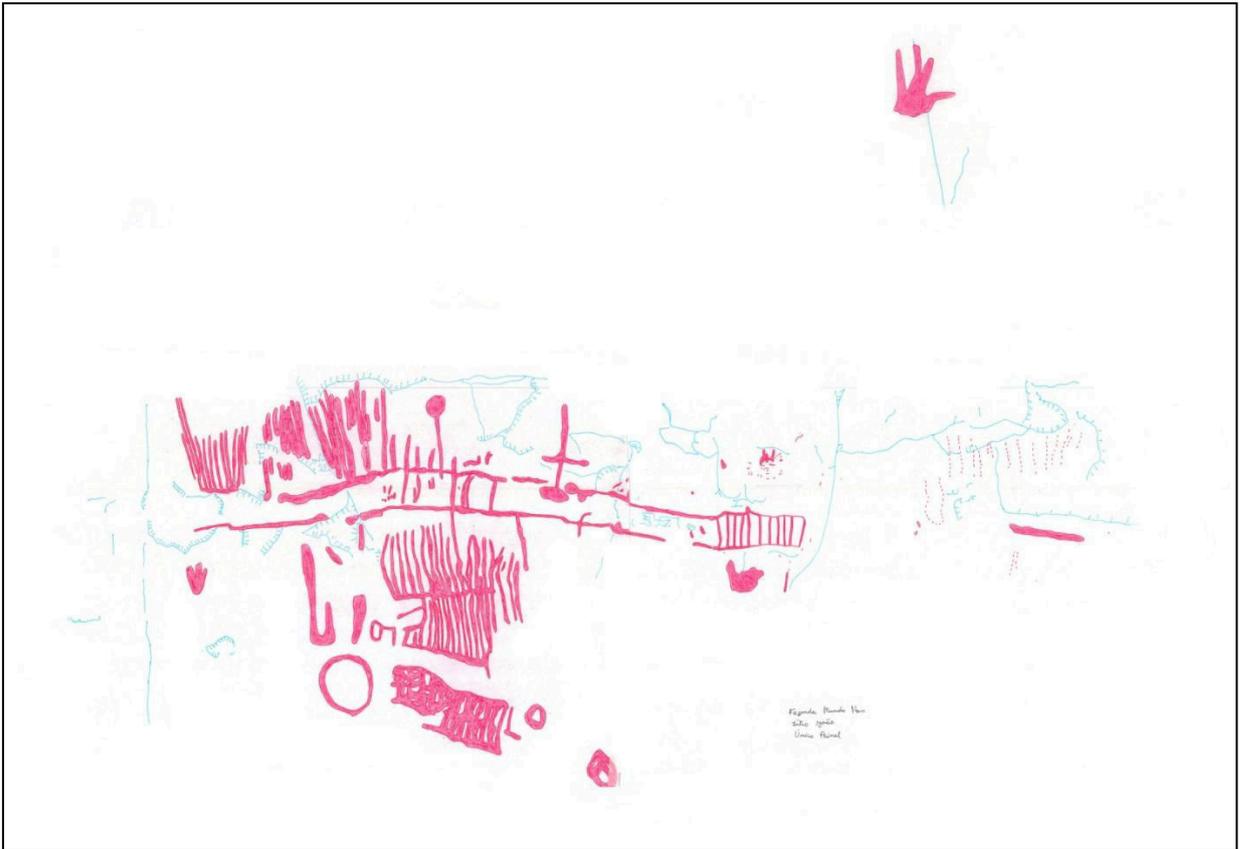


Figura 25 - Painel do sítio João elaborado a partir de decalque e redução da figura em um quinto do seu tamanho real.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

4.3 – Sítio Cândido:

O Sítio Cândido localiza-se no sentido Nordeste/Sudoeste com coordenadas: S 9° 33' 11,2" e W 37° 59' 06,2" e o tipo de relevo é de Chapada ou Platô (MARTINELLI, 2010). O suporte rochoso é de arenito com conglomerado de quartzo e é considerado abrigo. As pinturas encontram-se espalhadas em todo o abrigo, seja nas paredes como no teto, assim como também foram verificadas figuras rupestres no fundo do abrigo e ao seu lado esquerdo, tanto parede quanto teto. Quanto à distribuição das figuras, percebeu-se que estas foram confeccionadas em três painéis, com grafismos que variam de 1,94m de altura por 1,55m de largura a 0,02m de altura por 0,04m de largura.



Figura 26 - Sítio Cândido, visão frontal.

Fonte: MARTINELLI, (2010).

Quanto às técnicas de elaboração, a pintura predomina a confecção das figuras e pode-se afirmar que foram elaboradas a pincel e/ou a dedo, assim como também há a hipótese de utilização de crayon para confecção. A cor predominante é a vermelha e variações desta, que segundo o Código de Munsell, podemos defini-las nas tonalidades: Vermelho Claro, Vermelho Médio, Vermelho escuro e por vezes aparece a cor branca que pode ser originado da cal da própria rocha.

No que tange a análise tipológica das figuras, o abrigo apresenta uma grande variedade de figuras, variando entre figuras complexas ou não identificáveis, geométricas (círculos, semi-círculos, linhas sinuosas), antropomorfas, tridáctilas, bastonetes, zig-zags, e principalmente muitas figuras biomorfas, além destas pode-se citar a possível presença de “pirogas” ou barcos.

No **Gráfico 3** poderá ser vista a distribuição em porcentagem das figuras presentes em cada painel. É importante frisar que o Sítio Cândido, possui diversos tipos de grafismos,

inclusive um grande número destas figuras dificilmente pode ser definido, pois, são figuras complexas e das mais variadas que se cruzam num sítio relativamente grande e que possui grandes chances de moradia, seja temporária ou fixa, servindo também como espaço ritualístico, ou como dormitório, ou pra reserva de alimentos e animais, todavia é um tipo de ocupação que oferece diversas funções.

De todas as figuras analisadas a que chama mais a nossa atenção é a presença de um gigante “antropomorfo” no teto, com quase 2m de comprimento, ao seu lado existem figuras associadas que nos induz a pensar que se trata de um Sol e uma Lua, entretanto este tipo de denominação, não é relevante ao passo que o significado original não pode ser alcançado no tempo presente. Nos gráficos que serão apresentados a seguir, tem-se uma noção dos tipos de figuras presentes em cada painel, de modo que subdividiu-se os painéis para que a análise fosse mais detalhada.

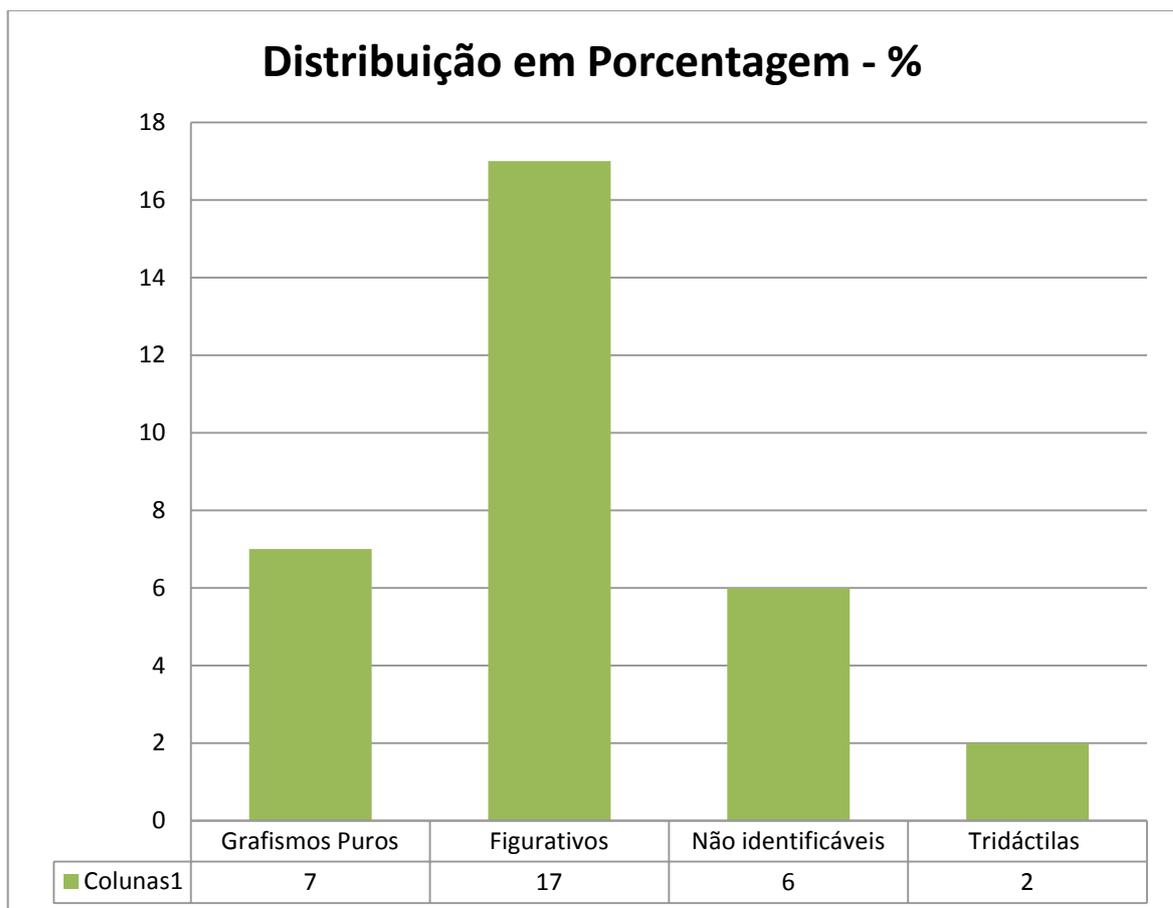


Gráfico 3 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1- Parede – lado direito do sítio

Tabela 9 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Pannel 1- Parede – Lado direito do sítio.

Tipo de figura	Quantidade	Porcentagem %
Biomorfa	15	47
Antropomorfa	1	3
Não Identificáveis	6	19
Tridáctila	2	6
Piroga	1	3
Bastonetes	4	13
Semi-círculo	1	3
Semi-círculo concêntrico	2	6

Neste local específico do painel existe uma grande concentração de figuras biomorfas, muitas vezes, chega-se a ter dúvida quanto à classificação destas representações por possuírem certa complexidade de definição, porém é possível perceber os biomorfos espalhados por toda parede, seja isolados ou em conjunto, seja associados a conjunto de bastonetes e a figuras tridáctilas, no entanto, devido ao desgaste das pinturas, algumas figuras estão bem esmaecidas e alguns biomorfos se encontram incompletos, mas com as características observadas pode-se defini-las com essa denominação.

Ainda nesta parede, observam-se figuras associadas aos biomorfos, como uma possível representação de uma “piroga” ou embarcação e semicírculos concêntricos ou não concêntricos. E um grande número de figuras indefinidas também compõe este quadro. Como se vê, alguns elementos são corriqueiros também nesta análise específica e alguns outros são introduzidos.

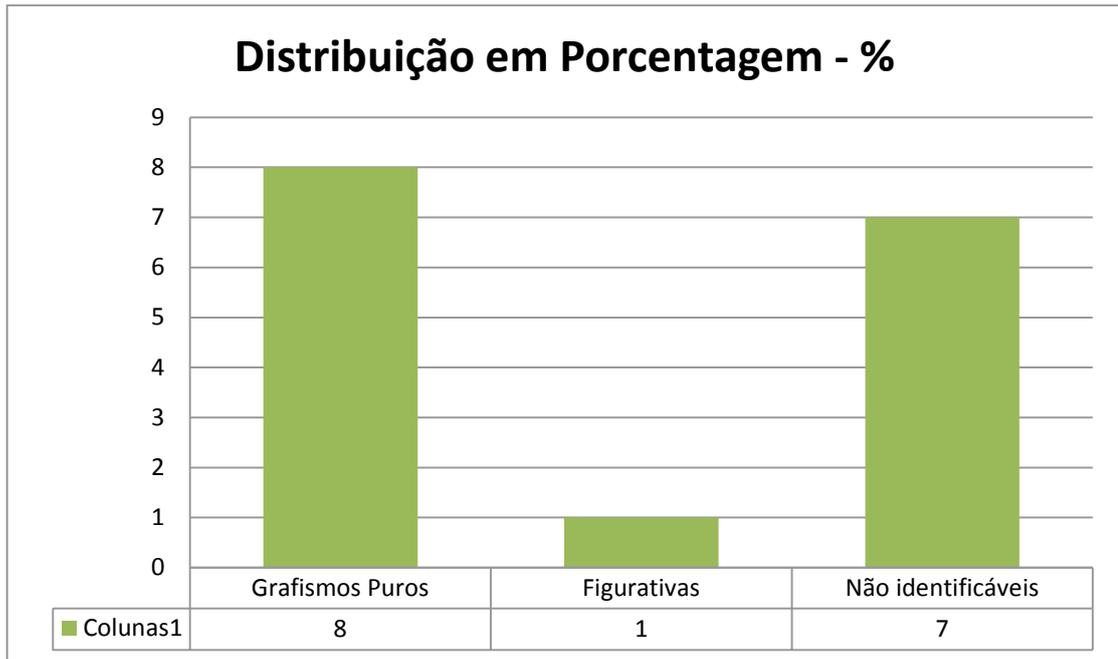


Gráfico 4 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1 – Teto - distribuição geral em porcentagem (%)

Tabela 10 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Painel 1 –Teto - Distribuição específica em porcentagem (%)

Tipo de figura	Quantidade	%
Biomorfos	1	6%
Complexas	7	47%
Bastonetes	4	27%
Semilunar (não preenchida)	1	7%
Círculo concêntrico com linhas que lembram raios (“sol”)	1	7%
Semicírculo	1	7%

Esta parte do painel possui uma associação de figuras muito interessante, há um grande biomorfo no teto associado a duas figuras que aos nossos olhos contemporâneos lembram uma “lua” e um “sol”, além de figuras geométricas bastonetes, semicírculos, além das figuras tridáctilas e complexas. Entretanto, percebe-se que também nesta parte do painel predomina o motivo geométrico seguido pelas figuras não identificáveis.

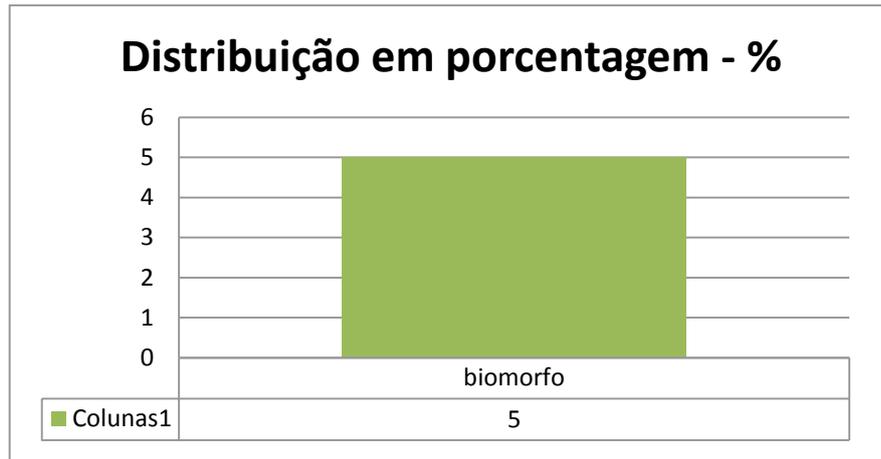


Gráfico 5 - Sítio Cândia: Quadro Tipológico Geral do Painel 2 - distribuição em porcentagem (%)

Tabela 11 - Sítio Cândia: Quadro Tipológico do Painel 2 - distribuição específica em porcentagem (%)

Tipo de figura	Quantidade	Porcentagem %
Biomorfo	5	100 %

O painel 2 fica situado no lado esquerdo do sítio e está representado por um conjunto de cinco figuras biomorfas, esse tipo de figura é visto em todo sítio, tendo como foco central o grande biomorfo no teto e biomorfos menores espalhados, seja em conjunto ou isolados.

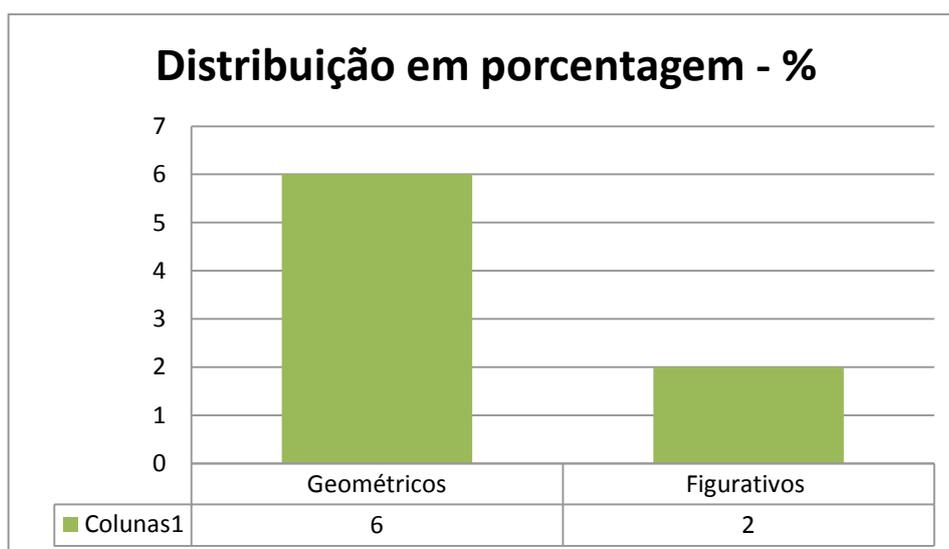


Gráfico 6 - Sítio Cândia: Quadro Tipológico do Painel 3 – Teto - Distribuição Geral em porcentagem (%)

Tabela 12 - Sítio Cândido – Quadro Tipológico do Pannel 3 – Teto – Distribuição Específica em porcentagem (%)

Tipo de figura	Quantidade	Porcentagem %
Linha sinuosa	1	12%
Círculo não preenchido	1	12%
Zig-zags	3	38%
Conj. de 3semi-círculos concêntricos	1	13%
Piroga	2	25%

O painel 3 está situado no lado esquerdo do sítio Cândia e tanto teto quanto paredes foram aproveitadas pelos antigos autores, praticamente todo o sítio foi aproveitado. Também no teto do painel 3 há a predominância dos motivos geométricos, sendo que os “zig-zags” representam maioria das figuras, outras figuras presentes neste painel são os círculo e os conjuntos de semicírculos, este tipo de desenho é observado por toda Xingó.

Entretanto, existem dois elementos figurativos considerados aqui como “pirogas” ou embarcações, ambas associadas a conjunto de semicírculos e as linhas sinuosas, estes elementos frequentes nos sítios de grafismo rupestre da Fazenda Mundo Novo analisados até agora, certamente devem indicar um possível repertório de signos utilizados neste espaço e por toda região.

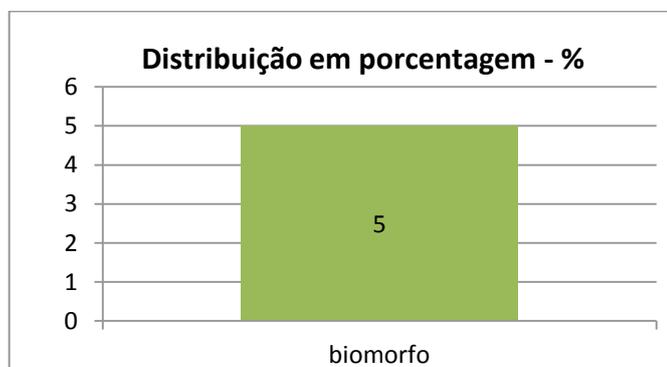


Gráfico 7 - Sítio Cândia: Quadro Tipológico do Pannel 3 – Parede – Distribuição Geral em porcentagem (%)

Tabela 13 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Pannel 3 – Parede - Distribuição Específica em porcentagem (%)

Tipo de figura	Quantidade	Porcentagem %
Biomorfa	1	100%

Na parede do painel 3 existe apenas uma figura biomorfa, no entanto esta encontra-se bastante esmaecida devido ao intemperismo e pode ser que no futuro se não houver uma intervenção para conservação do sítio este vestígio desapareça.

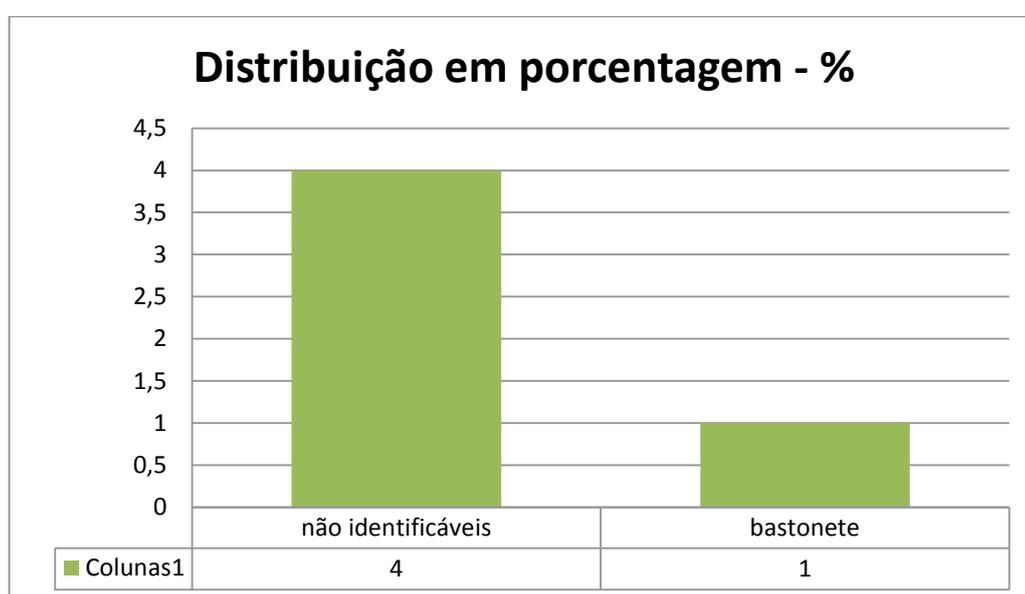


Gráfico 8 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Pannel 3 – Teto Baixo - Distribuição Geral em porcentagem (%)

Tabela 14 - Sítio Cândido: Quadro Tipológico do Pannel 3 – Teto Baixo – Distribuição específica em porcentagem (%)

Tipo de figura	Quantidade	Porcentagem %
Não Identificáveis	4	80%
Geométrica (bastonete)	1	20%

No teto baixo, existe um conjunto de figuras que por não possuírem uma forma reconhecida e definida foram consideradas complexas, estas figuras estão bastante desgastadas e certamente algumas informações foram perdidas, próximo a esse conjunto existe um bastonete, entretanto esta classificação pode ser alterada futuramente se for

detectado que esta fazia parte de uma outra figura. No entanto, também ocorre neste local a presença de tipos de figuras recorrentes na região. Nas figuras abaixo, tem-se uma visão geral dos motivos e figuras presentes em todo sítio Cândido e assim será feita uma análise mais ampla e significativa, para que se possa relacionar este sítio com os outros já estudados nesta pesquisa e com as informações obtidas anteriormente.

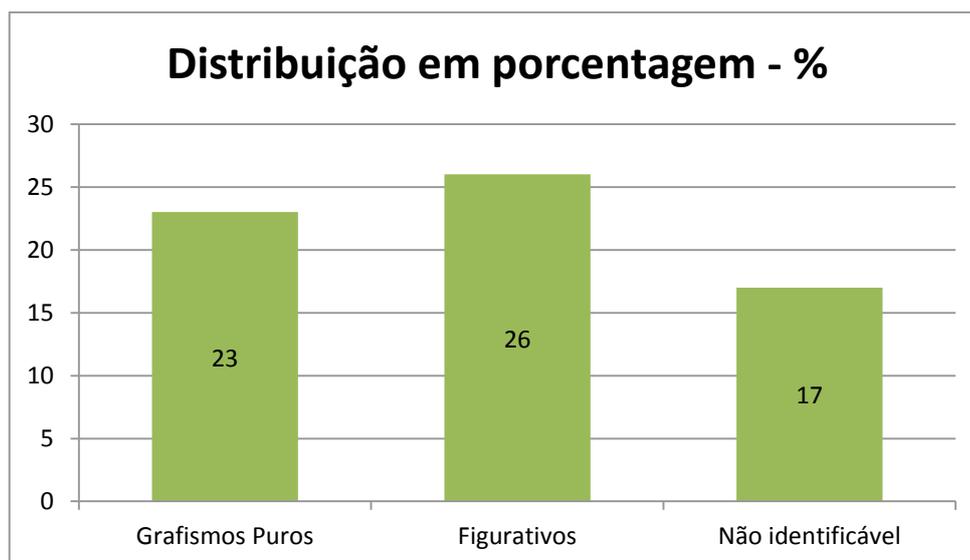


Gráfico 9 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido com os motivos presentes - Distribuição em percentagem - %

Tabela 15 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido - Distribuição Específica em percentagem (%)

TIPO DE FIGURAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Biomorfo	22	33 %
Antropomorfo	1	1 %
Não identificável	17	26 %
Bastonetes	9	14 %
Tridáctilo	2	3 %
Zig-zags	3	5 %
Linha sinuosa	1	1 %

Semi-lunar (não preenchida)	1	1%
Semi-círculo concêntrico	2	3%
Semi-círculo	2	3%
Conj. de 3 círculos concêntricos	1	1%
Círculo concêntrico com raios ("sol")	1	1%
Círculo não preenchido	1	2%
Piroga	3	5%

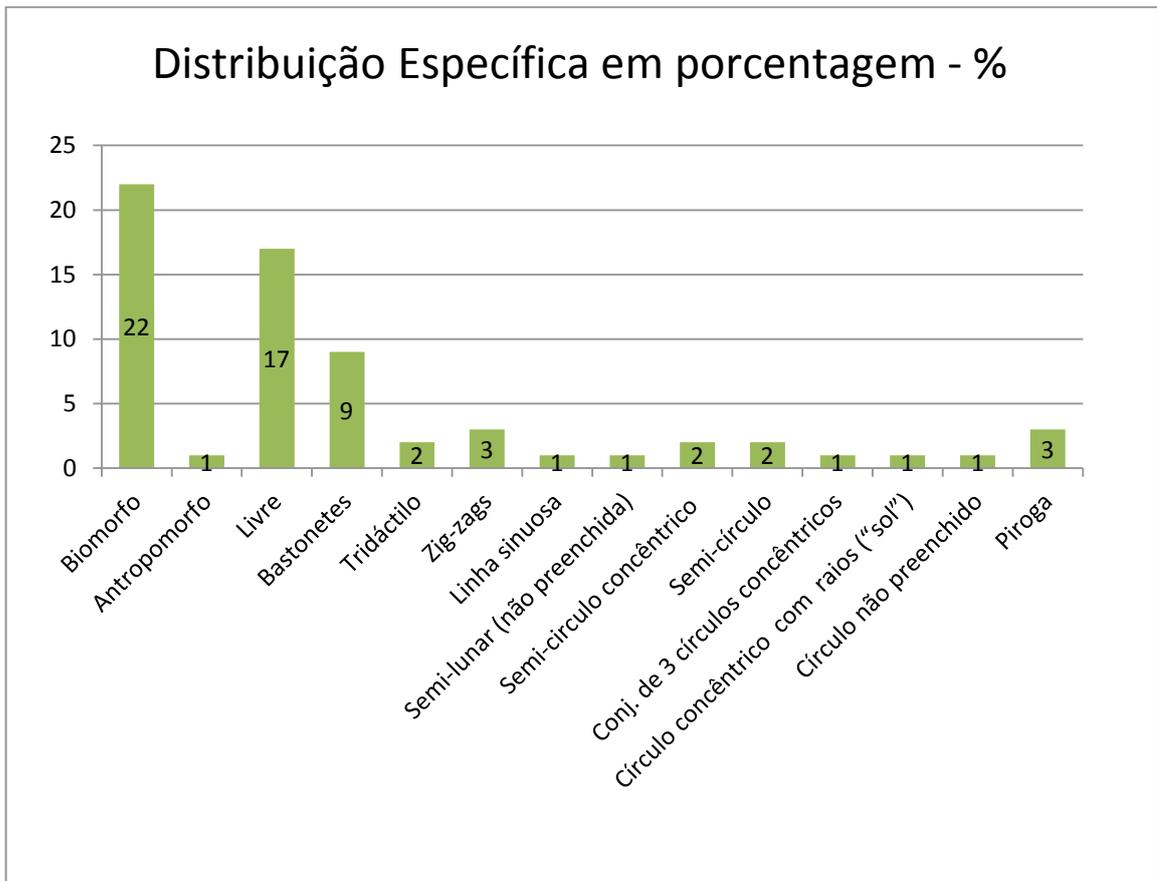


Gráfico 10 - Quadro Tipológico Geral do Sítio Cândido - Distribuição Específica em porcentagem - (%)

Ao fazer a análise dos painéis separadamente, observou-se a presença de grande variedade do tipo de figuras em todo sítio, vários motivos foram utilizados, porém grande parte das figuras pode ser encontrada nos outros sítios analisados aqui. Neste sítio em particular o motivo figurativo foi o mais recorrente, isso se deve pela grande quantidade de biomorfos nos suportes rochosos com 33% das figuras, talvez em outras pesquisas, alguns destes biomorfos fossem considerados antropomorfos, mas independente da classificação dada a estas representações, percebe-se que existe figuras com características iguais espalhadas pelo local. Entretanto, no sítio Patrocina, os biomorfos presentes possuem características diferentes dos demais sítios, pois como já foi explicado acima, possuem corpo geometrizado.

Outro motivo presente no sítio e também em grande quantidade foi o geométrico, mais uma vez esta temática pode ser observada na Fazenda Mundo Novo, dentre as figuras mais representadas estão os bastonetes com 14% das figuras encontradas nos painéis. Outro elemento também intensamente representado são as figuras complexas, estas sempre presentes em toda região. De modo geral pode-se considerar que o sítio Cândido, assim como o Patrocina e o João apresentam características tipológicas parecidas e pode ser que estejam relacionados com os demais sítios da região de Xingó, isso pode ser um indício de que haja no local um repertório simbólico compartilhado pelos antigos autores da região.

É importante destacar que as classificações feitas aqui são relativas, de modo que estas denominações são inferidas do ponto de vista da equipe de trabalho desta pesquisa, a partir de um consenso de interpretações e que certamente podem ser alteradas conforme outros pesquisadores interpretem as figuras dando-lhes outras classificações, o importante é contribuir com novos dados e informações para que no futuro, por meio de outras pesquisas, se possa ter mais discussões e conjecturas a respeito.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS E DISCUSSÃO GERAL

Este capítulo levantará interpretações a respeito dos dados obtidos durante o trabalho. É interessante ressaltar aqui o papel fundamental do pesquisador enquanto formulador de hipóteses e discurso. Qualquer objeto de estudo analisado está passivamente relacionado às percepções e ordenações realizadas pelo seu observador. Por isso, acredita-se aqui que quando se analisa os grupos culturais, por mais objetiva e pragmática que seja a pesquisa a cultura, por remeter sempre às atividades subjetivas e por isso complexas, não pode ser encarada apenas como elemento funcional e objetivo. Desta forma, entende-se aqui o papel ativo do pesquisador, não como um decifrador de significados, mas como um agente que formula ideias a partir das suas percepções e interpretações.

A cultura deve ser vista como um mecanismo simbólico e por isso não se deve encará-la como um aparelho auto-funcional e operacional dentro de um grupo. Segundo Geertz (2008), a cultura faz parte do público, assim como o significado tem que ser. Um gesto em público corresponde a um código entendível ao grupo, isso não se explica apenas com a observação dos fenômenos mentais realizada por métodos matemáticos (defendidos pelos cognitivistas). Para Geertz (2008) procurar o que é comum atenta na busca de significados de formas mais variadas, a partir disso pode-se observar o grau de normalidade presente em qualquer cultura sem precisar diminuir a sua particularidade. Não se faz necessário nos situarmos e simplesmente percebê-los como percebemos a nós mesmos, a partir de nossa interpretação densa e de nossas formulações somos levados a uma compreensão mais significativa e isso quer dizer que não é o outro quem conta a sua história e sim quem os observa.

Pessis (1984) apresenta quatro níveis de interpretação analítica para o estudo dos registros rupestres. Segundo a autora, a partir desta metodologia, pode-se ter mais controle e sistematização dos dados analisados. O primeiro nível corresponde ao estudo morfológico, ou seja, são evidenciadas as formas das figuras; o segundo nível é o cenográfico, a autora considera esta como a primeira inferência interpretativa do processo analítico, neste nível as interpretações são feitas a partir do que as próprias imagens representam nos painéis; o terceiro nível é o hipotético, este nível nos permite apontar indícios interpretativos tanto das

imagens quanto dos demais dados externos, como os dados arqueológicos e os dados ecológicos, essa seria o segundo tipo de interpretação, já o quarto nível e terceiro tipo de interpretação, o conjectural, se dá mediante aos resultados obtidos em todo processo. Sendo assim, a partir deste capítulo será realizado o terceiro tipo de interpretação, de modo que por meio dos resultados obtidos no capítulo anterior, pode-se construir tanto as hipóteses quanto as conjecturas.

5.1 – Repertório obtido a partir da análise dos sítios com grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo:

5.1.1 - Análise geral dos sítios e dos painéis:

No contexto ambiental, os sítios com grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo estão situados em sua grande maioria em matacões rochosos de arenito. Dos três sítios analisados apenas o Cândido pode ser considerado uma gruta. As definições de abrigo, gruta, caverna ou paredão, geralmente sofrem vários tipos de classificação e muitas vezes, acaba ocorrendo a generalização dos termos. Não é objetivo aqui discutir essas classificações, mas é necessário pelo menos compreender os tipos de suportes rochosos para poder compreender as escolhas espaciais feitas pelos homens pré-históricos para a confecção das figuras.

De acordo com Brunet, Vidal & Vouvé apud Lage et al. (2004-2005:7) pode-se considerar abrigo o “Desbaste talhado ao pé de falésias, como em diferentes altitudes, ao longo de vertentes abruptas”. Na definição de gruta temos a de Lage et al. (2004-2005:7) “É uma cavidade que pode apresentar formas variadas, que aparece mais freqüentemente em rochas calcárias ou em arenitos, com cimento calcário”.

A diferenciação de gruta para caverna é entendida desta maneira por Alimen apud Almeida (1979:37) “gruta como cavidade pouco profunda, com alguma luminosidade e a caverna como longa sucessão de salas e de corredores, totalmente obscuros, penetrando profundamente no subsolo”. O sítio Cândido está compreendido como uma gruta de acordo com as características definidas pelos autores. Os outros dois sítios o João e o Patrocina são considerados aqui como matacões, de modo que seus painéis com grafismos rupestres estão inseridos nos seus paredões. Para definição de matacão ou bloco, recorre-se a Guerra apud Lage et al. (2004-2005), onde o autor classifica matacão como “fragmento de rocha de diâmetro superior a 500 mm, que sofre intemperismos”. Já paredão é classificado por Lage et al. (2004-2005:8) como “sítios localizados em encostas abruptas”.

No tocante a relação do grafismo com o suporte e as técnicas de confecção das figuras, percebe-se entre os sítios que não existe tratamento dos suportes e devido à grande presença de configurações rochosas areníticas não se pode estipular se houve uma intencionalidade na escolha do tipo de rocha para execução das figuras. Quanto à distribuição dos grafismos nos painéis, notou-se que os três sítios apresentam escolhas em comum, como é o caso da presença de grafismos na parede lisa do suporte rochoso, assim como o aproveitamento de quase toda parede do painel.

No caso do Sítio Patrocina todo o espaço da parede lisa foi aproveitado e as grandes figuras antropomorfas tomam quase todo o tamanho do suporte. O sítio João apresenta intencionalidade na execução dos grafismos na parte central do suporte, o painel fica centralizado, esta escolha se assemelha ao Sítio Josefa⁶ com coordenadas S 9° 33' 36,3" e W 37° 59' 12,9", também na Fazenda Mundo Novo, mas só ao visualizar já se percebe a semelhança entre os painéis, inclusive na temática geométrica (**Figura 27**). O Sítio Cândido, possui quase toda gruta pintada, de modo que figuras denominadas aqui como biomorfas, se espalham em todas as paredes, associadas geralmente às figuras de grafismos puros como tridáctilos, pequenos bastonetes e semicírculos concêntricos, também pode-se perceber a presença de superposições neste sítio (**Figura 28**).



Figura 27 - Comparação entre os sítios João à esquerda e Josefa à direita

⁶ Sítio que ainda está em fase de estudo no prosseguimento do projeto, mas a sua análise não consta neste presente trabalho.

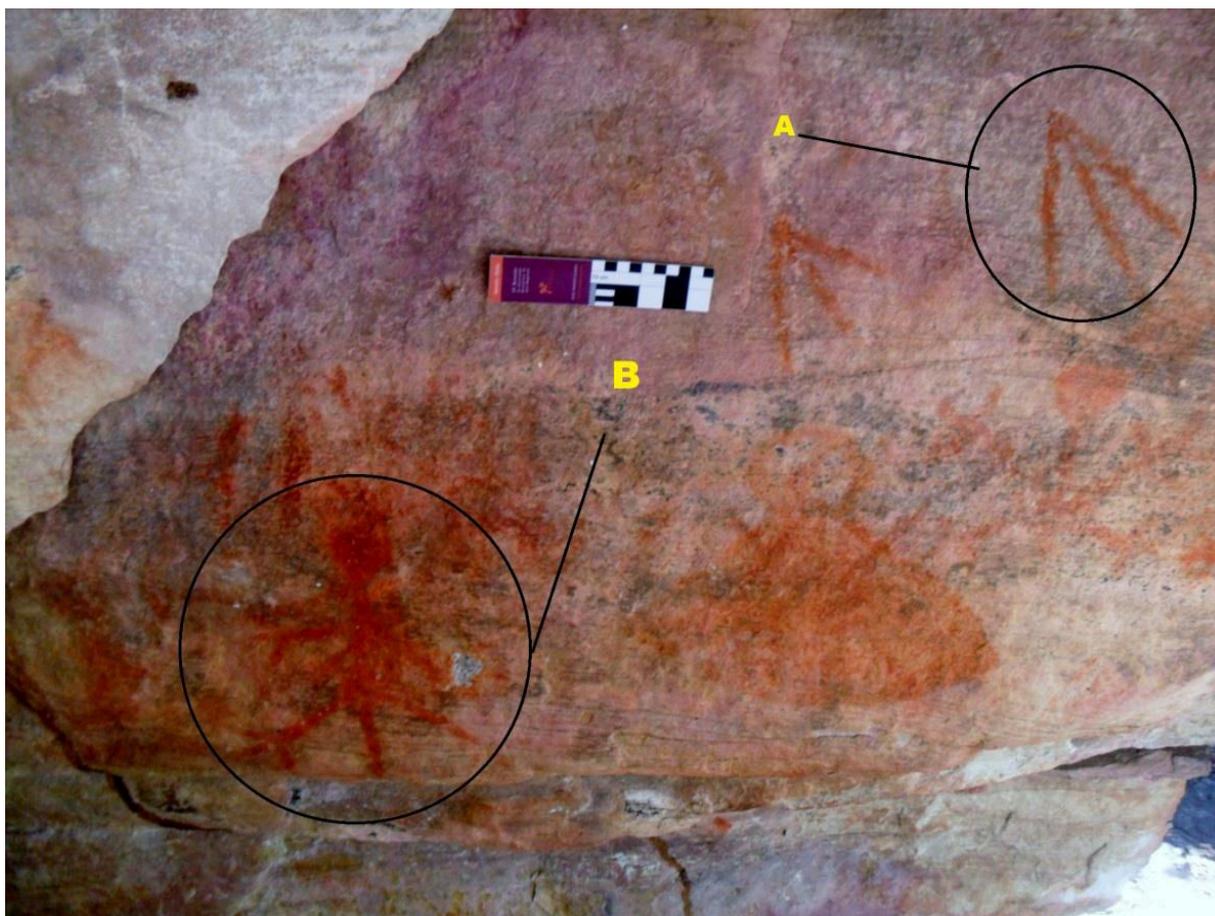


Figura 28 - Presença de associação entre as figuras (A) e superposição de figuras (B)

Outro detalhe importante sobre este sítio é a escolha na execução de um grande antropomorfo no teto e parte central da gruta, associado a figuras geométricas que mediante a analogia, remetem a figura do “sol e da lua” (**Figura 29**), talvez com uma escavação futura e novas prospecções na região se possa evidenciar um local de ritualidade.

No painel três do sítio e mais isolado das outras figuras há a presença de um biomorfo com possíveis figuras de embarcação (ou pirogas). Além disso, também pôde ser evidenciada em campo a semelhança temática entre este sítio e o sítio Dom Elder⁷ com coordenadas S 9° 33' 36,4” e W 37° 59' 32,0”, entretanto, esta hipótese ainda está em fase de estudo (**Figura 30**).

⁷ Sítio que ainda está em fase de estudo no prosseguimento do projeto, mas a sua análise não consta neste presente trabalho.

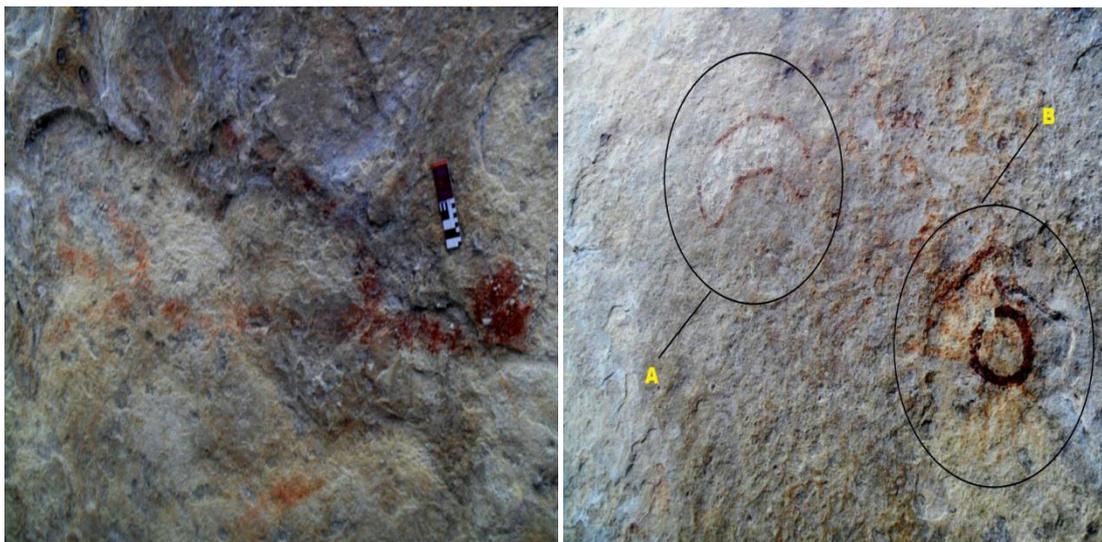


Figura 29 - Teto: Grande antropomorfo com quase 2m de comprimento à esquerda associados às imagens da “lua” (A) e do “sol” (B) à direita.



Figura 30 - Sítio Dom Elder, possível temática biomorfa.

No que concerne a composição dos grafismos, notou-se entre os sítios a semelhança cromática das figuras. Todos os três sítios analisados possuem figuras monocromáticas na cor vermelha, segundo o código de Munsell, existindo a variação dos tons de vermelho. Geralmente as figuras possuem o corpo preenchido e variam de tamanho entre 1,94m de

altura por 1,55m de largura a maior figura e a menor com apenas 0,01 m de altura. Todos os sítios possuem grande variação de tamanho entre os grafismos, de modo que as maiores se destacam na parte central dos sítios.

5.1.2 – Distribuição Temática:

A partir da análise dos sítios em particular, pode-se inferir o quadro simbólico específico do local pesquisado e assim inferir a correlação entre os sítios para que se possa obter o repertório tipológico da área. No capítulo quatro, foi realizada a análise individual dos sítios e por meio do levantamento de gráficos e tabelas tipológicas, será apresentado um panorama geral sobre os grafismos rupestres analisados nos três sítios em estudo, com esses novos dados, constata-se se há ou não semelhanças entre os signos e o repertório já levantado na região de Xingó. Com relação à dimensão temática, observou-se que no Sítio Patrocina o motivo predominante é o de grafismos puros ou geométricos, estes representam 59% das figuras. A mesma predominância percebe-se no sítio João com 66% de grafismos geométricos. O sítio Cândido o motivo reconhecível ou figurativo obtém 39% das figuras, entretanto o motivo geométrico possui intensa representação entre os três painéis do sítio, com presença de 35% de figuras distribuídas.

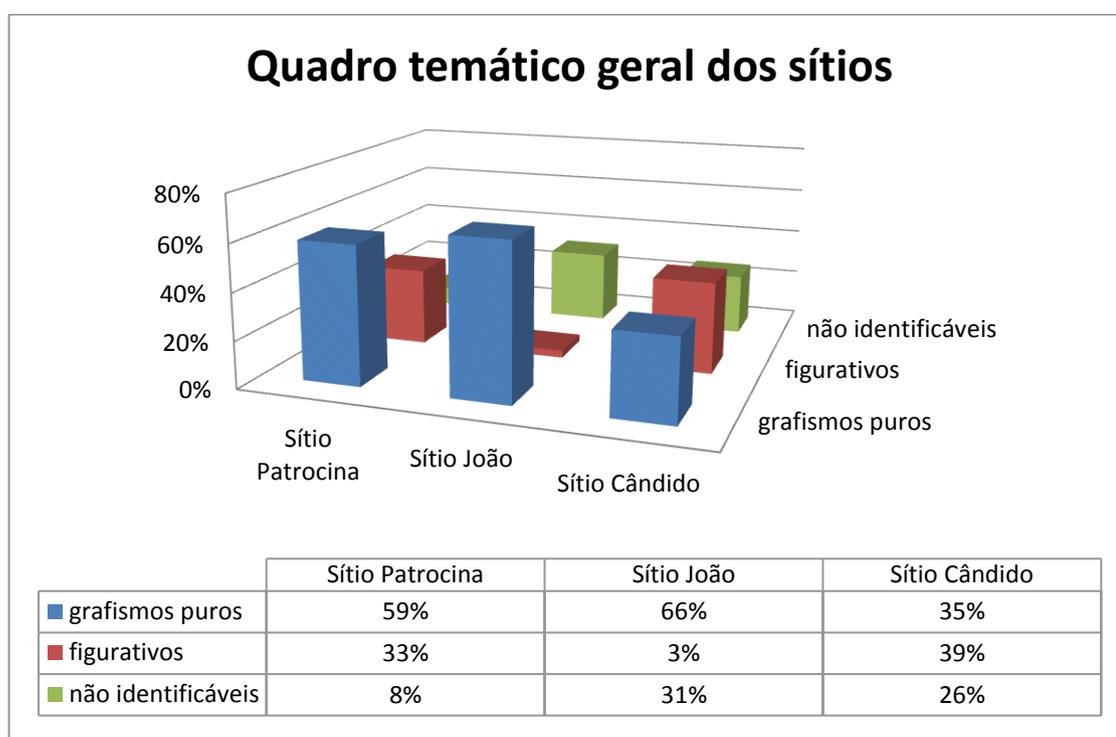
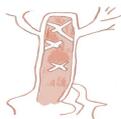


Gráfico 11 - Distribuição Tipológica Geral em porcentagem das figuras encontradas nos três sítios analisados

A partir da visualização do **Gráfico 11** observa-se que entre os três sítios a temática geométrica possui a grande maioria de representação das figuras, o que corrobora com as pesquisas realizadas em toda área de Xingó. Entretanto, apenas três dos seis sítios da Fazenda Mundo Novo foram analisados neste trabalho, a afirmação do motivo geométrico como principal temática da fazenda só poderá ser estabelecida quando os demais sítios forem analisados.

Para que se possa compreender os tipos de figuras mais recorrentes nos sítios analisados foi elaborado o **Quadro 1**. Primeiramente serão mostradas as unidades gráficas por sítio e depois o conjunto de signos mais frequentes.

Quadro 1 - Tipos de figuras mais recorrentes do Sítio Patrocina

Imagens				
Figurativas				
Geométricas				
Não Identificáveis				

Esse sítio merece uma atenção redobrada no que concerne à temática antropomorfa. Como se observa, as figuras antropomorfias geométrizadas são singulares tanto pelo tamanho

(chegando a quase 1m de altura), quanto pela sua concentração no centro do painel e pelo traço de contorno aberto.

É fundamental destacar que apenas neste sítio em questão é que foram encontradas estas figuras, por mais que a temática predominante seja a geométrica, as figuras antropomorfas tomam a maior parte do painel de modo que estão associadas aos bastonetes e círculos, figuras estas encontradas sempre em associação também nos outros sítios.

Isso nos leva a pensar que por mais que este elemento seja particular do Sítio Patrocina não o retira do perfil gráfico observado nos outros dois sítios. Segundo Silva (2008) os grafismos de contorno aberto foram identificados na Serra da Capivara - PI com diferencial por se apresentarem com contorno simples, mas aberto nas extremidades, sendo estes preenchidos ou não.

A pesquisadora desenvolveu sua tese de doutorado a partir da análise desse tipo de grafismo. Ela chegou à conclusão de que estas figuras aparecem em vários lugares do mundo e aqui no Brasil sempre em pequenas quantidades, nos estados do Piauí, Minas Gerais e no Paraná.

Os grafismos de contorno aberto estudados por Silva (2008) na Serra da Capivara apresentam as seguintes características: isolamento das figuras, geralmente não representam cenas, mas podem ser dinâmicos, predominância de figuras zoomorfas, entretanto, há o aparecimento de antropomorfos estáticos com corpo geometrizado remetendo-se ao estilo Serra Branca, da Tradição Nordeste (**Figura 31**).

Segundo a autora, apesar dessas figuras representarem um novo conceito tipológico não se pode atribuí-las em um novo estilo, pois...

...o perfil gráfico levantado não seria necessariamente indicador de distintas identidades gráficas. Pode-se, em vez disso, estar lidando com um mesmo horizonte cultural cujas funções gráficas são distintas. Observa-se que os grafismos de contorno aberto expressam, a partir de seus caracterizadores, uma mudança na estrutura da apresentação gráfica em relação aos demais grafismos caracterizados (SILVA, 2008:302).



Figura 31 - Sítio Toca do Angelim do Barreirinho, Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Mancha gráfica com figuras de contorno aberto. Fonte: Silva, (2008: 162)

Os antropomorfos encontrados no Sítio Patrocina também apresentam características singulares, pois possuem o corpo geometrizado, monocromático, remetendo ao estilo Serra Branca, são estáticos, medem quase 1m de altura e também possuem contornos abertos, o que pode-se inferir que se trate dos membros superiores e inferiores, como pode ser visto na **Figura 32**. Não foi identificada a presença de superposições neste painel.

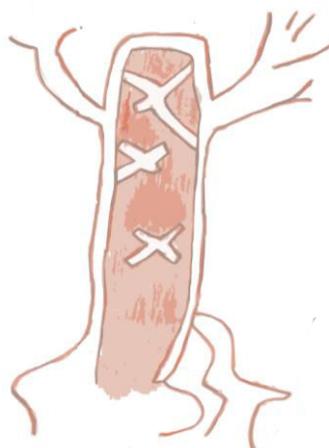


Figura 32 - Imagem a partir de decalque de um antropomorfo com contorno aberto do Sítio Patrocina

Este tipo de grafismo só foi encontrado neste sítio em particular e pode-se adiantar aqui que nos outros sítios da fazenda também não foram encontrados grafismos semelhantes, assim como não foi evidenciado nos sítios da região de Xingó analisados por Silva (1997).

Mas diferentemente do que Silva (2008) percebeu na Serra da Capivara – PI, no Sítio Patrocina, os grandes antropomorfos não aparecem isolados, pois estão associados aos grafismos puros, compartilhando de uma mesma temática que os demais sítios. É claro que ainda existem várias áreas a serem prospectadas no local e quem sabe se possa evidenciar mais sítios e com isso acrescentar mais dados a respeito desses grafismos, mas até então o sítio Patrocina é um enigma nesta questão.

O Sítio João apresenta em sua grande maioria grafismos puros, mais especificamente compostos por bastonetes, além de associações a círculos preenchidos ou não e uma figura que remete uma mão. Esse painel é puramente geométrico e muitas de suas figuras aparecem nos três sítios analisados aqui e nos demais sítios do local que estão em estudo. Além disso, em toda região de Xingó já analisada encontra-se figuras semelhantes, assim como também pode ser visto em outros estados. Também não foi identificada a presença de superposição neste painel. No **Quadro 2**, pode notar-se os tipos de figuras mais presentes no sítio.

Quadro 2 - Tipos de figuras mais recorrentes do Sítio João

Imagens	
Figurativas	
Geométricas	

Não Identificáveis



Percebe-se que o tipo de grafismo bastonete é bem evidenciado no sítio João, na **Figura 33**, observa-se uma possível semelhança tipológica com as figuras encontradas também na Serra Da Capivara no Piauí. Percebe-se neste sítio uma grande semelhança temática com o sítio João, o que nos indica que talvez compartilhem de um repertório temático em comum. Certamente houve um padrão iconográfico que se espalhou pelo nordeste brasileiro, entretanto sujeito às particularidades de uso de cada grupo.



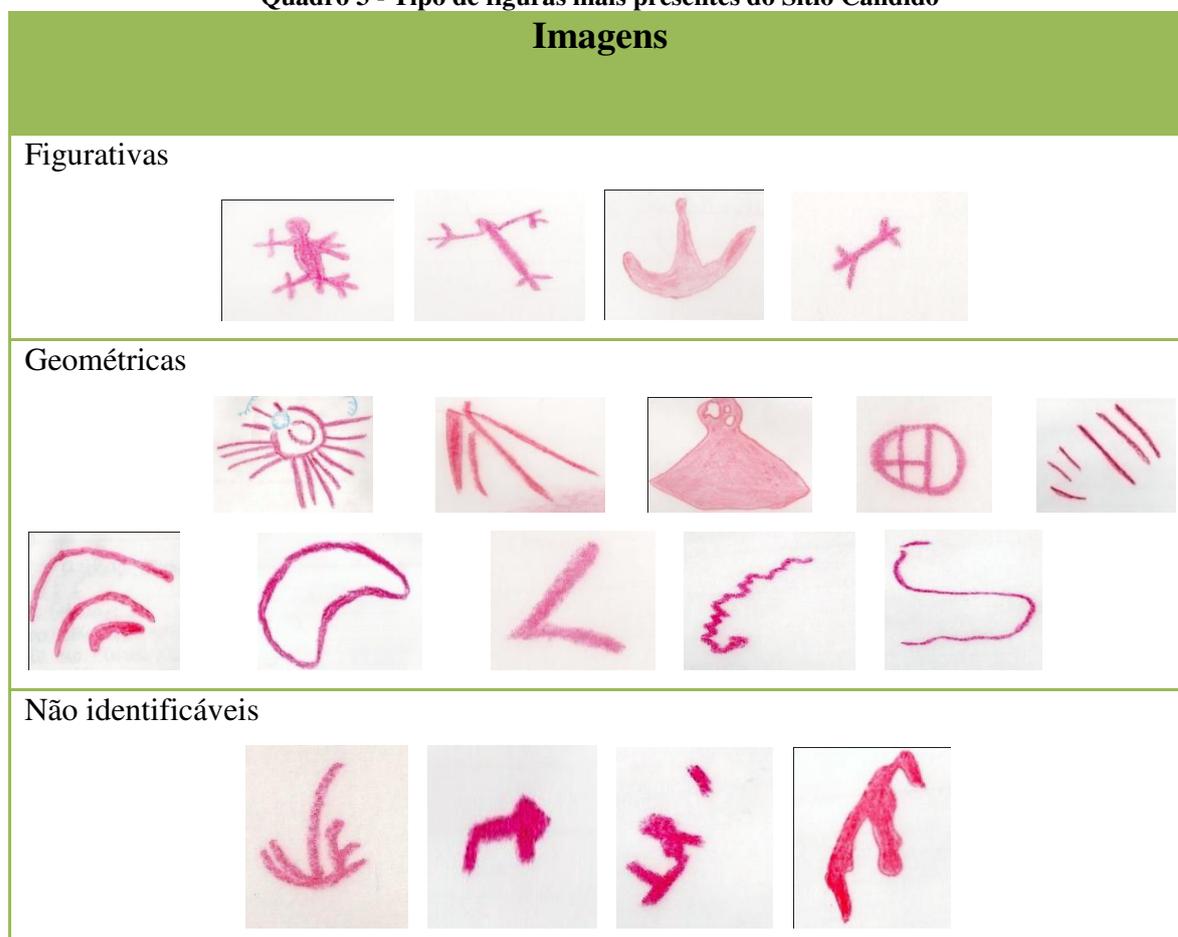
Figura 33 - Sítio Toca do Mulungu I, Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Mancha gráfica, grafismos puros e superposições.

Fonte: SILVA, (2008:131).

O Sítio Cândido possui uma grande variedade temática, entretanto como pode ser visto no **Gráfico 10** grande parte das figuras encontradas são classificadas aqui como figurativas, mais especificamente por biomorfos. Entretanto também é grande a evidência de grafismos puros e pode-se adiantar aqui que na prospecção de outros sítios, percebeu-se a recorrência da temática tanto geométrica quanto biomorfa em toda fazenda (**Quadro 3**). No entanto, este sítio possui grande diferencial, por apresentar desde figuras pequenas de biomorfos, quanto de uma grande figura pintada no teto da gruta, semelhante aos antropomorfos vistos na Tradição Agreste.

Neste sítio pode ser identificada a presença de superposição de figuras, a presença de carimbos e ainda em discussão a presença de gravuras como os cupules. Seria interessante, numa pesquisa futura abordar o sítio Cândido com mais profundidade de análise, contanto aqui neste trabalho pode-se evidenciar as figuras mais presentes no sítio e assim poder comparar com os demais sítios de grafismos rupestre, não somente da Fazenda Mundo Novo, mas também de toda região de Xingó.

Quadro 3 - Tipo de figuras mais presentes do Sítio Cândido



Com a análise tipológica particular dos sítios obtém-se um panorama geral dos tipos de figuras que configuram o repertório temático individual e assim pode-se comprovar, através de semelhanças e diferenças, se existe uma correlação iconográfica entre os três sítios analisados para que se possa tentar levantar o padrão gráfico comum, entretanto deve-se ressaltar que para uma análise geral da Fazenda Mundo Novo ainda estão em fase de estudo mais três sítios restantes.

Ao analisar as figuras de acordo com os motivos recorrentes, percebe-se entre os sítios que o motivo figurativo é bastante diversificado, apresentando imagens diferentes na sua morfologia. No motivo geométrico encontra-se como semelhança os bastonetes, os círculos preenchidos ou não, assim como os semicírculos e figuras tridáctilas, outro motivo recorrente entre os sítios é o não identificado devido ao seu grau de abstração e complexidade morfológica.

Tabela 16 - Tipologia Geral dos Grafismos Rupestres encontrados nos três sítios analisados

Tipos de Figuras	Quantidade	Porcentagem (%)
Antropomorfos	5	5%
Biomorfos	22	20%
Pirogas	3	3%
Mão (carimbo)	1	1%
Bastonetes	22	20%
Tridáctilos	3	3%
Círculos não preenchidos	4	4%
Círculos preenchidos	2	2%
Linha Sinuosa	1	1%
Semicírculo	2	2%
Semicírculo concêntrico	2	2%

Conjunto de 3 círculos concêntricos	1	1%
Círculo concêntrico com raios	1	1%
Semilunar não preenchido	1	1%
Traços	8	7%
Zig-zag	3	3%
Não identificados	28	26%

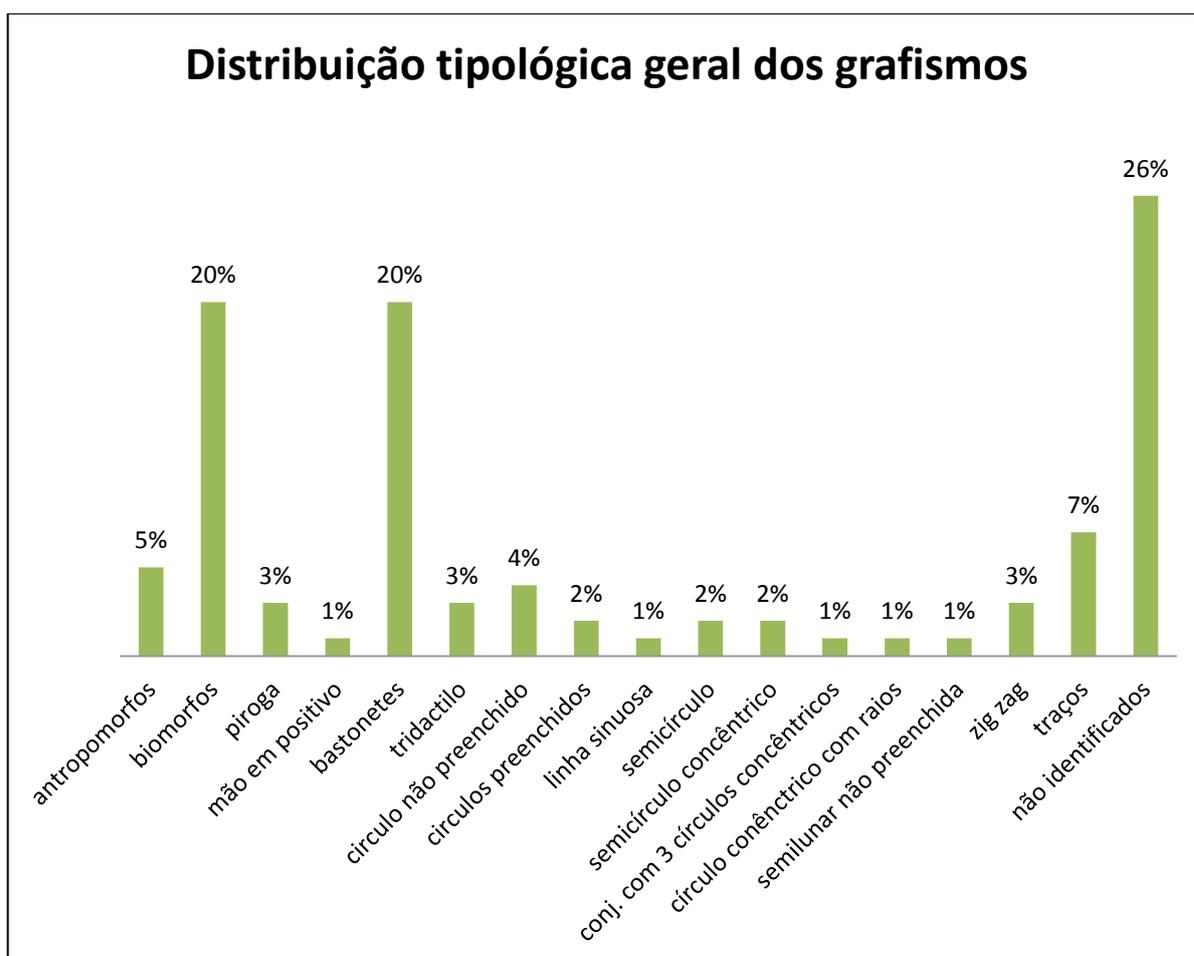


Gráfico 12 - Distribuição Tipológica Geral dos Grafismos Rupestres encontrados nos três sítios analisados

Com a visualização da distribuição geral tipológica dos sítios analisados, percebe-se que os grafismos mais recorrentes são os que não se consegue identificar, estes podem ser vistos em ambos os sítios, logo após destacam-se os bastonetes também encontrados em todos os sítios analisados e os biomorfos, encontrados em grande número no Sítio Cândido, mas também presente em outros sítios da área ainda em estudo. Essas figuras geralmente estão associadas com os grafismos puros, principalmente os círculos, entretanto, cada sítio possui grafismos particulares que apontam a individualidade e diferenciação entre os sítios. Esse repertório temático, apesar das particularidades, é intensamente visto nos sítios já catalogados da região de Xingó.

5.2 – Estado de conservação dos sítios:

Quanto à conservação dos sítios estes se encontram em fase de degradação das figuras e dos painéis. É importante destacar que de acordo com a análise de alguns estudos de caso sobre o estado de conservação dos sítios rupestres no Brasil, pode-se presumir que os principais agentes de degradação são naturais e antrópicos. Segundo Martinelli (2011), pode-se dizer que os principais agentes são: biológicos: Microorganismos (fungos, algas, bactérias etc.), insetos, líquens, térmitas, morcegos, vespas e a vegetação; Físico: como fissuras nas rochas, descamação, insolação, clima, águas pluviais; químico: oxidação, eflorescência; e fatores antrópicos. Segundo Souza (2005:26):

Os fatores naturais que destroem as pinturas rupestres são inúmeros e problemáticos. Alguns talvez impossíveis de serem solucionados; Alguns passíveis de controle, como a lixiviação, que pode ser desviada; outros, como no caso dos vegetais e animais, precisam ser monitorados constantemente.

Alguns estudos de caso analisados sobre medidas de conservação em sítios com grafismos rupestres revelam o quanto é recorrente a presença de fatores degradantes neste tipo de sítio e como geralmente os painéis são expostos ao céu aberto, estão diretamente sujeitos às ações do intemperismo, da insolação e da eflorescência, por exemplo. Sendo assim, é evidente a urgência na sua preservação e conservação, geralmente uma série de medidas é realizada pelos profissionais em Registro Rupestre com auxílio de especialistas em conservação e de acordo com a realidade de degradação de cada sítio.

No caso da Fazenda Mundo Novo durante a pesquisa em campo, ficou evidente o processo de aceleração da degradação das pinturas, sendo estas diretamente expostas à insolação ocasionando na diluição das figuras passivamente (**Figura 34**). Pode-se perceber também fissuras na parede de arenito do sítio, inclusive dentre as pinturas (**Figura 35**) e, além disso, o caso que chama muito atenção é a salinização provocada pela eflorescência oriunda das águas pluviais, neste caso, metade do painel encontra-se afetado por esse fator degradante (**Figura 36**).

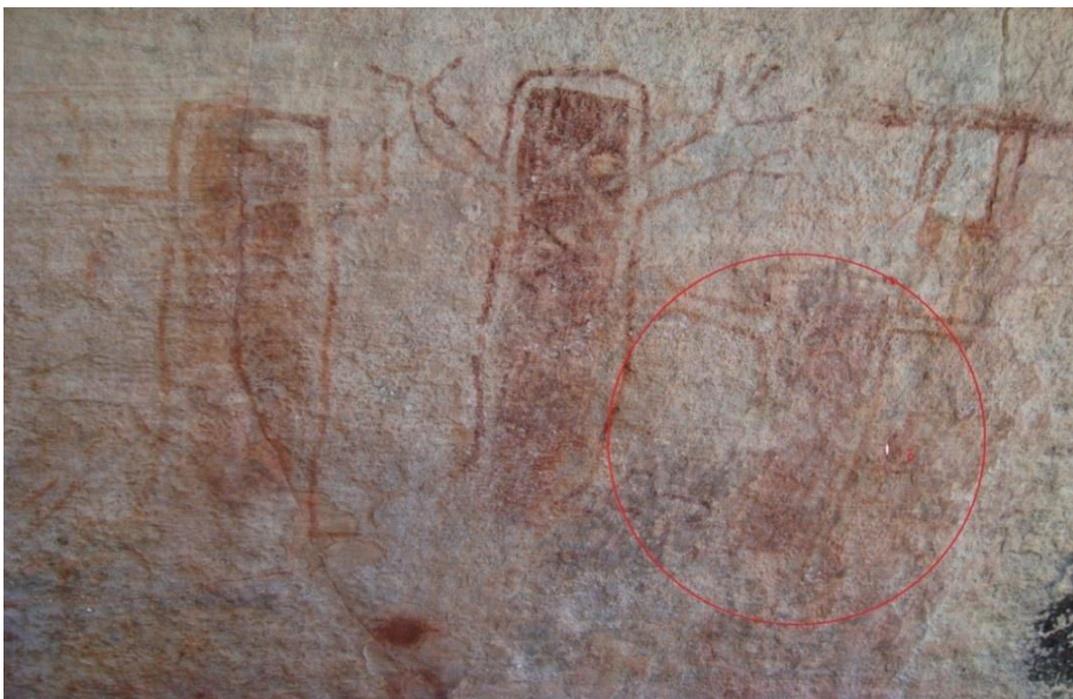


Figura 34 – Sítio Patrocina painel com diluição das pinturas e descamação



Figura 35 - Sítio Patrocina painel Fratura na rocha afetando a pintura



Figura 36 - Sítio Patrocina - Salinização da rocha provocada pela eflorescência

De acordo com Souza (2005, p.42) “As águas pluviais, no contexto dos abrigos, podem destruir as pinturas e/ou mascarar a pigmentação original a partir dos processos de lixiviação”. No trabalho de Santos (2007), o autor ressalta que em todos os sítios da Fazenda Mundo Novo observa-se este tipo de intemperismo químico, entretanto o autor destaca o sítio Patrocina como um dos que esta ação ocorre com mais intensidade. Entretanto há uma discussão quanto ao papel da eflorescência nos registros rupestres, para Lage & Borges (2003), a mancha causada pela salinização pode servir como película protetora das figuras, mantendo-as livres de ações degradantes como a insolação por exemplo.

Durante as visitas da Fazenda Mundo Novo constatou-se a presença de fatores degradantes em outros sítios. Há forte incidência de fatores climáticos assim como a insolação, fissuras nas rochas, a eflorescência, descamação da rocha e pinturas, assim como fatores biológicos como os microorganismos, os líquens, térmitas ou cupins (**Figuras 37 e 38**), além de depósito de sedimentos por animais como morcegos e vespas. Outro fator influente é o antrópico, mesmo indiretamente, causou danos aos sítios, inclusive com a instalação de passarelas de madeiras próximas aos painéis de figuras rupestres (**Figura 39**).



Figura 37 - Presença de galeria de térmitas na parede

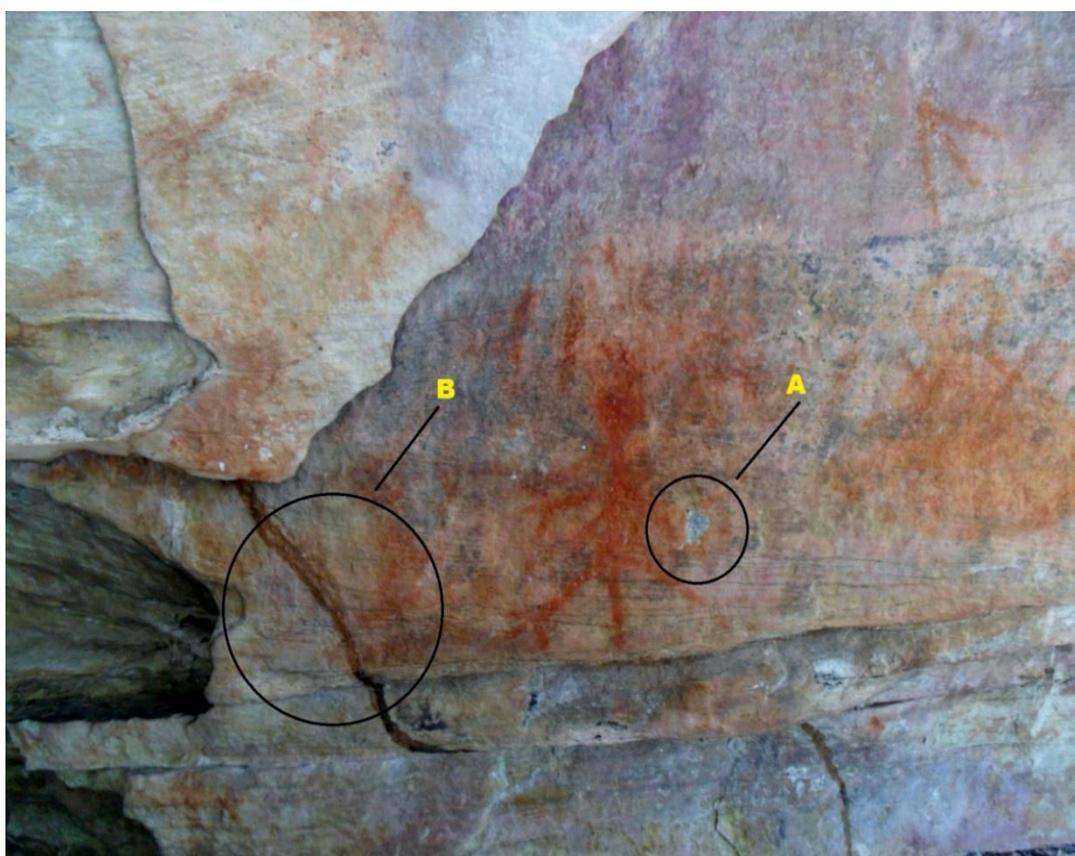


Figura 38 - Sítio Cândido descamação dos grafismos (A) e presença de térmitas (B).

Nestas passarelas, houve a colonização de térmitas e devido à aproximação destas com os painéis pode ter ocasionado na sua proliferação nas paredes. No sítio Patrocina também foi instalada uma destas passarelas de maneira indevida, já que o painel fica na altura dos expectadores e de fácil acesso ao paredão, entretanto a estrutura foi consolidada bem próxima ao painel e nela pode se observar a presença das térmitas.

Santos (2007) destaca em seu artigo as irregularidades do antigo projeto promovido pelo PAX que visava o estudo e socialização dos sítios com grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo, dentre elas, o autor faz severas críticas quanto ao uso inadequado das passarelas. Porém no ano de 2010, dentro da pesquisa realizada por Suely Martinelli, notou-se a retirada destas estruturas.

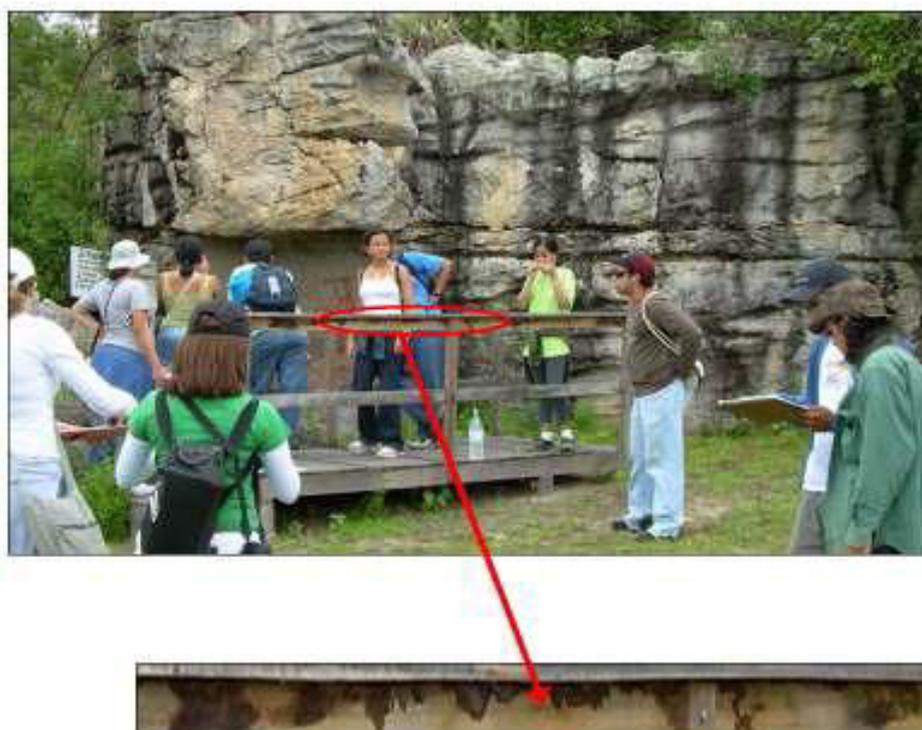


Figura 39 - Passarela no Sítio Patrocina e proliferação de cupins pela estrutura.

Fonte: SANTOS, (2007:41)

Além da ausência de monitoramento para conservação dos grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo, o antigo projeto promovido pelo PAX falhou em diversos aspectos. A área não foi explorada ao ponto de verificar a existência de mais sítios. Com a pesquisa realizada por Suely Martinelli (2010), verificou-se que ocorreram erros nos antigos decalques

das figuras, assim como na topografia dos sítios, além da ausência de informação sobre os fatores degradantes das figuras e painéis.

Outro caso que chama atenção é o fracasso obtido com a proposta de turismo dentro da fazenda, esta se encontra desestruturada para visitação (placas mal sinalizadas com informações erradas sobre os sítios; ausência de campanha de publicidade e má conservação dos sítios). A fazenda conta apenas com o incentivo financeiro do proprietário José Augusto que colabora sempre para sua manutenção e sempre está disponível para receber a equipe de pesquisa arqueológica.

5.3 – Tentativa de associação às Tradições Rupestres:

Ao se analisar os três sítios, assim como fazer uma observação sistemática de suas características tipológicas, pode-se então tentar inseri-las em alguma (s) tradição de registro rupestre. No entanto, cada sítio possui apresentação temática diferente e que apesar da aproximação e mesma inserção ambiental, possuem características particulares. Com as pesquisas levantadas na Fazenda Mundo Novo, surgiu a hipótese de que esses sítios possuam características de tradições como a Nordeste, Geométrica e São Francisco. Entretanto, os sítios analisados não se adéquam facilmente a essas tradições, assim como apontou Silva (1997).

No Sítio Patrocina, nos deparamos com a opulência das grandes figuras pintadas ao ar livre. São grandes antropomorfos de aproximadamente 1 m de altura que ora lembram as figuras da Tradição Agreste (os grandes bonecões), assim como revela forte semelhança com a Tradição Nordeste, mais precisamente com o estilo Serra Branca, onde os antropomorfos são representados geometricamente, além de outros elementos geométricos ao redor do painel. O interessante é que o Sítio Patrocina está inserido no mesmo ambiente que os demais sítios arqueológicos ao seu redor, no entanto, em nenhum outro sítio encontramos antropomorfos tão geometricamente elaborados e grandes.

Por outro lado não se pode negar que estas figuras antropomorfas, possuem traços e características correspondentes com o estilo Serra Branca que data entre 7.000 A.P, entretanto diferenciando-se pelo tamanho e pela intenção em ser o centro do painel além de possuir mais um elemento particular que é o contorno aberto, segundo consta Silva (2008), estas figuras de contorno aberto são geralmente pintadas em locais isolados dos painéis.

Nota-se também a presença de uma figura não identificável, logo a direita do painel, porém com representação abstrata e que nos faz recorrer às várias interpretações, assim como de uma figura biomorfa que se encontra logo à esquerda e na parte inferior do painel, esta possui uma pequena estatura comparada com as demais e fica mais afastada. Outros detalhes são os círculos, e traços que fazem remeter a temática Geométrica, mas a própria Tradição Geométrica é motivo de muitas discussões a ponto de a considerarem ampla demais para se tornar uma tradição.

Quanto à semelhança com a Tradição Agreste pode-se apontar, além dos grandes antropomorfos, porém elaborados, os grafismos puros associados, entretanto apesar da análise quantitativa dos sítios nos mostrar que a grande maioria das figuras é geométrica, não se pode negar a grande semelhança temática do sítio com o estilo Serra Branca da Tradição Nordeste.

Com relação ao Sítio João, como foi visto no capítulo quatro, este apresenta um grande painel situado na parte inferior da parede de arenito. O painel, apesar de mal conservado, apresenta nitidamente elementos não figurativos, ou seja, muitas figuras abstratas e geométricas, de modo que possui uma longa faixa de bastonetes que pode ser interpretada como uma rede.

Entre as tradições cogitadas, a São Francisco se encaixa mais nessa comparação, pois, entre as principais características das figuras dessa tradição pode-se destacar que não há cenas e é maior a quantidade de grafismos geométricos elaborados (Prous, 2006) como figuras lineares, sendo que algumas lembrando redes.

Nota-se também a ausência de figuras antropomorfa e zoomorfa, no entanto, e uma “possível” mão em positivo. No entanto, uma tradição não é considerada apenas por uma característica em comum, apesar do sítio João está inserido num mesmo tipo de ambiente que os sítios da tradição São Francisco e por possuir figuras geométricas que lembram uma rede, não quer dizer que isso basta para poder inseri-la nesta tradição. Enfim, destinar o sítio João como parte da tradição São Francisco seria uma atitude prematura.

O Sítio João possui em sua grande maioria, elementos geométricos e estáticos, ou seja, sem cenas, seria então parte da Tradição Geométrica? A Tradição Geométrica atravessa o território brasileiro e sendo assim possui as mais diversas ambientações, seja próxima a água ou em cerrados. A Itacoatiara, para alguns autores, subtradição da geométrica, encontra-se sempre em pedras picoteadas cobertas por água. Segundo Martins (2005) não existe no nordeste brasileiro uma tradição de pintura rupestre que possamos chamar geométrica, com as

implicações e os componentes culturais que a definição de uma tradição exige. Para a mesma parece mais oportuno e menos arriscado falar-se de variedades, tipos ou tendências geométricas do desenho dentro das tradições já delimitadas que, por sua vez se identificam como representativas de grupos étnicos.

Apesar de o sítio estar bem próximo do rio São Francisco, não existe a presença de gravuras e pela grande semelhança temática com o sítio Toca do Mulungu I (**Figura 33**) encontrado na Serra da Capivara-PI, está mais relacionado com a Tradição Nordeste. Inclusive pode-se considerar algumas escolhas semelhantes entre os sítios, como a escolha na parte mais lisa do painel, a presença de manchas vermelhas, além da grande concentração de bastonetes.

Na análise do Sítio Cândido foi constatado que a grande maioria das figuras é de biomorfos, no entanto, o que nos chama a atenção é a diversidade de figuras que fazem parte desta composição, de modo que se percebe a presença de figuras geométricas, não identificáveis e a possibilidade de um antropomorfo. Como observa-se neste recorte do lado direito da parede do painel 1, há a freqüente presença dos biomorfos, assim como das figuras tridáctilas e abstratas (**Figura 40**).

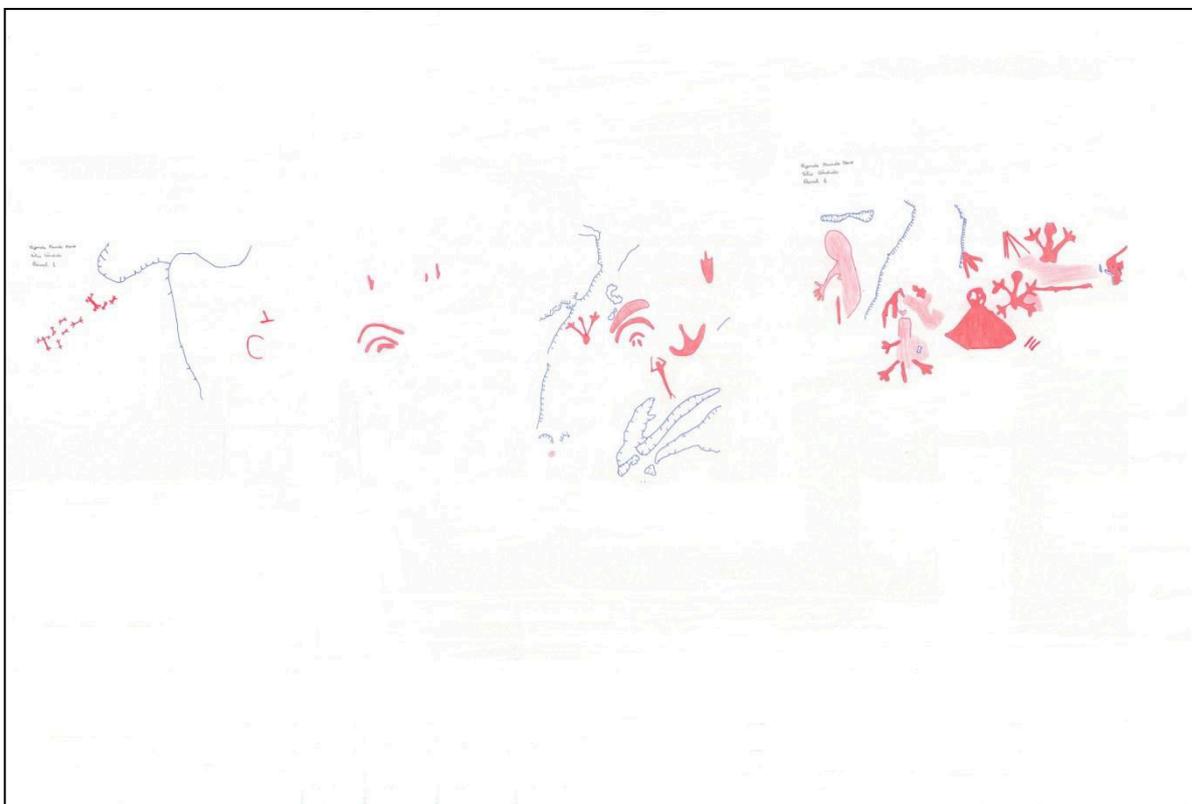


Figura 40 – Parte do Painel 1 do Sítio Cândido – temática biomorfa e geométrica

Outra informação que deve ser destacada é a que se refere a um recorte onde parte desses biomorfos, faz parte de uma possível cena, em que um conjunto de biomorfos que parecem estar em movimento, sendo dinâmicos, como se pode ver na **Figura 41**. Observa-se que essas figuras poderiam ser caracterizadas por antropomorfias numa cena de caça, ou ritual, ou dança, porém, como elas possuem o que seria duas pernas e uma calda, tratamo-las como biomorfos.



Figura 41 - Painel 1 do Sítio Cândido - lado direito da parede- possível cena com conjunto de biomorfos

O painel 1 é composto por muitas figuras, sendo que a grande maioria é considerada biomorfa, seguida pelas não identificáveis. Outro detalhe são as figuras estáticas, com exceção da **Figura 41**, monocromáticas, e variadas, porém uma figura que chama atenção é a que denominamos de “piroga” (barco). Essa hipótese pode ser sustentada por esta remeter a uma embarcação, justamente pelo fato de o ambiente ser propício à navegação, já que o sítio está a poucos quilômetros do rio São Francisco.

No teto do painel 1 a grande maioria das figuras é composta por desenhos não identificáveis, seguidos por bastonetes, elementos geométricos e biomorfos. Entretanto, a figura que mais se destaca no teto é o grande antropomorfo com quase 2m de altura. Esse “boneco gigante” está cercado por figuras abstratas e geométricas, contanto por não haver

nenhuma cena, as figuras encontram-se estáticas (**Figura 42**). Ainda no teto, deparamos com conjunto de figuras representado por abstração e elementos geométricos.

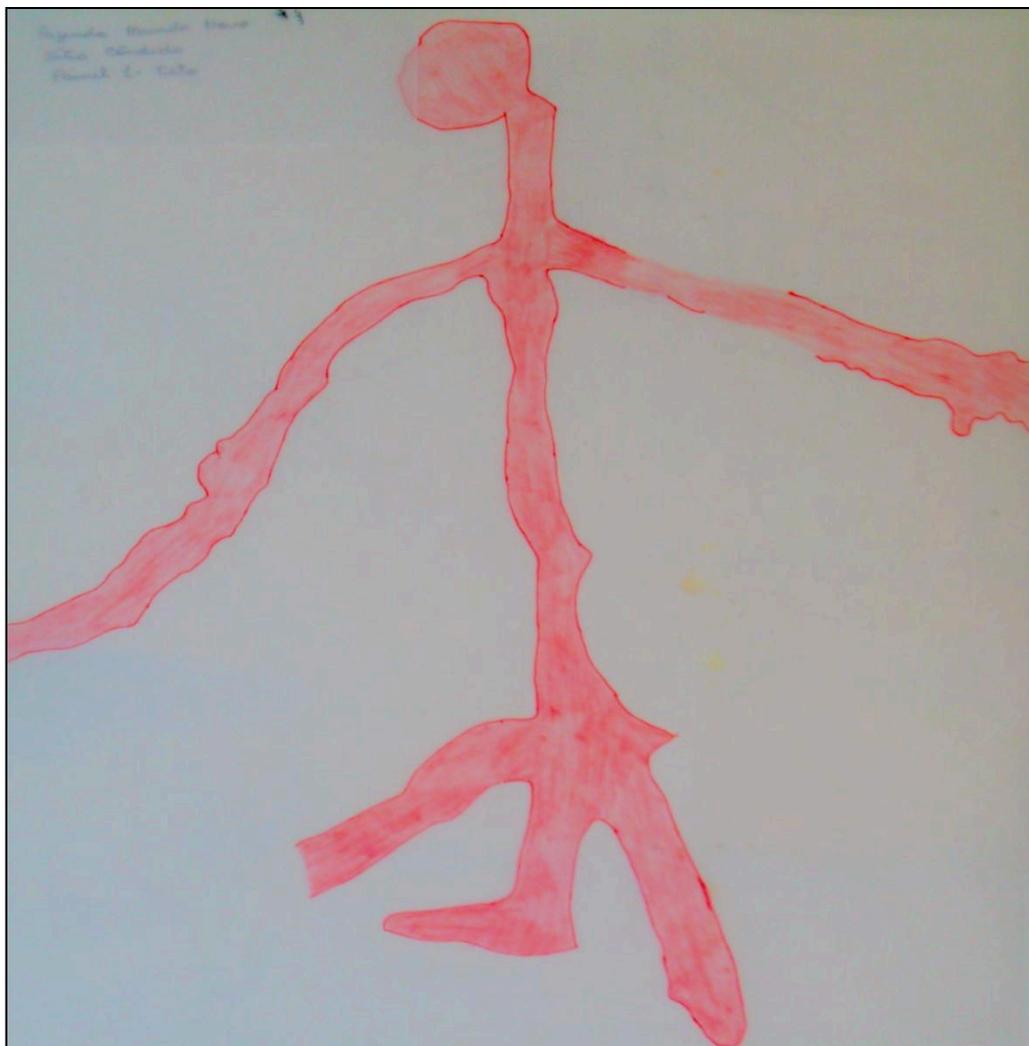


Figura 42 – Sítio Cândido – Teto – Grande Antropomorfo

Ainda compondo o teto, existem duas figuras com aspecto astrológico, no entanto é preciso fazer um estudo mais amplo da temática do sítio e das inter-relações com os demais sítios da região, para que se possa estabelecer uma temática, pode-se observar a figura de um semilunar e de dois círculos concêntricos cercado por linhas que lembram raios, ou seja, o que poderia ser considerado como a Lua e o Sol.

Na **Figura 43**, encontram-se desenhos com elementos abstratos ou não identificáveis, entretanto suas formas parecem remeter à vegetação arbustiva e cactácea da região, porém não estabelecemos essas figuras como “fitomorfias”, por serem muito abstratas.

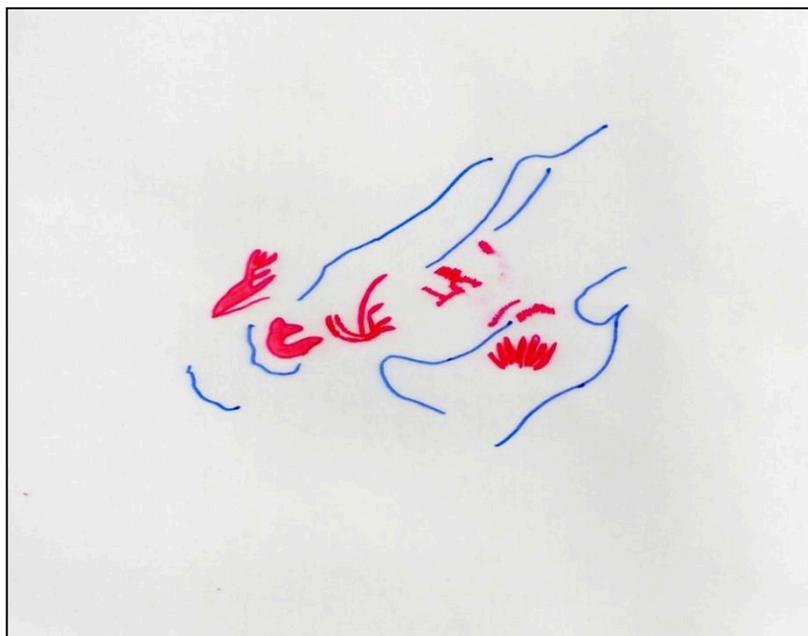


Figura 43 – Sítio Cândia – Teto – possíveis figuras fitomorfas

O **painel 2**, situa-se no lado esquerdo do sítio e está representado por um conjunto de biomorfos, onde pode ser que seja a representação de uma cena de dança, de ritual, ou até mesmo uma representação hierárquica, onde um se situa na parte superior. O **painel 3 (teto)**, está representado por figuras geométricas e por duas figuras que classificamos como pirogas. Na parede, nota-se a presença de um biomorfo isolado e no teto baixo constata-se um conjunto de figuras não identificáveis

Contudo, ao fazer a análise dos painéis, observa-se a grande variação de elementos, tendo como características fortes a presença de figuras geométricas, biomorfos e não identificáveis. O antropomorfo poderia ser bem a grande maioria, entretanto como constatou-se prefere-se considerá-los como biomorfos. Assim que nos deparamos com o grande e estático antropomorfo no teto, poderíamos apontar neste sítio a tradição Agreste, já que esta tradição tem como uma das grandes características os conhecidos “bonecões gigantes”, nesta tradição também não ha cena, e há a grande presença de grafismos puros, é só observar a **figura 38** e perceber a semelhança temática entre os painéis.

Na avaliação geral dos sítios, existe uma dificuldade muito grande em inseri-los as tradições rupestres, de modo que mesmo com apenas metade da totalidade de sítios da fazenda mundo novo analisados, percebe-se que existe a predominância de elementos geométricos e não identificáveis, como há a grande variação temática entre eles com a

intrusão de características de unidades gráficas estabelecidas, garantindo assim pra cada sítio sua individualidade perante a um repertório comum.

Sendo assim, não se pode desde agora integrar os grafismos da Fazenda Mundo Novo como uma tradição, pois MARTIN (2005) argumenta que para a fixação de um horizonte gráfico é necessário que se faça um levantamento cuidadoso de uma área com concentração de sítios, além do estudo de grafismos caracterizadores da mesma, além da determinação dos tipos de suporte preferidos pelos autores das pinturas. Porém, o tipo de suporte é também relativo, pois depende naturalmente do tipo de abrigo ou de rocha que os ocupantes dispunham na área, mas ainda assim existem preferências que podem ser detectadas na escolha dos sítios.

Outro detalhe se refere à própria reavaliação da classificação das tradições, segundo Guidon & Martin (2010). As autoras discutem as principais categorias rupestres estabelecidas desde 1980 com as tradições Nordeste e Agreste. Segundo as autoras as tradições podem ser encaradas como demarcadoras iniciais culturais que por meio da interação e difusão das ideias sofre alterações de acordo com a complexidade e particularidade dos grupos, restando apenas alguns elementos que garantam a continuidade cultural.

Desta forma, pode-se pensar que alguns elementos das tradições discutidas aqui foram condicionados e mantidos na região de Xingó, entretanto, sofrendo alterações de acordo com o consenso e intencionalidade social. Para dar sustentabilidade a essa hipótese recorre-se a discussão levantada por Ribeiro (2008). Para a autora, deve-se evidenciar que os sítios com representações gráficas pré-históricas podem ter servido para diversas finalidades culturais.

A arte rupestre refere-se a uma intervenção voluntária e definitiva nos abrigos, com potencial para atender a diferentes finalidades. Quaisquer que tenham sido elas, seu atendimento deu-se também por meio da comunicação que a materialidade dos sítios gravados ou pintados engendrava, isto é, por meio dos significados sociais, funcionais e simbólicos que eles ajudavam a criar. Tentar compreender os auditórios originais da arte rupestre pode ajudar a melhor caracterizar a prática dessa atividade (RIBEIRO, 2008:57-58).

Por fim, percebe-se que não é possível neste momento enquadrar os sítios analisados a alguma tradição rupestre, de modo que o local apresenta originalidade temática, intencionalidade na escolha de um repertório simbólico próprio, o que sugere que os antigos habitantes da região utilizava o espaço e os painéis de acordo com a matriz cognitiva

determinante. Entretanto, com as novas pesquisas que estão surgindo na área, poderemos compreender de maneira mais ampla o contexto arqueológico e simbólico presente em Xingó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo de grafismos rupestres, existe uma grande tensão metodológica e embate teórico a partir do momento em que nos deparamos com a materialização da abstração do pensamento humano. Diante dos painéis gráficos nos deparamos diretamente com o poder cognitivo de uma sociedade, o que acarreta num certo dilema por parte dos pesquisadores tendo que agir com distanciamento do objeto sem inferir significados (interpretações) aos significantes (figuras).

De fato, nunca teremos a verdade absoluta em nossas mãos. E por mais que queiramos nos desviar das nossas próprias interpretações nós já a fazemos mesmo sem querer ou sem perceber. Pois, classificamos, escolhemos esta técnica ou outra, levantamos hipóteses e chegamos aos resultados ou interpretações que foram construídos por nossas mentes mediante à ordenação dos dados. Por isso mesmo, acredita-se aqui que as correntes teóricas, na verdade se complementam mesmo cada qual com seus problemas e cada qual com suas contribuições.

Devemos olhar para o nosso objeto de pesquisa da mesma forma que enxergamos o mundo ao nosso redor, somos seres humanos, portanto pensamos e olhamos sob ângulos diferentes porque somos indivíduos. Da mesma maneira, o objeto que estudamos, está embebido pelas leituras do homem antigo, seja através da paisagem, seja através da sua tecnologia, seja através do seu comportamento, seja através das suas leis e regras sociais. Ao contrário do pensamento funcionalista, o objeto não é apenas funcional, mas é o resultado da leitura de uma sociedade e, além disso, é uma leitura feita pelo indivíduo, pois antes de seguir ordens e regras arbitrárias ele deixou a sua impressão e visão sobre as coisas, da mesma forma que fazemos no presente ao analisá-lo e no nosso dia-a-dia.

Deste modo, de acordo com os dados levantados sobre os três sítios analisados na Fazenda Mundo Novo, deve-se evidenciar alguns pontos gerais da pesquisa como resultados provenientes das interpretações inferidas ao objeto de estudo. No que tange a funcionalidade dos grafismos, acredita-se que este vestígio antes de qualquer função deve ser visto como fonte de informação sobre as sociedades da pré-história, pois a partir da interpretação dos elementos gráficos, dos painéis e do contexto ao qual está inserido, pode-se levantar hipóteses sobre o repertório simbólico utilizado, como foi utilizado, seja através da técnica de execução (gravuras ou pinturas), temática (figurativos e grafismos puros), motivos (antropomorfos, zoomorfos), espaço (tipo de suporte e distribuição) e contexto (grafismos, registros

arqueológicos e ecológicos). A partir desta análise sistemática pode-se inferir interpretações a respeito das estruturas sociais, culturais e cognitivas, entretanto, entendendo que os grafismos rupestres operam dentro de discursos e regras de comportamento e por isso se torna um importante veículo de informação e comunicação.

Diante desta ideia foi realizada a análise dos sítios gráficos da Fazenda Mundo Novo com intuito de se fazer um novo levantamento da área, e sendo assim pôde-se evidenciar a presença de um repertório temático mediante ao levantamento sistemático das similaridades e diferenças entre o conjunto gráfico local com o conjunto gráfico analisado em pesquisas anteriores na região de Xingó. Mesmo diante da diversidade temática encontrada nos três sítios, foi possível identificar a partir do ordenamento e das correlações, as convergências tipológicas entre os sítios de grafismos rupestres situados na área dos terraços e os grafismos do platô.

Observou-se que quanto ao contexto arqueológico, ainda não se tem dados a partir de escavações dos sítios com grafismos rupestres do platô, apenas os sítios dos terraços foram escavados, identificando-se dois grandes cemitérios pré-históricos. Algumas questões são levantadas com relação a esses dados, certamente os caçadores-coletores que habitavam a região dos terraços, praticavam a caça na região mais alta (o platô) e desenhavam as figuras sobre as paredes rochosas, talvez para demarcação de território, já que possuíam um repertório simbólico particular.

Os próprios painéis dos sítios Patrocina e João exibem a utilização de todo o espaço liso da parede para confecção das figuras, talvez esses locais expostos possuíssem públicos diferentes por serem altamente visíveis e notáveis. Mas mesmo assim os dois sítios se diferem quanto ao uso temático das figuras, o que indica que os elementos e a apresentação gráfica podem ter sido utilizados por funções diferentes. Já o Sítio Cândido por ser um abrigo pode ter servido para funcionalidade e público diferente. A grande figura antropomorfa cercada por elementos “astronômicos” no teto pode indicar que o espaço pode ter sido utilizado para fins ritualísticos.

A hipótese levantada aqui de diferenciação de funcionalidades dos sítios pode ser observada a partir da análise do uso dos painéis e do direcionamento que é dado para diferentes públicos dos discursos. Talvez a distinção temática, localização e visibilidade tenham mais a ver com o público direcionado do que com a divergência cultural. Deste modo, as diferenças e a particularidade inferida aos sítios com grafismos rupestres da Fazenda

Mundo Novo, assim como de toda região de Xingó, podem ser um indicativo de que os povos pré-históricos que ali habitaram e expuseram seus signos gráficos compartilharam de um mesmo repertório temático, porém com funcionalidades e intencionalidades diferentes.

Com o objetivo de identificar a presença de um repertório simbólico entre os três sítios, notou-se que entre as características principais pode-se citar a temática geométrica como principal motivo gráfico na construção dos painéis, destacando-se as figuras em bastonetes, grades, as figuras tridáctilas, as circulares, os zig-zags e as “setas”. Dentre as figurativas destacam-se os biomorfos, antropomorfos, figuras que remetem embarcações, assim como a presença de possíveis figuras astronômicas.

Também dentre as similaridades ou convergências entre os sítios Patrocina, João e Cândido são: o tipo e tratamento dos suportes, repertório temático comum, associações, quase ausência de superposição das figuras de modo que a própria figura superposta é apenas uma evidência da anterior, o que indica intencionalidade de continuidade cultural. As diferenças podem ser evidenciadas a partir do uso do repertório, certamente devido a sua funcionalidade e na escolha dos suportes, expostos ou escondidos em abrigo.

Na análise geral foi possível identificar em ambos os locais (platô e terraço) as semelhanças técnicas na execução das figuras, escolhas de suporte em paredes de arenito, predominância da cor vermelha e variações desta nas pinturas, associações entre os grafismos dos bastonetes, antropomorfos e biomorfos com figuras tridáctilas, circulares e linhas sinuosas. Desta forma, pode-se atribuir que existe um repertório comum entre as duas áreas, por mais que existam particularidades nos sítios da Fazenda Mundo Novo que merecem muita atenção.

Ao analisar as diferenças ou particularidades da Fazenda Mundo Novo, observa-se que cada sítio possui a utilização de elementos gráficos de modo diferente, assim como pode-se evidenciar o uso diferenciado de alguns poucos elementos das tradições rupestres, como a tradição Nordeste, Agreste, São Francisco e Geométrica em cada sítio. Enquanto o Sítio Patrocina evidencia grandes antropomorfos geometrizados (Estilo Serra Branca – Tradição Nordeste) cercados por grafismos puros, o sítio João expõe uma grande distribuição de bastonetes e grades (Tradição São Francisco ou Geométrica) também relacionados a grafismos geométricos e o Sítio Cândido, exibe grande variedade de grafismos e elementos da Tradição Agreste, Nordeste e São Francisco.

Desta maneira fica difícil enquadrar os sítios a esta ou aquela tradição, essa dificuldade é possível de verificar em toda região de Xingó. Entretanto, talvez exista na região a presença de uma tradição ou horizonte cultural particular e original que deve ser analisada com cautela em pesquisas futuras. Mesmo os grafismos rupestres de Xingó possuindo em sua grande maioria motivos geométricos, podendo até ser enquadrados na Tradição Geométrica, esse enquadramento se torna inoperante devido a própria tradição ser motivo de discussão entre os pesquisadores e alguns até a vêem como uma tradição inviolável.

Por fim, acredita-se que esse é um estudo preliminar, entretanto, contribui significativamente a partir do levantamento de novos dados e informações, além da tentativa preliminar de compreensão mais ampla a respeito dos sítios com grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo. Todavia é importante destacar que o local estudado é apenas um fragmento que integra um grande número de sítios com representações gráficas rupestres em toda região de Xingó.

Outro ponto que deve ser levantado é que nem toda região do platô foi estudada, a Fazenda Mundo Novo é apenas uma das concentrações de grafismos que se localiza em Sergipe, por isso é necessário que se façam novos levantamentos e estudos em toda região. Da mesma forma que deve ser ressaltado que a outra metade de sítios da fazenda ainda está sendo estudada, inclusive foi feita por nossa equipe a primeira escavação em um sítio com grafismos rupestre da região de Xingó, esses resultados sairão brevemente e assim teremos mais dados sobre o local e compreenderemos melhor sobre o homem pré-histórico, não somente da Fazenda Mundo Novo, mas também da região de Xingó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. O homem dos terraços de Xingó. In: Salvamento Arqueológico de Xingó: **Relatório final. UFS/MAX**. 2002

ALARCÃO, Jorge de. A Arqueologia como semiologia da cultura material. **Revista de Guimarães**, n.º 105, p. 21-44. 1995.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris Velhos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979.

ALVES, Márcia Angelina. Teorias, métodos, técnicas e avanços na Arqueologia Brasileira. **Revista Canindé**, Xingó, n.º 2, dezembro de 2002.

AZEVEDO NETTO. Carlos X. de. **As gravações rupestres do Cerrado o enfoque de seus signos**. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em História da Arte, área de concentração em Antropologia da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro. 1994.

_____. **A Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação**. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro), 2001.

CARVALHO, Admilson Freire de. Uma nova abordagem da Pré-História no Ensino Fundamental: a área arqueológica de Xingó. In: **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Universidade Federal de Sergipe. N.º 6. Dezembro/2005.

CARVALHO, Fernando Lins de. **A Pré-História Sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003.

CONKEY, M. Boundedness in art and society. In: HODDER, Ian. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. (pp. 115-28)

DUARTE, Patrícia. **O ritual e os símbolos: a realização dos grafismos rupestres na região do município de Camalaú-PB. João Pessoa/PB.** (Dissertação de mestrado) Universidade Federal da Paraíba. 2010

ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FUNARI, Pedro Paulo. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme Revista das Humanidades.** Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005. (Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>)

_____. **Arqueologia.** São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

GASPAR, M. **A arte rupestre no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIDON, Niède. Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Revista Clio - Série Arqueológica,** Recife, n. 5, p. 5-10. 1989 a1.

HODDER, Ian. **Symbolic and Structural Archaeology.** Cambridge: University Press, 1982.

_____. **Interpretación en Arqueología: Corrientes actuales.** Trad. Mª José Aubet. Editorial Crítica: Barcelona, 1986.

_____. **Theory and Practice in Archaeology.** London: Routledge, 1992

JONHSEN, Harald; OLSEN, Bjornar. Hermeneutics and Archaeology, on the philosophy of Contextual Archaeology. In: THOMAS, Julian. **Interpretive Archaeology: a reader.** London and New York: Leicester University Press, 2000. (p. 97-117)

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica: Una Introducción**. Ed: Ariel S.A.: Barcelona, 2000.

LAGE, Maria Conceição S. M.; BORGES, Jóina Freitas. A teoria da conservação e as Intervenções no Sítio Boqueirão da Pedra Furada – Parque Nacional Serra da Capivara -PI. **Revista Clio**, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. (Série Arqueologia, 16)

_____ ; BORGES, Jóina Freitas; ROCHA JUNIOR, Simplício. Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação. **Anais do Seminário Internacional Dossiê Arqueologias Brasileiras**, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra. 1. Técnica e linguagem**. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1990.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana Lúcia. Análise preliminar do material cerâmico. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório final. UFS/MAX**. 2002.

MARTIN, Gabriela. Arte Rupestre e Registro Arqueológico no Nordeste do Brasil. **CLIO Série Arqueológica N° 9** – 1993.

_____. O Povoamento Pré-Histórico do Vale do São Francisco. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final. UFS/MAX**. 2002.

_____. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 4 ed. Recife: Editora da UFPE, 2005.

_____ ; GUIDON, Niède. Para uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do Nordeste do Brasil. In: **V Seminário de Arte Rupestre da UFBA e II reunião da ABAR**. 2010.

_____ ; GUIDON, Niède. A onça e os orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do Nordeste do Brasil. In: **Revista Clio – Série arqueológica**. Recife, v.5, n. 1, p. 11-30. 2010

MARTINELLI, Suely A. **Relatório de pesquisa entregue ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq**. Referente ao remapeamento dos sítios de arte rupestre de Xingó. Laranjeiras/SE: Universidade Federal de Sergipe. 2010

_____. **2º Relatório de pesquisa entregue ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.** Referente ao remapeamento dos sítios de arte rupestre de Xingó. Laranjeiras/SE: Universidade Federal de Sergipe. 2010.

_____. **Relatório de diagnóstico de conservação e preservação do sítio arqueológico de Arte Rupestre Mexerica na área da Mina e Usina Pedra do Ferro no município de Caetité-Bahia,** 2011.

MARTINS, Ailton Feitosa. A área de estudo. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final.** UFS/MAX. 2002.

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - MAX - Sítios de registro gráficos de Lagoa das Pedras, Malhada Grande e Mundo Novo. Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão. 2000

MILLER, Danny. Artefacts as products of human categorization processes. In: HODDER, Ian. **Symbolic and Structural Archaeology.** Cambridge: University Press, 1982.

MITHEN, S. J. **A pré-história da mente:** uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ORSER JR. Charles E. **Introdução à Arqueologia Histórica.** Trad. Pedro Paulo Abreu Funari. Belo Horizonte: oficina de livros. 1992

PALMEIRA, José Arnaldo V. Análise Preliminar dos restos faunísticos. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final.** UFS/MAX. 2002.

PATTERSON. Thomas C. Algunas tensiones teóricas en y entre las arqueologías procesalista y post-procesalista. In: HORWITS. Victoria D. **Clásicos de teoría arqueológica contemporânea.** Trad. ORQUERA. Luiz A. Buenos Aires: Sociedade argentina de Antropología. 2007.

PESSIS, Anne-Marie. Métodos de interpretação da Arte Rupestre: análises preliminares por níveis. **Revista Clio – Série Arqueológica.** Recife, v. 1. p. 99-108. 1984.

_____. Registros Rupestres, perfil gráfico e grupo social. **Revista Clio: Série Arqueológica.** v.1. Nº 9. p. 7-14. 1993

_____. Apresentação gráfica e representação social na tradição Nordeste de pintura rupestre no Brasil. **Revista Clio – Série Arqueológica**. Recife: UFPE, n. 5, p. 11-18. 1989a2.

_____. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. **Revista Clio – Série Arqueológica**, Recife, n. 8, p. 35-68. 1992a2.

_____. **Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara**. FUMDHAM/PETROBRAS. 2003.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: UNB, 1992.

_____. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica**. Madrid, Ed. Akal, 1993.

RIBEIRO, Loredana. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). **Revista de Arqueologia**, 21, n.2: 51-72, 2008.

SANTANA, Patrícia Maria Lima de. **Registro e documentação do Sítio João – Fazenda Mundo Novo Canindé de São Francisco/SERGIPE**. Monografia apresentada ao curso de Graduação em Arqueologia /UFS, Laranjeiras, 2011.

SANTOS, Daivisson Batista; SILVA, Suely G. A. Levantamento de Sítios com Arte Rupestre no Domínio Macururé ao longo do Baixo São Francisco – Sergipe. In: **Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó**. UFS/CHESF/PETROBRÁS, 2002.

SANTOS, Jenilton F. Arqueoturismo no Semi-árido Sergipano: o desafio da conservação de um patrimônio Milenar. Caderno Virtual de Turismo, vol. 7, núm. 2, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. 2007, p. 35-46.

SANTOS, Onésimo Jerônimo; SILVA, Daniela. Análise Preliminar do material lítico. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final**. UFS/MAX. 2002

SEDA, Paulo. A questão das interpretações em arte rupestre no Brasil. **CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História - Série Arqueológica**, Recife, UFPE, n. 12, 1997, p. 139-67.

SHANKS, M; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

SILVA, Daniela Cisneiros. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. 2008.

SILVA, Suely Gleyde Amâncio. **Arte Rupestre em Xingó**. Universidade Federal de Sergipe/CHESF/PETROBRAS/PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ, 1997.

_____.Análise Preliminar da Arte Rupestre. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final**. UFS/MAX. 2002

SOUZA, Harley A. de. **O desgaste da pintura rupestre e dos abrigos sob rocha na reserva particular do patrimônio natural (RPPN) Pousada das Araras em Serranópolis-Goiás: Condicionantes Naturais**. (Dissertação de mestrado profissional em gestão do patrimônio cultural área de concentração: Arqueologia) pela Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2005.

SOUZA, Vanessa S. et al. A Arte Rupestre como Patrimônio Cultural. II Jornada de **Pesquisa Científica do GEMPS/CNPq**. Museologia e História Cultural: intercâmbios possíveis. 25 a 27 de abril de 2012. Aracaju – SE ISSN: 2238-5606.

TRIGGER, Brice. **A História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus, São Paulo, 2004.

VERGNE, Maria Cleonice; CARVALHO, Francisco. Grafismos Geométricos: Hipótese ou realidade na área do Baixo São Francisco? In: **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Universidade Federal de Sergipe. Nº 1. Dezembro/2001.

_____; NASCIMENTO, Ana Cristina do. O desenvolvimento do projeto. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final**. UFS/MAX. 2002

_____. Análise preliminar dos enterramentos. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final**. UFS/MAX. 2002

APÊNDICES

